



O futuro da água é agora!

Uma experiência de educomunicação socioambiental em Santo André





O futuro da água é agora!

Uma experiência de educomunicação
socioambiental em Santo André





O futuro da água é agora!

Uma experiência de educomunicação socioambiental em Santo André

Prefeitura Municipal de Santo André

Serviço Municipal de Saneamento Ambiental de Santo André

Comitê da Bacia Hidrográfica do Alto Tietê

Fundo Estadual de Recursos Hídricos do Estado de São Paulo (FEHIDRO)

Santo André - 2024



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Água, Câmera e Ação. O futuro da água é agora! : uma
experiência de educomunicação socioambiental em
Santo André /organização Elaine Cristina da Silva
Colin. --Santo André, SP : Semasa, 2024.
-- (Água, câmera e ação)

Vários autores.
ISBN 978-85-89090-05-6

1. Água - Aspectos ambientais 2. Comunicação
3. Educação ambiental 4. Santo André (SP)
I. Colin, Elaine Cristina da Silva. II. Série.

24-196452

CDD-304.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação ambiental 304.2

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



Aos jovens que participaram do Projeto Água, Câmera e Ação,
renovando nossa esperança no campo da educação ambiental
e que nos permitiram viver e compartilhar esta experiência.
E a todos que aspiraram e realizaram esta iniciativa conosco.



Prefácio

A educação ambiental é um processo que visa contribuir para a formação de cidadãos capazes de compreender o mundo e agir nele de forma crítica e transformadora. Para que este patamar seja atingido é fundamental a implementação de processos de informação, sensibilização e aprendizagem que objetivam a construção de uma sociedade sustentável. Diante desta realidade, Santo André é pioneira em diversas ações no que diz respeito à educação ambiental, já que atua de forma descentralizada e contínua com a referida temática.

O Semasa (Serviço Municipal de Saneamento Ambiental de Santo André), em 1998, ganha uma perspectiva mais ampla: a do saneamento ambiental, abrangendo ações relativas à proteção do meio ambiente e promovendo a gestão ambiental.

Em setembro de 2015, com a publicação de uma Política Municipal de Educação Ambiental (Lei nº 9.738), construída de forma totalmente participativa, Santo André segue como uma cidade precursora e inovadora em suas ações relativas à temática.

Permeando todas as ações de gestão ambiental, está a educação ambiental, que sempre atuou na coordenação e implementação de programas e projetos com vistas à melhoria da qualidade de vida e do meio ambiente.

A Política Municipal de Educação Ambiental estabelece diretrizes e estratégias coesas para todos os segmentos que atuam com a temática na cidade, além de promover a articulação entre diversos setores, oferecendo uma gestão territorial sustentável e educadora. Além disso, cria uma identidade para Santo André, que sempre foi referência no assunto.

Com um corpo técnico qualificado e engajado, a educação ambiental já desenvolveu diversos projetos, que são motivos de orgulho para nossa cidade.

Uma dessas brilhantes iniciativas é o Projeto Água, Câmera e Ação, coordenado pelo Departamento de Gestão Ambiental, por meio da Gerência de Educação e Mobilização Ambiental e financiado pelo FEHIDRO e Semasa.

O projeto teve como temática os recursos hídricos e o uso de metodologias educativas e de comunicação. Todo o processo foi de formação e de estímulo à criatividade e potencialidade do protagonismo jovem no intuito de fomentar ações de educomunicação com vistas a uma construção social rumo à sustentabilidade de nosso planeta.

Foi todo um processo de participação de jovens cidadãos, que, com base em suas experiências individuais, estimuladas por metodologias e técnicas de educomunicação, produziram materiais audiovisuais demonstrando em cada detalhe, e por diferentes olhares, o quanto a busca por um ambiente harmônico e sustentável é importante para a vida.

Esta publicação é um convite a desfrutar e conhecer a valiosa experiência.

Eriane Justo Luiz Savóia

Diretora do Departamento de Gestão Ambiental do Semasa

Ajan Marques de Oliveira

Superintendente do Semasa

Sobre a publicação

Esta publicação se constitui como uma das estratégias de continuidade do Projeto “Água, Câmera e Ação - vídeo comunidade”, financiado e implementado pelo Fundo Estadual de Recursos Hídricos do Estado de São Paulo (FEHIDRO) e pelo Serviço Municipal de Saneamento Ambiental de Santo André (Semasa) entre os anos de 2020 e 2022.

A compilação destes textos tem como objetivos estimular a reflexão sobre as questões ambientais, com foco na conservação e gestão da água e contribuir com a atuação em educação ambiental por diversos setores (poder público, sociedade civil, iniciativa privada), visando à socialização do conhecimento sobre a metodologia adotada no projeto e lições aprendidas de modo que possa ser uma inspiração para novas práticas de educomunicação socioambiental tendo a educação ambiental como tema transversal e interdisciplinar comprometida com o exercício da cidadania e com a transformação socioambiental.

O Água, Câmera e Ação trouxe um olhar atento ao território do município de Santo André e, ainda, foi um processo de construção conjunta que valorizou a percepção socioambiental e a criatividade dos jovens andreenses, potencializando não só as vozes que já existiam em cada comunidade atendida, mas também as vozes e ações que ainda podem surgir a partir de seus resultados.

Os capítulos iniciais contextualizam os temas que permearam o projeto, como o papel da educação ambiental na gestão e conservação das águas trazendo as nuances da contribuição da Câmara Técnica de Educação Ambiental do Comitê do Alto Tietê, na avaliação e acompanhamento de projetos educativos financiados pelo FEHIDRO e implementados na Bacia Hidrográfica do Alto Tietê; os princípios da educomunicação, que foi a metodologia base da iniciativa; a relação entre fotografia e meio ambiente, considerando sua importância na arte audiovisual e o protagonismo juvenil que nos guiou em todo o processo. Os demais capítulos trazem os relatos da jornada do Projeto Água, Câmera e Ação em suas diversas etapas e sobretudo as lições aprendidas.

Que esta leitura seja tão inspiradora para você quanto foi vivenciar o Água, Câmera e Ação para nós!

Equipe Água, Câmera e Ação

Sumário

Papéis da educação ambiental na gestão das águas	11
Aspectos legais na construção de políticas públicas de educação ambiental e sua abordagem transdisciplinar	13
As ações humanas como causa de impactos ambientais e suas consequências	14
Educação ambiental na proteção dos recursos hídricos	16
Educação ambiental na gestão dos recursos hídricos no Estado de São Paulo	17
Atuação da Câmara Técnica de Educação Ambiental do Comitê da Bacia Hidrográfica do Alto Tietê	17
Educomunicação e protagonismo social ressignificando os processos de sensibilização ambiental em diferentes espaços	22
O que, afinal, é educomunicação?	24
Interfaces entre educomunicação e educação ambiental	26
Estratégias de educomunicação socioambiental	26
Fotografia e educação ambiental	28
A vista da janela em Le Gras	30
A fotografia como o marco do início de uma revolução cultural	31
As tais fotografias do planeta Terra e a educação ambiental	31
Fotografia e educação ambiental	33
Educação ambiental e o protagonismo juvenil	34
Protagonismo juvenil socioambiental	36
O protagonismo juvenil no contexto do Projeto Água, Câmera e Ação	38
O Projeto Água, Câmera e Ação - do planejamento à prática no território andreense	42
O Água, Câmera e Ação no território andreense	48
O Água, Câmera e Ação e suas etapas	50
O Projeto Água, Câmera e Ação e seus resultados	69
Avaliação geral do projeto	71
O Água, Câmera e Ação e o Prêmio Cidades Educadoras	72
Do cotidiano às telas - o processo educacional do Água, Câmera e Ação	75
Módulo 1: Descrição dos vídeos	81
Módulo 2: Descrição dos vídeos	81
Interfaces entre meio ambiente e empreendedorismo digital: relato deste percurso pedagógico no Água, Câmera e Ação	95
Relato do percurso pedagógico no Água, Câmera e Ação	97
Sobre o percurso pedagógico do módulo III	99
Os primeiros encontros da turma	99
Os encontros nove e dez - conclusão e avaliação do módulo	108
Água, Câmera e Ação - transformando olhares para além das telas	109
A percepção ambiental dos jovens sobre o território	111
Avaliação das fichas de entrada e fichas de saída	113
Avaliação dos vídeos produzidos e o olhar jornalístico	117
Referências bibliográficas	119
Anexos	129
Sobre os autores e autoras	135
Agradecimentos	139
Créditos Institucionais	143





Papéis da educação ambiental na gestão das águas

AUTORES:

Allan Santos de Oliveira, Francisca Adalgisa da Silva e Maria Fernanda Romanelli



Filmagens - Turma do Parque do Pedroso - Água, Câmera e Ação

Papéis da educação ambiental na gestão das águas

***“Todos têm o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”
(BRASIL, 1988).***

É quase que um jargão trazer o artigo nº 225 de nossa Constituição para falar sobre meio ambiente ou educação ambiental, mas seu uso neste texto é sobretudo para lembrar do grande desafio que todos nós temos diante do contexto socioambiental em que vivemos, principalmente quando falamos de um bem comum fundamental à vida: a água.

Considerando as múltiplas crises da atualidade, seja nas dimensões social, política, econômica, cultural ou ambiental, a educação é citada como a solução para diversos problemas e, por se falar tanto sobre isso, este processo muitas vezes é banalizado, ou seja, se torna algo em que se fala muito e que tem uma prática que nem sempre condiz com o seu verdadeiro significado. Sem dúvida, o processo educativo é indispensável, mas a solução desta crise depende de outros fatores e, ainda que a educação desempenhe um papel essencial, é preciso refletir sobre como esta educação é vista e qual a abordagem que realmente cria condições para que o seu verdadeiro papel seja cumprido: o de transformação social.

A educação ambiental que visa à transformação social não é uma prática solitária, ela depende de articulação social em seus diversos segmentos de forma contínua e complementar, por meio de papéis distintos nas escolas, comunidades, empresas e nas diferentes esferas de governo. Na prática, esta articulação e complementariedade nem sempre acontecem, mas trazemos neste texto reflexões e caminhos no âmbito do Estado de São Paulo para que tais sinergias sejam mais factíveis.

Pensando na educação ambiental e suas interfaces com a gestão das águas, abordaremos os diferentes papéis deste processo, incluindo aspectos legais, seus princípios e sua importância na proteção das águas no contexto socioambiental contemporâneo, bem como aspectos relacionados à atuação da Câmara Técnica de Educação Ambiental (CTEA) do Comitê da Bacia Hidrográfica do Alto Tietê (CBH-AT).



Aspectos legais na construção de políticas públicas de educação ambiental e sua abordagem transdisciplinar

As normativas legais, tanto em âmbito federal quanto estadual, estabelecem os papéis fundamentais da educação ambiental, associando-a à construção de conhecimentos e ao processo de aprendizagem. As leis têm como objetivo facilitar o acesso da sociedade a informações confiáveis e transparentes sobre a realidade socioambiental. Além disso, por meio da legislação podem ser estabelecidas diretrizes para a formulação de Programas de Educação Ambiental (PEA).

A Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA - Lei Federal nº 9.795/1999) define os princípios básicos que devem ser adotados para a educação ambiental e estabelece a importância desta ferramenta como um processo no qual indivíduos e comunidades constroem valores, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente.

No artigo segundo da referida lei, a educação ambiental é citada como um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal.

Além disso, a PNEA envolve em sua esfera de ação, além dos órgãos e entidades integrantes do Sistema Nacional de Meio Ambiente (Sisnama), instituições educacionais públicas e privadas dos sistemas de ensino do país, os órgãos públicos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, e organizações não-governamentais (Lei 9.795/1999).

Já nos termos dos artigos 205 e 225 da Constituição Federal de 1988, incumbe ao poder público a definição de políticas públicas que incorporem a dimensão ambiental, viabilizando a educação ambiental em todos os níveis de ensino e o engajamento da sociedade na conservação, recuperação e melhoria do meio ambiente.

Em conformidade com os princípios e objetivos da PNEA, o Estado de São Paulo criou a Lei nº 12.780, de 30 de novembro de 2007, que institui a Política Estadual de Educação Ambiental, que complementa a definição de educação ambiental, enfatizando que ela não está limitada apenas ao meio ambiente e à natureza, mas também está relacionada à qualidade de vida e a questões sociais. A educação ambiental é vista como um processo contínuo de aprendizagem e formação, tanto individual quanto coletivo, cujo objetivo é refletir e construir valores, saberes, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências.

A lei também reforça o conceito de transversalidade na educação formal, orientando sua abordagem interdisciplinar e a exploração do tema nos diferentes graus do ensino – reconhecendo que educação ambiental não deve ser uma disciplina específica, mas inserida no dia a dia da escola de forma transversal, permeando todas as áreas do conhecimento (Lei 12.780/2007).

Portanto, a transversalidade amplia os benefícios da educação ambiental ao abordar uma série de temas relacionados a contextos socioambientais, incluindo questões envolvendo as mudanças climáticas e os recursos hídricos, preparando os indivíduos para compreender e enfrentar as múltiplas dimensões de tais temáticas que compõem questões urgentes e desafiadoras que o mundo enfrenta atualmente.



As ações humanas como causa de impactos ambientais e suas consequências

O aumento das temperaturas, as mudanças nos padrões de precipitação e os eventos climáticos extremos têm se intensificado significativamente nas últimas décadas, ameaçando o bem-estar das pessoas, bem como a sustentabilidade do planeta. Nesse contexto, a educação ambiental emerge como uma poderosa ferramenta para abordar essas questões e promover a ação coletiva em direção a um futuro sustentável.

As mudanças climáticas são alterações que ocorrem no clima geral do planeta Terra, podendo afetar não somente a biodiversidade, mas também outros aspectos como economia, saúde e segurança. Essas alterações são acompanhadas por meio das verificações de registros científicos dos valores médios ou desvios da média, apurados anualmente durante uma escala de tempo. Nas últimas décadas, grande parte da comunidade científica vem fazendo alertas sobre as mudanças que estão ocorrendo em um ritmo muito mais acelerado, comparado ao passado.

Segundo Fleury (2019), em uma pesquisa realizada em 2013 pela Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, foi trazida uma perspectiva alarmante sobre as mudanças climáticas. Segundo o estudo, durante este século, as mudanças climáticas podem ocorrer em um ritmo dez vezes maior do que qualquer outra alteração climática nos últimos 65 milhões de anos.

Isso sugere que os ecossistemas terão menos tempo para se adaptar às novas condições climatológicas, podendo levar a uma perda significativa de biodiversidade, já que muitas espécies podem não ser capazes de se adequar rápido o suficiente a esses novos contextos.

Em 2013, o relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, em inglês), patrocinado pela Organização das Nações Unidas (ONU), apontou que as mudanças climáticas são um fato e que, provavelmente, a humanidade tenha boa parte da culpa (IPCC, 2013). O relatório destaca a urgência de medidas imediatas para mitigar os impactos das mudanças climáticas. Nesse sentido, a educação ambiental se destaca como uma abordagem transversal que pode permear todos os aspectos da sociedade e impactar positivamente a percepção e o comportamento das pessoas em relação às mudanças do clima.

A presente crise ecológica nos conduz a uma revisão de paradigmas, à reflexão sobre a participação do coletivo na construção de um modelo de políticas ambientais focadas na sustentabilidade do planeta e na preservação de todas as espécies. A relação entre sociedade e meio ambiente vem se afirmando como uma das principais preocupações, tanto no campo das políticas públicas quanto no da produção de conhecimento, tendo como pano de fundo a questão de como abordar os problemas ambientais de modo a caminhar rumo a sociedades mais sustentáveis.

É importante lembrar que a relação entre ser humano e meio ambiente nunca se deu de modo a garantir a existência de todas as formas de vida no planeta. Para uma compreensão mais profunda do presente, é imperativo compreender o passado. As sociedades primitivas estabeleciam uma relação que, embora aparentemente harmoniosa, era predatória com a natureza, levando em consideração a escala populacional e os meios de produção.

Segundo Faladori (2004), a imagem de sociedades pré-industriais ou pré-capitalistas vivendo em harmonia com a natureza tem o apelo de, presumivelmente, oferecer exemplos tangíveis de convivência equilibrada com o meio ambiente”.



No entanto, é crucial destacar o papel dos caçadores paleolíticos na extinção de animais em continentes de colonização tardia. Isso fornece uma evidência dos efeitos diretos e indiretos que sociedades com tecnologias simples são capazes de provocar a longo prazo sobre o meio ambiente, embora outras variáveis, como as mudanças climáticas, tenham um papel relevante nesse processo.

A fragmentação do habitat, resultante da derrubada das matas, caça indiscriminada, destruição da megafauna e da introdução de espécies predadoras exóticas, não difere qualitativamente daquelas que hoje são identificadas como responsáveis pela extinção de espécies. Não são necessárias máquinas de desmatamento em larga escala para provocar grandes danos ambientais. A ação humana, quando não planejada e sincronizada com a capacidade de resiliência dos ecossistemas, em menor ou maior grau, sempre afetou ou afetará o meio ambiente.

Em um nível orgânico, é importante enfatizar que a história registra intervenções humanas com consequências significativas. Segundo Cao & Guiton (2018), nas atividades de coleta e caça, os homínídeos adquiriram parasitas específicos aos primatas e outros microrganismos, que transformaram os ecossistemas. Há aproximadamente 10 mil anos, a domesticação de plantas e animais resultou em alterações radicais. O sedentarismo, as novas dietas, as concentrações populacionais, o acúmulo de resíduos, a presença de animais domésticos e de plantas afetaram profundamente a evolução de alguns microrganismos. É plausível que muitas infecções contemporâneas, como tuberculose e antraz, tenham sua origem nesse momento histórico com a domesticação de animais, o contato direto e o consumo de produtos derivados deles.

Outros exemplos notáveis incluem as epidemias de varíola entre os anos 251 e 266 d.C., a peste bubônica nos séculos XIII e XIV e as catástrofes provocadas pelas epidemias na América espanhola do século XVI. Estes são exemplos eloquentes de uma relação pouco harmônica com a natureza externa e interna ao ser humano, embora esses resultados tenham sido indiretos e não intencionais.

Quanto ao avanço tecnológico, existe uma corrente de pensamento que o aponta como um dos principais responsáveis pelos grandes danos causados à natureza. Não se pode negar que a poluição gerada por veículos e indústrias, e a consequente contaminação das águas e do ar, atingiram em alguns lugares índices insuportáveis.

De fato, esse fenômeno decorre principalmente do desenvolvimento tecnológico e do capitalismo, sistema econômico adotado por grande parte da humanidade. É importante lembrar que por trás das máquinas e do sistema existe sempre a mente humana que pode utilizá-los como lhe convier para o bem do próximo e do planeta ou em detrimento dele. Portanto, é necessário repensar o industrialismo e os sistemas econômicos.

É imperativo a existência de alternativas para satisfazer as necessidades básicas do homem moderno. Talvez algumas sugestões possam ser acopladas a sistemas tecnológicos elementares e ao uso de fontes energéticas renováveis. Essas tecnologias podem contribuir para a sustentabilidade do meio ambiente, demonstrando que o avanço tecnológico, quando bem direcionado, pode ser uma ferramenta poderosa para a preservação e recuperação do nosso planeta.

A crise ambiental que a humanidade enfrenta hoje, e que tende a se intensificar no futuro caso os seres humanos não mudem sua relação e interação com o meio, não tem somente como consequência o desenvolvimento tecnológico e sim o distanciamento do homem da Terra e de sua origem.



Os indivíduos e o meio ambiente adaptam-se mutuamente, eles coevoluem numa dança contínua. Se o desenvolvimento tecnológico e as necessidades de conforto do homem moderno não respeitam o processo evolutivo dos ecossistemas, conseqüentemente provoca-se um desequilíbrio, cujos resultados podem não favorecer a continuidade da espécie humana e dos demais seres que habitam o planeta Terra.

Os problemas ambientais não podem ser ignorados. As mudanças climáticas unificam as diversas problemáticas existentes, realizando perfeitamente a associação da inter-relação entre os fenômenos e os ciclos de vida. Tão importante na ecologia, elas surgem como uma preocupação de todos, que unifica ideologicamente a sociedade, pois representa um desafio para a continuidade da própria espécie humana. Cada vez mais, fica evidente a necessidade do desenvolvimento de tecnologias menos poluentes e mais econômicas, ao mesmo tempo em que são necessários métodos de fiscalização, controle, prevenção, remediação e limpeza de danos ao meio ambiente mais eficientes.

O desafio do homem moderno não é voltar a viver como os homens primitivos, ou retornar aos tempos pré-industriais, mas, sim, buscar o equilíbrio entre desenvolvimento tecnológico e recuperação e preservação ambiental.

Educação ambiental na proteção dos recursos hídricos

Não é novidade que a água é um recurso vital para a vida na Terra e está diretamente relacionada às mudanças climáticas. O aumento das temperaturas e a alteração dos padrões de precipitação afetam a disponibilidade e a qualidade da água, sendo que a gestão sustentável dos recursos hídricos é essencial para a preservação do meio ambiente e garantia de qualidade de vida para as presentes e futuras gerações.

No contexto específico dos recursos hídricos, a educação ambiental desempenha um papel vital na sensibilização dos indivíduos sobre a importância da proteção da água e na promoção de práticas de conservação, uma vez que é imperativo ensinar a sociedade sobre a gestão adequada dos recursos hídricos e os efeitos das mudanças climáticas nesses recursos. Ou seja, a relação entre a educação ambiental e a água é essencial no contexto socioambiental atual.

A educação ambiental tem como objetivo promover o conhecimento e a valorização do meio ambiente, bem como estimular atitudes e práticas sustentáveis (YURIE, 2022). Os processos de sensibilização da população sobre a importância dos recursos hídricos são essenciais para garantir o seu uso racional e sua preservação, visando a sustentabilidade dos ecossistemas aquáticos e a manutenção da disponibilidade de água em quantidade e qualidade adequadas para todos os usos (Educação Ambiental e Recursos Hídricos).

Dessa forma, essa relação é uma via de mão dupla. Por um lado, a educação ambiental contribui para a sensibilização da sociedade sobre a importância da conservação e uso sustentável dos recursos hídricos (Educação Ambiental e Recursos Hídricos) e, por outro lado, a gestão adequada e sustentável da água só é possível por meio da educação ambiental, que promove a mudança de atitudes e comportamentos em relação ao meio ambiente.

É imprescindível ressaltar que a educação ambiental não se circunscreve exclusivamente às instituições de ensino, mas sim permeia todos os segmentos da sociedade. A sensibilização acerca dos recursos hídricos deve ocorrer em múltiplas esferas, abrangendo ações individuais, comunitárias e governamentais. A participação ativa da população na definição e implementação de medidas relacionadas à preservação e conservação da água é primordial para assegurar uma gestão sustentável e equitativa.



Estamos vivenciando um momento histórico em que a informação desempenha um papel crucial no processo de formação e disseminação de conceitos na sociedade. A educação surge como uma ferramenta poderosa para motivar e sensibilizar as pessoas, incentivando-as a transformar suas diversas formas de participação em defesa da qualidade de vida.

Nesse contexto, a corresponsabilização dos indivíduos emerge como um objetivo essencial para o desenvolvimento sustentável, a qualidade da água e a definição dos papéis dos diferentes atores sociais. Esses elementos estão alinhados com as diretrizes do Programa Nacional de Recursos Hídricos, reforçando a importância de uma abordagem integrada para a gestão da água.

Educação ambiental na gestão dos recursos hídricos no Estado de São Paulo

Sob a ótica da corresponsabilidade apresentada anteriormente, o Estado de São Paulo deve fomentar ações que visem à promoção da educação, seja ela formal ou não formal. Estas ações devem obedecer aos preceitos previstos tanto na Constituição Federal quanto na Estadual.

A Lei Estadual nº 9.866/97, que dispõe sobre diretrizes e normas para a proteção e recuperação das bacias hidrográficas dos mananciais de interesse regional do Estado de São Paulo, em seu Capítulo II, vincula a gestão das Áreas de Proteção e Recuperação de Mananciais ao Sistema Integrado de Gerenciamento dos Recursos Hídricos (SIGRH) em articulação com os Sistemas de Meio Ambiente e de Desenvolvimento Regional, estabelecidos pela mesma composição paritária de representantes do estado, dos municípios e da sociedade civil.

A estruturação do Sistema de Planejamento e Gestão ocorre hoje em um contexto de demandas de variadas naturezas, destacando-se a necessidade de respostas imediatas como a continuação da implementação do Plano Emergencial e de demandas decorrentes da Lei 9.866/97, tais como a elaboração dos instrumentos de planejamento e gestão, entre eles o Plano de Desenvolvimento e Proteção Ambiental (PDPA), a Lei Específica das Bacias Hidrográficas da sub-região, a interpretação e aplicação da Lei de Cobrança do Uso da Água (PL 676/675) e o Relatório de Situação.

O SIGRH é baseado nos princípios de participação, descentralização e integração na gestão sustentável dos recursos hídricos, de acordo com a Lei de Águas Paulista (nº 7.663/1991). É composto por membros do estado, dos municípios e da sociedade civil e tem como base o Plano Estadual de Recursos Hídricos (PERH), documento elaborado a cada quatro anos, a partir dos Planos de Bacia específicos de cada um dos 21 Comitês de Bacias Hidrográficas do Estado. Três órgãos fazem a coordenação e integração do SIGRH: o Conselho Estadual de Recursos Hídricos (CRH); os Comitês de Bacias Hidrográficas (CBH) e o Comitê Coordenador do Plano Estadual de Recursos Hídricos (CORHI) (Sistema Integrado de Gerenciamento dos Recursos Hídricos do Estado de São Paulo).

O papel do Conselho Estadual de Recursos Hídricos é de extrema relevância. O CRH é responsável por formular e implementar políticas públicas relacionadas aos recursos hídricos, visando a sua gestão integrada e sustentável (Conselho Estadual de Recursos Hídricos - CERH). Além disso, o CRH atua na promoção da participação social na gestão dos recursos hídricos, garantindo a representação dos diversos setores da sociedade.

No âmbito da educação ambiental, o CRH desempenha um papel destacado ao promover a compreensão da importância dos recursos hídricos e da sua conservação. Por meio de campanhas de sensibilização, programas educativos e capacitações, o CRH contribui para a formação de uma sociedade mais consciente e engajada na preservação e melhor uso dos recursos hídricos.



O CRH é composto por sete Câmaras Técnicas que possuem carácter consultivo e que tem por finalidade assessorar o conselho em seus trabalhos. Uma das Câmaras Técnicas do CRH é a Câmara Técnica de Educação Ambiental, Capacitação, Mobilização Social e Informações em Recursos Hídricos (CTEA).

O item V do Artigo 16 do Plano Estadual de Recursos Hídricos (Lei 7.663/91) orienta algumas bases para a funcionalidade do aparato do Sistema Integrado de Gerenciamento dos Recursos Hídricos, quando preconiza a implementação de programas de desenvolvimento institucional, tecnológico e gerencial, de valorização profissional e da comunicação social, no campo dos recursos hídricos.

Visando à construção de um entendimento comum sobre o que é educação ambiental na Gestão Integrada dos Recursos Hídricos, bem como à elaboração de documento normativo/orientativo que apresente suas diretrizes, em 2019 foi publicada a Deliberação CRH Nº 231/2019, que “estabelece diretrizes para a elaboração dos Programas de Educação Ambiental das Bacias Hidrográficas e o desenvolvimento de Projetos e Ações de Educação Ambiental”. Essa deliberação foi desenvolvida pela CTEA do CRH, com ampla participação das Câmaras Técnicas de Educação Ambiental dos 21 Comitês de Bacias Hidrográficas do Estado de São Paulo.

No que diz respeito aos Programas de Educação Ambiental das Bacias Hidrográficas, ela estabelece que estes são o principal instrumento de planejamento a ser elaborado, aprimorado ou atualizado, a fim de tornar as ações de educação ambiental mais efetivas na gestão de recursos hídricos.

A deliberação também aponta que tais programas devem ser parte integrante do Plano de Bacia Hidrográfica, com o objetivo de orientar o desenvolvimento de projetos e ações de educação ambiental de forma contextualizada com as questões apontadas como prioritárias na Bacia Hidrográfica.

Por fim, ela ainda aponta que os programas devem ter sua elaboração, aprimoramento e atualização acompanhados preferencialmente pelas Câmaras Técnicas de Educação Ambiental dos respectivos Comitês de Bacias Hidrográficas, e ou por instâncias de atribuição e denominações equivalentes.

Desta forma, a Deliberação CRH Nº 231/2019 contribui substancialmente com a orientação para o desenvolvimento de projetos e ações de educação ambiental nas bacias hidrográficas, de forma a atender as suas prioridades específicas, contribuindo também para o amadurecimento e fortalecimento da educação ambiental no âmbito dos Comitês de Bacias Hidrográficas e reforçando o papel estratégico das Câmaras Técnicas de Educação Ambiental.

Atuação da Câmara Técnica de Educação Ambiental do Comitê da Bacia Hidrográfica do Alto Tietê

Criada em 2009 pela Deliberação CBH-AT nº 09/2009, posteriormente recriada (Deliberação CBH-AT nº 21/2016) e ativa até a presente data, a CTEA do CBH-AT integra o comitê junto a outras quatro câmaras técnicas. É composta por representantes titulares e suplentes dos segmentos da sociedade civil, do Estado de São Paulo e dos municípios paulistas pertencentes à Bacia Hidrográfica do Alto Tietê. Tais membros são nomeados a cada biênio, sendo indicado um coordenador e um secretário que faz o registro das reuniões.

De acordo com a Deliberação CBH-AT nº 21/2016 vigente, a câmara possui doze atribuições, conforme quadro a seguir.

Atribuições da Câmara Técnica de Educação Ambiental do Comitê da Bacia Hidrográfica do Alto Tietê

Atribuições da CTEA	Característica
<p>Propor diretrizes para planos, programas e projetos de educação ambiental, capacitação e mobilização social, com base no diagnóstico e na sistematização dos problemas e potencialidades socioambientais da Bacia Hidrográfica do Alto Tietê, e que atendam o Tratado de Educação Ambiental, Políticas Nacional e Estadual de Educação Ambiental e o Plano de Bacia do CBH-AT.</p>	Planejamento
<p>Definir critérios, indicadores e normatizações para elaboração e análise de projetos de educação ambiental, que visem à tomada de recursos do FEHIDRO, em articulação com a Câmara Técnica de Gestão de Investimentos (CTGI).</p>	
<p>Orientar e estimular políticas públicas em educação ambiental para recursos hídricos a partir de amplo diálogo democrático e transparente com os setores governamentais e não governamentais</p>	Orientação, articulação e capacitação
<p>Propor, analisar e contribuir com mecanismos de articulação, cooperação e integração do poder público, os setores usuários e a sociedade civil quanto à educação e capacitação em Recursos Hídricos no âmbito do CBH-AT.</p>	
<p>Organizar e articular a rede de instituições ou indivíduos que realizam projetos de qualidade em educação ambiental na Bacia do Alto Tietê</p>	
<p>Participar das atividades relativas à educação ambiental no âmbito do Sistema Integrado de Gerenciamento de Recursos Hídricos do Estado de São Paulo (SIGRH).</p>	
<p>Colaborar com a inserção da educação ambiental em projetos, programas, planos e políticas públicas intersetoriais.</p>	Transversalidade
<p>Estimular a disseminação e a divulgação de informações relacionadas à gestão dos recursos hídricos por meio de processos de educação, comunicação, sensibilização e mobilização social que envolvam a sociedade civil e os poderes públicos municipais e estaduais.</p>	Comunicação, sensibilização e mobilização
<p>Estimular os municípios para a criação ou fortalecimento de políticas municipais de educação ambiental.</p>	
<p>Discutir e propor ações educativas e de mobilização social para utilização racional dos recursos hídricos na Bacia do Alto Tietê.</p>	
<p>Avaliar e monitorar os projetos de educação ambiental financiados com recursos do FEHIDRO ou de outras fontes de financiamento, no âmbito do Comitê do Alto Tietê, com base em parâmetros, critérios e indicadores criados de forma participativa pela CTEA.</p>	Monitoramento e avaliação
<p>Realizar diagnóstico das ações de educação ambiental executadas na Bacia do Alto Tietê e os seus resultados alcançados.</p>	



De maneira geral, a CTEA realiza reuniões periódicas onde ocorrem o planejamento e a execução das ações de educação ambiental que estão previstas na referida deliberação e/ou que serão previstas no Plano de Trabalho, que é documento norteador das ações de acordo com suas prioridades, respeitando o calendário do biênio vigente.

As ações do Plano de Trabalho envolvem aquelas que estão previstas em documentos, tais como o Plano de Comunicação da Bacia do Alto Tietê e o Plano de Capacitação CBH-AT. Outras demandas podem ser inseridas de acordo com necessidades observadas pelo comitê ao longo de sua gestão.

O CBH-AT também realiza reuniões conjuntas entre as câmaras técnicas e membros da FABHAT (Fundação Agência Bacia Hidrográfica do Alto Tietê) onde são discutidos temas de interesse de todo o comitê, tais como a elaboração e revisão do Plano de Ação e Programa de Investimentos do FEHIDRO (PAPI) e dos Relatórios de Situação, a proposição de Deliberações. Tais revisões, quando ocorrem, trazem uma demanda elevada dada a importância de um planejamento democrático e assertivo, visando melhor utilização dos recursos a serem disponibilizados.

É também durante as reuniões conjuntas que ocorrem apresentações das análises dos projetos inscritos nas chamadas para recebimento das propostas de empreendimentos a serem financiados com recursos do FEHIDRO. Da mesma forma que o planejamento e revisão de documentos, tal processo de análise e sua referida apresentação ao comitê trazem uma demanda significativa, uma vez que são necessárias revisões individuais da documentação enviada pelos tomadores, além de agendamento de reuniões entre os analistas voluntários para tomada de decisão e apresentação às câmaras técnicas, podendo, ainda, ser complementado e novamente revisado.

Visando minimizar a ocorrência de projetos inabilitados após as análises ou melhorar o entendimento do funcionamento do comitê e de conceitos vinculados à gestão dos recursos hídricos, a CTEA auxilia no planejamento e execução de oficinas, cursos, encontros, divulgações, entre outras estratégias, de modo a capacitar e informar tomadores, membros do CBH-AT ou até mesmo a população em geral. Apesar disso, ainda há certa dificuldade em alcançar resultados satisfatórios quanto à aprovação dos projetos pelo comitê, além do desconhecimento de parcela da população sobre a atuação do CBH-AT na gestão das águas.

Outro aspecto negativo em relação à educação ambiental na gestão de recursos hídricos que a CTEA enfrenta diz respeito à aplicação de indicadores de avaliação do cumprimento de metas de projetos FEHIDRO. Isso se dá pela dificuldade de mensuração dos impactos positivos da educação ambiental pela melhoria da qualidade e proteção dos corpos hídricos, que por vezes não são mensuráveis, demandando processos educativos transformadores contínuos para além do período de execução dos projetos aprovados.

Na mesma linha, tomadores de projetos de educação ambiental também enfrentam dificuldades em apresentar as metodologias de avaliação dos resultados de seus projetos.

Com isso, membros das demais câmaras técnicas costumam apresentar críticas quanto à necessidade de utilizar indicadores qualitativos e quantitativos que demonstrem melhorias dos corpos hídricos, o que nem sempre é possível.

Uma forma de contornar esse problema seria por meio de uma melhor compreensão dos atores envolvidos na gestão das águas sobre o significado dos indicadores de educação ambiental e, por outro lado, do domínio de ferramentas aplicáveis, desde as matrizes de indicadores (VIEIRA et al. 2021) até o Sistema Brasileiro de Monitoramento e Avaliação de Políticas Públicas de Educação Ambiental - MonitoraEA (RAYMUNDO et al., 2019).



Considerações finais

A educação ambiental emerge como uma ferramenta poderosa para abordar as mudanças climáticas, seja por meio da inclusão de temas relacionados às alterações climáticas no currículo escolar ou pela promoção de atividades extracurriculares que despertem a consciência ambiental.

A educação ambiental pode desempenhar um papel fundamental na formação de indivíduos conscientes e engajados na luta contra as mudanças climáticas. Ao adotar uma abordagem transversal que conecta esse tema com outras disciplinas, a educação ambiental capacita os estudantes para que possam compreender a complexidade dos problemas ambientais e tomar ações sustentáveis.

Por meio do SIGRH, o Estado de São Paulo consegue integrar essa gestão sustentável, onde as Câmaras Técnicas de Educação Ambiental do CRH e do CBH-AT têm papel fundamental nas discussões sobre a educação ambiental na gestão dos recursos hídricos, encontrando-se atualmente ativas e participativas.

Entretanto, os desafios acerca da compreensão dos gestores das águas em relação à significância dos resultados de processos transformadores da educação ambiental e de um domínio mais apurado das ferramentas de indicadores disponíveis pelos atores de educação ambiental voltada aos recursos hídricos necessitam ser superados para que fique claro o potencial da educação ambiental na proteção das águas.

Por fim, espera-se que a educação ambiental continue contribuindo para a criação de uma sociedade mais resiliente e sustentável diante dos desafios das mudanças climáticas, dos impactos nos recursos hídricos e de sua gestão sustentável.





Educomunicação e protagonismo social ressignificando os processos de sensibilização ambiental em diferentes espaços

AUTORA:
Thaís Brianezi



Filmagens - turma Morro da Kibon - Água, Câmera e Ação

Introdução

No dia 23 de novembro de 2022, tive a alegria de participar do seminário “O futuro da água é agora: o potencial da educomunicação para conservação dos recursos hídricos”, organizado pelo Semasa. Na ocasião, fiz uma apresentação intitulada “Educomunicação e protagonismo social - ressignificando os processos de sensibilização ambiental em diferentes espaços (escola e comunidade)”.

Não por acaso, é o mesmo título deste capítulo. Nele, vou poder compartilhar com mais pessoas interessadas os três pontos sobre os quais conversei com os participantes do referido seminário, a saber: 1) o que afinal é educomunicação; 2) interfaces entre educomunicação e educação ambiental; e 3) estratégias de educomunicação socioambiental.

Esta publicação tão importante representa uma ferramenta de comunicação pública das ciências, que é o termo utilizado quando pesquisadores divulgam seus trabalhos para um público mais amplo, não necessariamente formado só por especialistas (CASTELFRANCHI e FAZIO, 2021). Por isso, adotei um tom mais coloquial, buscando seguir as diretrizes de linguagem simples (AS-SUMPCÃO e BOCCHINI, 2006; FISCHER, 2018). Mantive as indicações de referências bibliográficas, para quem quiser se aprofundar em cada ponto e ter acesso ao debate mais acadêmico.

O que, afinal, é educomunicação?

Iniciei minha apresentação no seminário exibindo o vídeo “Metodologia ou tecnologia”¹ (MENTA/ UNIPAC - 2007), produzido pelo Grupo de Trabalho de Imagem e Conhecimento da Universidade Presidente Antônio Carlos (Unipac), de Barbacena (MG). O vídeo é uma animação, na qual uma professora está em sala de aula ditando a tabuada a crianças sentadas em carteiras escolares enfileiradas, todas olhando para frente, para uma lousa. Enquanto o adulto fala (“um mais um, dois”), elas só repetem. Aí um homem engravatado interrompe a aula para dizer à professora que “a partir de hoje a sua escola será moderna”, “uma escola do futuro”, com novos equipamentos e novas tecnologias. Há um corte para outra cena, uma semana depois, na mesma sala de aula: a professora aperta um botão e automaticamente descem uma tela e um projetor, e as crianças estão sentadas (ainda em fileiras), cada uma com um computador. A música de fundo é eletrônica, futurista, mas a ação que se desenrola a seguir não tem qualquer novidade: o adulto fala (“um mais um, dois”) e as crianças novamente só repetem. E o vídeo termina com as seguintes perguntas: tecnologia ou metodologia? Para que serve a tecnologia se o método se mantém? Cadê a escola nova?

Gosto de usar este vídeo para introduzir o que é educomunicação porque o fetiche pela tecnologia (ou seja, acreditar que elas são mágicas, que resolvem todos os problemas) também aparece quando muita gente ouve pela primeira vez o termo educomunicação. Imaginar que ele está ligado necessariamente (e somente) ao uso das chamadas novas mídias na educação é um engano, porque a educomunicação também vai muito além do mero uso das tecnologias na escola. Sua chave está em ajudar a construir ou fortalecer ecossistemas comunicativos mais abertos, horizontais, baseados no diálogo. Aliás, educomunicação não acontece só com recursos das tecnologia da informação e comunicação (ligadas à internet, como computador e celular) e também não se restringe às escolas. A essência do fazer educacional, dentro ou fora da escola, está na intencionalidade, nos princípios (SOARES, 2011).

¹ Disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=xLRt0mvvpBk>.



Há uma organização da sociedade civil em Salvador chamada Cipó, que desde 1999 trabalha com educomunicação (para saber mais sobre a Cipó, acesse o site da organização: www.cipo.org.br). E ela sintetiza assim os princípios que deveriam reger a educação pela comunicação nas escolas (e, ousou dizer, também fora dela):

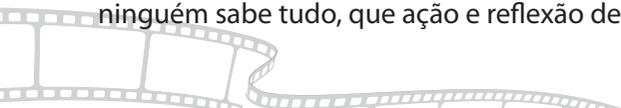
- ▶ **Inclusão** - de várias habilidades trabalhadas no fazer educucomunicativo e de várias pessoas, respeitando a diversidade e combatendo preconceitos;
- ▶ **Criatividade** - sair da caixinha, inovar em termos pedagógicos e nas linguagens testadas;
- ▶ **Motivação** – participantes devem sentir prazer em realizar o projeto, não pode ser algo imposto;
- ▶ **Observação crítica e experimentação** – a leitura crítica das mídias e produção colaborativa de produtos midiáticos são dois processos que se retroalimentam, ajudam a desnaturalizar repertórios engessados das mídias comerciais;
- ▶ **Participação ativa** – as pessoas envolvidas no fazer educucomunicativo devem ser protagonistas, sujeitos ativos no processo e não meros cumpridores de tarefas pré-programadas;
- ▶ **Interatividade** – gestão participativa do processo entre todos os participantes, em uma relação horizontal;
- ▶ **Integralidade** – trabalhar com os quatro pilares da educação definidos pelo pedagogo Jacques Delors: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser;
- ▶ **Qualidade** – buscar a excelência tanto no processo quanto no produto;
- ▶ **Afetividade e cooperação** – o trabalho coletivo e colaborativo gera relações de companheirismo.

É claro que nem sempre é possível alcançar todos esses princípios na sua amplitude e plenitude, porque a gente não vive em uma sociedade na qual a comunicação e educação não costumam ser dialógicas. Pelo contrário, muitas vezes elas são tratadas de forma instrumental, como mercadorias. Então, nosso fazer educucomunicativo costuma estar imerso em contradições e paradoxos e, em cada contexto, a gente deve buscar realizar a educomunicação possível (VIANA, 2017).

O reconhecimento acadêmico do termo educomunicação está ligado a uma pesquisa realizada entre 1997 e 1999 pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (NCE/ECA/USP), que ouviu 176 pesquisadores e especialistas de 12 países da América Latina que trabalhavam com a comunicação como eixo transversal de atividades de transformação social. Ela indicou então a existência de um campo emergente que apontava para a superação da falsa dicotomia comunicação/tecnologias e educação/didáticas, ancorado nas experiências de educação e comunicação populares latinoamericanas (SOARES, 2011).

Quando me pedem uma definição curta sobre o que é educomunicação, gosto de dizer que é o exercício do direito à comunicação, que promove a aprendizagem individual e coletiva, favorecendo a participação e o fortalecimento da democracia (BRIANEZI e GATTÁS, 2022). Nesse sentido, educomunicação tem muitas aproximações também com o conceito de governo aberto, que tem como pilares a transparência, integridade, inovação e participação popular (COPICOLA, 2023).

Paulo Freire é uma grande referência para a educomunicação, porque nos ensinou que educucomunicar é dialogar, é não sloganizar, é se abrir para escuta ativa (FREIRE, 1985). E que, para dialogar, é preciso reconhecer que todo mundo sabe algo mas ninguém sabe tudo, que ação e reflexão devem caminhar juntas (FREIRE, 1989).



Para Freire, não há diálogo sem que cada pessoa exercite, além da fala, a escuta atenta, a reflexão sobre o ponto de vista daqueles com quem dialoga. Para dialogar, é preciso estar aberto a observar a realidade sob diferentes pontos de vista e disposto a transformar suas próprias compreensões. Ou seja, o diálogo deve ser uma relação horizontal, permeada por confiança mútua: confiança essa que está diretamente relacionada à coerência entre o que se diz e o que faz, entre a palavra e a vida (CECCON, 2020).

Interfaces entre educomunicação e educação ambiental

O 14º princípio do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global diz que “a educação ambiental requer a democratização dos meios de comunicação de massa e seu comprometimento com os interesses de todos os setores da sociedade”. Este importante documento é um dos resultados da Cúpula dos Povos, organizada pela sociedade civil durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, que aconteceu no Rio de Janeiro em 1992 (e que, por isso, é mais conhecida como Eco-92 ou Rio-92). Ele foi uma das bases para a elaboração da Política Nacional de Educação Ambiental do Brasil, aprovada em 1999. Neste 14º princípio, já fica evidente a vinculação entre o direito à comunicação e a educação ambiental, ao nos lembrar, por exemplo, que rádio e televisão aberta são concessão pública e devem ter programação comprometida com interesses da coletividade. E a perspectiva do direito à comunicação e sua vinculação com as lutas socioambientais nos convida a ampliar nosso olhar e entender que o cidadão deve ser visto não só como receptor, mas principalmente como emissor (BRIANEZI, 2012).

Bruno Latour (2004, p. 351) nos ensinou que “a crise ecológica [...] apresenta-se antes de tudo como uma revolta generalizada dos meios. Nem nada, nem ninguém quer aceitar servir como simples meio para o exercício de uma vontade qualquer, tida como fim último”. Ou seja, precisamos parar de tratar os seres - e não só os humanos - como recursos, como objetos a serem explorados. Precisamos desconstruir a lógica instrumental, inclusive na comunicação, e passar dos meios às mediações (BARBERO, 2008).

É por isso que desde 2005 o Ministério do Meio Ambiente (MMA) do Brasil trabalha com a comunicação ambiental na perspectiva da educomunicação. E, nessa linha, em 2011, publicou a Estratégia Nacional de Comunicação e Educação Ambiental em Unidades de Conservação (ENCEA), documento que traz a educomunicação como chave para a gestão democrática das áreas protegidas (MENEZES, 2015).

Um levantamento realizado em 2017 por Beatriz Truffi Alves, no seu Trabalho de Conclusão de Curso na Licenciatura em Educomunicação da ECA/USP, mostrou que 21 dos 27 estados brasileiros possuíam políticas de educação ambiental instituídas e seis deles (Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Paraná, São Paulo e Sergipe) tratavam explicitamente de “educomunicação” nas referidas leis (ALVES e VIANA, 2020). No próprio seminário “O futuro da água é agora: o potencial da educomunicação para conservação dos recursos hídricos”, a gerente de Educação e Mobilização Ambiental do Semasa, Elaine Cristina da Silva Colin, contou que a Política Municipal de Educação Ambiental de Santo André é de 2015 e trata da educomunicação.

Estratégias de educomunicação socioambiental

Pensar políticas públicas de educomunicação (e também práticas e projetos) passa por reconhecer a importância de uma comunicação de fato acessível para todos. Isso envolve acessibilidade digital e linguagem simples, esse movimento internacional cada vez mais forte (FISCHER, 2018), que no Brasil era chamado de linguagem cidadã (ASSUMPÇÃO e BOCCHINI, 2006) está se institucionalizando em políticas públicas, como o Programa Municipal de Linguagem Simples de São Paulo (COPICOLA, 2021).



O que significa adotar uma linguagem simples? Compartilho abaixo as dicas que apresentei no seminário e que são baseadas no livro “Para Escrever Bem” (ASSUMPÇÃO e BOCCHINI, 2006):

- ▶ Usar frases curtas, de no máximo 20 palavras, porque nosso cérebro as processa mais rapidamente;
- ▶ Escrever em ordem direta (como a gente fala: sujeito > verbo > complemento/objeto - “Eu me chamo Thaís” e não “Thaís, eu me chamo”);
- ▶ Evitar intercalação, que é a informação extra entre vírgulas (elas em geral podem virar outra frase);
- ▶ Anunciar e enumerar as listas, para preparar o cérebro para o que vem a seguir (no lugar da tradicional canção “Verde, amarelo, azul e branco, são as cores do Brasil”, teríamos “As cores do Brasil são quatro: verde, amarelo, azul e branco”);
- ▶ Buscar palavras conhecidas do público (e explicar sempre que tiver que usar termos técnicos e siglas).

A grande dica para perceber se o seu texto está ou não em linguagem simples é lê-lo em voz alta. Se possível, para outra pessoa.

Tem gente que confunde linguagem simples com superficialidade, com empobrecimento do vocabulário e do conhecimento das pessoas sobre as regras gramaticais. Nada mais enganoso, porque para utilizar linguagem simples a pessoa precisa antes saber exatamente o que quer dizer, ter domínio do assunto e conseguir explicá-lo. Como nos ensina Graciliano Ramos (2014, p. 77), escrever em linguagem simples dá mais trabalho:

Deve-se escrever da mesma maneira com que as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever deveria fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.

Não por acaso, este trecho estava citado no projeto de lei que deu origem à Lei Municipal de Linguagem Simples de São Paulo, de 2020. E não é mera coincidência, também, que Graciliano Ramos seja o autor da frase “Cuidei bastante da limpeza pública”, que fazia parte de um relatório escrito por ele quando foi prefeito de Palmeira dos Índios, em Alagoas. Em “Para Escrever Bem”, as autoras Maria Elena Assumpção e Maria Otilia Bocchini fazem uma brincadeira com o leitor e colocam essa frase ao lado de outra declaração fictícia mais enrolada (“No que concerne às questões das boas condições de limpeza pública desta cidade, posso afirmar com toda a sinceridade que, na medida do possível, conseguimos, com nossos melhores esforços, resultados que podem ser considerados positivos”) (ASSUMPÇÃO e BOCCHINI, 2006, p. 29). Eu costumo usar as duas frases em formações sobre educação e perguntar qual declaração os participantes acreditam que seja verdadeira. E em geral, a maioria pensa que é a frase maior (mas que não diz nada a mais, só enrola). Isso porque o autoritarismo marca historicamente as relações políticas e sociais no Brasil e nos faz associar autoridade com “falar difícil”.





E é justamente para construir relações mais democráticas e horizontais, tão importantes para a educomunicação e a educação ambiental, que conhecer e exercitar linguagem simples é fundamental. Mas, não é suficiente, porque só informação não basta, é preciso trabalhar também projetos de vida e estar atento a que valores passamos em nossas mensagens. Vilmar Berna, um dos criadores da Rede Brasileira de Informação Ambiental (REBIA), gostava de usar o seguinte exemplo: se a gente falar apenas que a água potável do planeta está diminuindo, e der muitos dados que comprovem esse fato, vai ter gente que vai se preocupar em usar água com mais responsabilidade, mas vai ter gente também que vai enxergar aí uma oportunidade de negócio (por exemplo, privatizar minas para vender água engarrafada).

Logo, a educomunicação deve conciliar denúncia e anúncio, ajudar a apontar outros futuros (e presentes) possíveis (e necessários). Um bom exemplo dessa ampliação de perspectiva aconteceu com a Campanha Permanente contra os Agrotóxicos e pela Vida. Antes ela se chamava apenas Campanha Permanente contra os Agrotóxicos, com o símbolo da caveira, e denunciava os males que a população brasileira sofre pelo fato de o Brasil ser campeão mundial no uso de venenos na agricultura (muitos deles proibidos em outros países). Depois, os movimentos sociais participantes perceberam que era preciso também falar sobre os benefícios da agroecologia e acrescentaram o “pela vida” ao nome da campanha. E, nesse processo, passaram a fazer atos públicos com linguagem mais lúdica: como a ação na praia de Copacabana em 2013, na qual uma ativista vestida de branca de neve caía na areia da praia, porque comeu a maçã envenenada não pela bruxa, mas por agrotóxicos (Informações colhidas pela autora em relatos orais dos participantes da Campanha Nacional Permanente contra os Agrotóxicos e pela Vida em 2013, quando ela integrou a equipe de pesquisa do projeto “Semeando Ativismo”, da Escola de Ativismo, com apoio da Oxfam²).

Considerações finais

Para compreender como a educomunicação e o protagonismo social ajudam a dar novos sentidos aos processos de sensibilização ambiental em diferentes espaços (incluindo escola e comunidade), é preciso ter em mente que a educação ambiental que se quer promover não é prescritiva, mas sim transformadora, comprometida com a transição para sociedades mais justas e sustentáveis. Na Oca - Laboratório de Política e Educação Ambiental da Escola de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esa/USP - Integrei a Oca de 2010 a 2013, durante meu doutorado, orientado pelo professor Marcos Sorrentino), a gente identificou que os pilares desse fazer educativo eram os conceitos de identidade, comunidade, diálogo, potência de ação e felicidade. A gente age coletivamente em comunidade, buscando fortalecer identidades múltiplas, individuais e coletivas, a partir do diálogo, ampliando a potência de ação em busca da tão almejada felicidade (SORRENTINO et al, 2010).

Nessa busca, a educomunicação pode ser um antídoto para o perigo das histórias únicas (ADCHIE, 2019), nos ajudando a sair da armadilha do consumo individual para a plenitude das ações coletivas. O fazer educacional nos ajuda a gerar bons encontros que nos mobilizam a agir, reconhecendo que nossa sobrevivência e felicidade estão na relação, na interconexão - e não na objetificação e mercantilização.

2 Oxfam: é uma confederação de organizações não governamentais independentes de diversos países que em 2015 se uniram para trocar conhecimentos e recursos, bem como para unir forças na luta contra a pobreza e a injustiça. (<https://www.oxfam.org/es/que-hacemos/quienes-somos/estructura-organizativa>)

Fotografia e educação ambiental

AUTOR:
Flávio Shimoda



Registros durante a turma de formação do Pedroso - Água, Câmera e Ação

Introdução

O Projeto Água, Câmera e Ação teve como base metodológica a educomunicação, que entre diversas possibilidades considerou o audiovisual como meio de comunicação para estimular novos olhares sobre o território andreeense, tanto para os jovens participantes como para os espectadores dos curtas-metragens produzidos. Neste processo de produção audiovisual, a captação de imagens e os diversos enquadramentos trouxeram o olhar fotográfico dos estudantes.

Este texto traz reflexões sobre a importância do registro fotográfico como meio de sensibilização em processos de educação ambiental.

A vista da janela em Le Gras

Em 2027 comemoraremos os 200 anos da primeira fotografia produzida com uma câmera escura com lente. Esta primeira técnica de registro fotográfico é o resultado da pesquisa experimental do francês Joseph Nicéphore Niépce, que durante décadas experimentou uma série de produtos químicos, de materiais e de técnicas, para desenvolver o processo que ele chamou de 'héliographie' (escrita solar).

A 'héliographie' consistia em um processo no qual Niépce dissolveu betume sensível à luz em óleo de lavanda, aplicou essa mistura em uma fina camada sobre uma placa de estanho polido. Depois ele inseriu essa placa em uma câmera escura com lente e a posicionou perto de uma janela em sua oficina no segundo andar. Após várias horas de exposição à luz solar, a placa registrou por impressão a imagem do pátio, dos edifícios anexos e das árvores do lado de fora.

Escrevendo sobre o seu processo em dezembro de 1827, Niépce reconheceu que este exigia mais melhorias, mas foi, no entanto, o primeiro passo incerto numa direção completamente nova.



Joseph Nicéphore Niépce, 'Vista da Janela em Le Gras', 1827.
Heliógrafo em estanho, 16,7 x 20,3 x 0,15 cm. Coleção Gernsheim.
Harry Ransom Center: Texas, EUA.



A fotografia como o marco do início de uma revolução cultural

Para o filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser, a fotografia marca o início de uma profunda revolução cultural. Para ele, a fotografia não é apenas uma tecnologia de imagem à disposição do homem, mas a primeira tecnologia de uma longa série de tecnologias como o cinema, a televisão, o computador e a internet, que foram se integrando tecnicamente e criando um cerco ao redor do ser humano, o que muda drasticamente a forma do homem ser, existir e pensar o mundo. Com a fotografia inauguramos, segundo Flusser (2008), uma nova era cultural, baseada na simulação dos sentidos, pois a fotografia, ao registrar a imagem ótica projetada por princípios físicos, passa a simular o ponto de vista do ser humano. Com a fotografia o homem começa a multiplicar os seus pontos de vista sobre o mundo e a duplicar a percepção do mundo como uma simulação do sentido visual.

Ao fazer isso, a fotografia passa a ser uma medida visual compartilhada socialmente. Por esta característica, a fotografia torna-se uma tecnologia que permite a sociedade de massa a ver socialmente, ampliando o seu conhecimento sobre o mundo, e alterando a consciência dos indivíduos humanos e as suas relações com o conceito de verdade. Com a fotografia a sociedade começou a ver o que é muito pequeno e o que é muito grande, o que acontece muito rápido e o que ocorre ao longo de muito tempo. A fotografia demonstra com a imagem o conhecimento científico complexo. A experiência individual do mundo deixa de ser apenas um ponto de vista visual limitado a cada indivíduo, e passa a ser também os múltiplos pontos de vistas das fotografias reproduzidas tecnicamente e compartilhadas socialmente em massa.

Com o acúmulo de uma coleção das imagens fotográficas desde o século XIX, moldando socialmente um inconsciente ótico compartilhado (BENJAMIN, 1994), começamos a constatar, a partir da segunda metade do século XX, o início de significativas mudanças na consciência social, que começa a tentar compreender os fenômenos complexos, tornando-os pautas educacionais nas sociedades.

O florescimento da ideia da necessidade de uma educação ambiental nas décadas de 60 e 70 do século XX (CARVALHO, 2007) pode ser observado como um indicativo dos aspectos dessa transformação da consciência social a partir da ampliação do inconsciente ótico compartilhado, proporcionado pelo acúmulo de perspectivas fotográficas desde o seu advento enquanto tecnologia.

As tais fotografias do planeta Terra e a educação ambiental

*... eu vi pela primeira vez
As tais fotografias
Em que apareces inteira
Porém lá não estavas nua
E sim, coberta de nuvens
Terra, Terra!"*
(Caetano Veloso, Terra, 1978)



As primeiras fotos espaciais do contorno do planeta Terra foram produzidas durante a missão Apollo 8, em 1968. A Apollo 8 foi a primeira missão a sair da órbita terrestre e realizar uma órbita na lua.

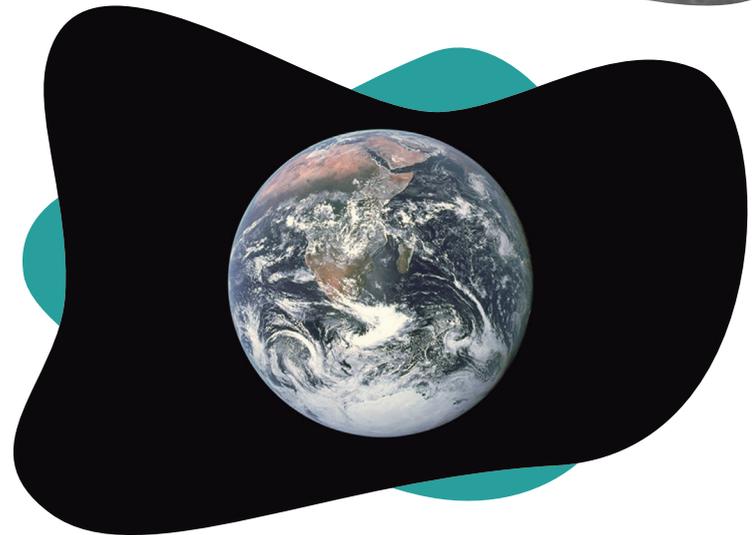
Em 1972, durante a missão Apollo 17, a última missão tripulada à Lua, o astronauta Eugene Cernan com uma câmera Hasselblad 500 EL, lente Zeiss Sonnar 80mm e filme Kodak Ektachrome, registrou pela primeira vez a deslumbrante imagem da Terra como uma esfera de forma completa, azul suspensa no espaço, cercada pela escuridão cósmica.

Essas fotografias nos permitiram compartilhar socialmente alguns pontos de vista únicos e raros, não acessíveis às pessoas, mas passíveis de serem reproduzidos enquanto imagens tecnológicas, que registram os primeiros pontos de vista de um ser humano longe do seu planeta. Por conta disso, essas fotografias passaram a ter uma importância significativa para a educação ambiental, por ser um conhecimento poderoso sobre o nosso meio ambiente, sendo uma imagem que influencia a transformação da consciência dos indivíduos, possibilitando aberturas para um entendimento das complexas relações ambientais nas quais estamos inseridos socialmente.

Com essas fotografias, a educação ambiental nos anos 70 do século XX começa a estabelecer uma medida visual, que ilustra socialmente as complexas questões sobre o meio ambiente, como a interconexão dos seres vivos que são partes de um todo orgânico, que é o planeta Terra, finito de recursos naturais, o que sensibiliza as pessoas para a importância da sustentabilidade, inspirando transformações sociais que buscam soluções para os desafios ambientais.



Fotografias registradas durante a missão Apollo 8 – 1968.



Fotografia registrada durante a missão Apollo 17 – 1972.

Fotografia e educação ambiental

Um exemplo dessa intrínseca relação entre a fotografia e a educação ambiental é o extenso e primoroso trabalho do fotógrafo brasileiro Araquém Alcântara.

Araquém Alcântara se dedica desde a década de 70 do século XX a fotografar os recursos naturais do Brasil. A sua coleção fotográfica nos permite o compartilhamento de pontos de vista únicos e raros, sobre diversos biomas brasileiros, sua vegetação, seus animais e seus habitantes.

As suas fotografias nos possibilitam ampliar o conhecimento social da realidade. Antes desconhecidas, as questões ambientais passam a ganhar formas tangíveis em suas fotografias, o que nos permite observar longos processos de transformações, que nos inspiram a pensar nas questões da preservação da fauna e flora brasileira.

Nesse sentido, a fotografia torna-se um instrumento pedagógico essencial para a educação ambiental, tornando possível medir e documentar o meio ambiente, delimitando visualmente complexas questões a partir de pontos de vista registrados por fotografias.

Concluindo, podemos reconhecer que ao longo desses quase 200 anos da fotografia e da sua evolução enquanto tecnologia, que ela com o passar do tempo foi se tornando onipresente na sociedade contemporânea e que foi, como propôs Vilém Flusser, alterando o modo do ser humano existir. Por conta da assimilação social das tecnologias derivadas da fotografia, principalmente o cinema, operou-se ao longo do século XX um profundo processo de conscientização do meio ambiente, o que possibilitou o amadurecimento de uma consciência social que passou a legitimar a necessidade de uma educação ambiental, como um conhecimento necessário para a construção do futuro da humanidade.



Fotos de Araquém Alcântara – Amazônia – 2019.





DE MODO... -U-ZA DO

SO

Educação ambiental e o protagonismo juvenil

AUTORES:

Rafaela de França, Mariana Espinossi Roza, Karoline Ferreira dos Santos e Natan Melo Cazetta



Finalização de uma das turmas de formação - EE Papa Paulo VI - Água, Câmera e Ação

Educação ambiental e o protagonismo juvenil

Uma das características principais do Projeto Água, Câmera e Ação foi estimular o protagonismo juvenil na conservação do meio ambiente, por meio da produção audiovisual. Dessa forma, dedicaremos este capítulo ao tema. A ideia do protagonismo juvenil não é recente, mas o termo pode ser atribuído ao pedagogo mineiro Antônio Carlos Gomes da Costa. Em sua obra *Protagonismo Juvenil – adolescência, educação e participação democrática*, o autor define o protagonismo juvenil como o envolvimento do jovem estudante em atividades que vão além do seu universo pessoal e familiar, gerando efeitos na vida em sociedade.

O protagonismo juvenil parte do pressuposto de que o que os adolescentes pensam, dizem e fazem pode transcender os limites do seu entorno pessoal e familiar e influir no curso dos acontecimentos da vida comunitária e social mais ampla. Em outras palavras, o protagonismo juvenil é uma forma de reconhecer que a participação dos adolescentes pode gerar mudanças decisivas na realidade social, ambiental, cultural e política onde estão inseridos. Nesse sentido, participar para o adolescente é envolver-se em processos de discussão, decisão, desenho e execução de ações, visando, através do seu envolvimento na solução de problemas reais, desenvolver o seu potencial criativo e a sua força transformadora. (COSTA, 2000).

A tomada de consciência acerca de seu posicionamento no mundo possibilita a transformação das relações do sujeito consigo e com seu entorno, processo que se constitui no fenômeno compreendido como vivência (FREIRE, 2001).

Protagonismo juvenil socioambiental

De acordo com Ziglio (2012), o protagonismo socioambiental surgiu a partir dos anos 80, como consequência de movimentos sociais interessados em preservar o meio ambiente.

No contexto juvenil, os jovens que participam de grupos socioambientais estão engajados na luta por um meio ambiente saudável para a sociedade e, por meio de atividades de educação ambiental, buscam sensibilizar as pessoas para preservar o meio ambiente. Pesquisas indicam que os jovens envolvidos nesses grupos desenvolvem a compreensão acerca do meio ambiente de maneira crítica e organizados politicamente (ALBUQUERQUE, 2012).

Destacaremos aqui uma das estratégias do Água, Câmera e Ação: os cinedebates. Tratavam-se da exibição de curtas-metragens produzidos no projeto seguida por um debate. Toda turma após participar do curso recebeu uma sessão em que seus próprios vídeos foram exibidos e diversos outros cinedebates foram realizados, ora para o público geral, ora para grupos organizados, em especial, estudantes do ensino médio.

Durante as exhibições, os participantes foram orientados a anotar uma palavra, que mais chamasse atenção acerca do tema proposto, para, a partir de suas percepções, iniciar um debate.

A cada palavra indicada, situações que os sensibilizavam foram expostas, abrindo espaço para que esses jovens pudessem, com muita seriedade, expor pensamentos, percepções, ideias e conhecimento, tornando perceptível um dos papéis da educação ambiental - o de trazer, para a comunidade, discussões, reflexões e socialização de experiências. Tais ações permitem aos sujeitos dialogarem sobre as suas opiniões acerca de diversos olhares sobre o meio onde vivem e sobre suas ações neste meio.



Diagnósticos participativos, prognósticos e busca de ações apontadas pela comunidade como prioritários em suas vidas são uma necessidade para que o processo de educação ambiental aconteça de fato e, para tanto, a atividade apropriou-se dos conceitos, princípios e atividades da percepção ambiental dos jovens, principalmente para o entendimento do que pensam e de como vivem as pessoas, culturas, necessidades e lugares.

A educomunicação faz parte do processo ensino aprendizagem entre os jovens estudantes e, estes, entendem que tal prática promove o empoderamento das pessoas e da comunidade.

Entre as percepções sentidas, vemos que atividades envolvendo fortalecimento de ecossistemas comunicativos abertos e democráticos nos espaços educativos promovem, além de conhecimento, empatia. Esta capacidade de se identificar com outra pessoa desempenha um papel crucial na formação de indivíduos mais respeitosos e compassivos com as outras pessoas, permitindo-lhes desenvolver a capacidade de compreender e sentir as emoções do outro de maneira objetiva e racional.

A participação de jovens em atividades que estimulam o debate, a partir de pontos de vista, experiências, padrões e entendimentos culturais diversos, gera oportunidade para reflexões sobre as diferenças entre as pessoas. Quando misturamos pontos de vista, ampliamos nossa habilidade para entender e ter empatia pelos outros, e isso culmina em sociedades mais justas e sustentáveis. Visto que o processo educativo não deve se resumir em apenas transmissão e recepção de informação, a chamada por Paulo Freire de “educação bancária”, atividades práticas que permitem a participação democrática de jovens, são determinantes para o sucesso na formação acadêmica.

Nessa crítica à educação bancária e conseqüentemente ao modelo tradicional de aulas, Paulo Freire mostra que o modelo padrão de transferência é uma forma mecânica e autoritária de pensar sobre como organizar um programa, que implica, acima de tudo, numa falta de confiança na criatividade dos estudantes e na capacidade dos professores. Porque, em última análise, quando certos centros de poder estabelecem o que deve ser feito em classe, sua maneira autoritária nega o exercício da criatividade entre professores e estudantes (FREIRE; SHOR, 2008, p. 97).

“É práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2001, p. 67). Dessa forma, tanto o professor quanto o estudante tornam-se investigadores críticos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes: “[...] a sala de aula libertadora é exigente e não permissiva. Exige que você pense sobre as questões, escreva sobre elas, discuta-as seriamente” (Freire; Shor, 2008, p. 25). Concordando com Freire (1980, p. 39), pois é preciso que a educação permita ao homem construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história.

Aluno do curso técnico em meio ambiente integrado ao ensino médio, da instituição Escola Técnica Estadual (Etec) Júlio de Mesquita e também participante dos cinedebates do Projeto Água, Câmera e Ação, Natan Melo Cazetta traz sua análise a partir do questionamento: como as atividades relacionadas à sustentabilidade e educação ambiental, desenvolvidas pelo Semasa, contribuem para o protagonismo juvenil?



“Atuando há mais de meio século na cidade, o Semasa não se preocupa somente em prestar seus serviços básicos, como também em formar cidadãos que tenham a capacidade de interpretar a situação ambiental em que estão inseridos, atentos para os desafios e capazes de agir para os superarem. Entre as atividades, incluem-se: promoção de cursos on-line e híbridos gratuitos, focados em assuntos como os ODSs (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável), resíduos sólidos, água, emergência climática, entre outros; oficinas e visitas técnicas para locais de interesse para a criação de uma consciência sobre o meio ambiente; e a abertura de debates envolvendo conteúdos e questões atuais sobre a situação mundial do planeta.

A partir dessas iniciativas, além de abrir a mente de seus participantes para pautas relevantes para a criação de uma sociedade melhor, também dá espaço para o surgimento de novos protagonistas sociais. Assim, os jovens aparecem como peça-chave para uma mudança de paradigma e a criação de um ativismo ambiental efetivo. Cabe ressaltar que os projetos desenvolvidos pelo Semasa abrem portas para que a juventude possa “dar as caras” em um ambiente de notoriedade. Ao promover ações que incluam a apresentação de diferentes ideias, é possível realizar debates em que os mais novos possuem a liberdade de expor suas opiniões.

É possível destacar a atividade “Água, Câmera e Ação”, em que se apresenta filmes produzidos por alunos de escolas públicas da cidade que possuem a questão da água como foco. As temáticas de cada produção tornavam-se, então, um norte para a troca de posicionamentos, o que, por consequência, facilitava a visibilidade para o posicionamento juvenil.

Ademais, é imperioso destacar que essa presença juvenil em atividades de sustentabilidade e educação ambiental é fundamental para as tomadas de decisão do poder público. As novas gerações estão cada vez mais conectadas e atentas para aquilo que acontece ao seu redor, o que implica, portanto, em pessoas que possuem maior facilidade para entender certas questões, como é a urgência da situação ambiental. Além disso, a juventude já nasceu inserida em um contexto que demanda ecologistas por natureza, visto que as consequências da degradação do nosso planeta já são sentidas por nós na pele. Dessa forma, fica muito evidente para essa parcela mais nova da população de que é preciso agir e, mais que isso, agir com pressa. Logo, o protagonismo dos jovens - seja convencendo tomadores de decisão, tomando posse de locais de influência ou agindo conforme um objetivo em comum - é fundamental para que a sobrevivência da raça humana, questão que está em jogo com a atual situação da Terra, seja garantida.

Fica evidente que, portanto, as ações de sustentabilidade e educação ambiental promovidas pelo Semasa contribuem para o protagonismo juvenil ao promoverem um local propício para, além do desenvolvimento intelectual através da divulgação de conteúdos relevantes, que o jovem seja visto como ator direto para as mudanças necessárias para que se atinja um ciclo sustentável. Assim, a autarquia de Santo André contribui para uma gestão da cidade mais participativa e diversa, cedendo um espaço público para a consolidação do jovem como protagonista. Contudo, além de ouvir e captar essas ideias apresentadas, é preciso levá-las em consideração no momento de decisões para a cidade e para o nosso planeta.”

Natan Melo Cazetta





O protagonismo juvenil no contexto do Projeto Água, Câmera e Ação

Martín-Barbero (2004) citado por Lostada e Souza (2016) afirma que o aprendizado dos jovens está cada vez menos dependente de um adulto e mais focado na exploração do universo tecnocultural que os envolvem.

Por um outro lado, para Spazziani e Gonçalves (2005) citadas por Moreno (2020), a compreensão das questões socioambientais só é possível “a partir das relações das ações do sujeito no seu contexto micro e/ou macro”. Deve ser um processo investigativo, colaborativo e social em que cada sujeito construirá o conhecimento por meio da vivência de experiências reais.

Assim, a educomunicação é uma ferramenta potente para contribuir com a formação do indivíduo tendo em vista que tem a capacidade de incorporar as ferramentas audiovisuais e tecnológicas com as vivências das experiências, sempre de forma coletiva e dialógica.

Seguindo esses fundamentos, todo o processo do Projeto Água, Câmera e Ação foi baseado em encontros dialógicos em que as percepções, ideias, vontades e até mesmo os conflitos dos jovens eram subsídios para as formações.

De acordo com Lostada e Souza (2016), “promover relações dialógicas significa entender que o convívio, a apreensão, a produção do conhecimento e a gestão das decisões são processos que precisam ser participativos e horizontais, à medida que se dão na construção e realização da autonomia de cada um”. Nesse sentido, o protagonismo dos jovens no processo destacou-se em duas situações:

- ▶ Na escolha dos temas que seriam trabalhados nos roteiros dos vídeos e estratégias para a narrativa;
- ▶ Nos assuntos debatidos ao longo dos encontros.

Ainda que houvesse um plano de aula, o processo foi orgânico e as necessidades do grupo foram identificadas ao longo do tempo, e, na medida do possível, trazidas pelos educadores para discussão.

Em relação às escolhas dos temas e de que maneiras as histórias seriam contadas, os jovens tiveram a liberdade de expor as suas vontades. Houve vídeos em que os participantes se sentiram à vontade para atuar, em outros casos foram produzidos trabalhos mais alinhados ao estilo documentário e há também curtas-metragens em que a narrativa é mais próxima à linguagem de um vídeo educativo. De todo modo, cada um deles contou com a perspectiva do grupo, seja com indicações de potencialidades e conflitos em sua comunidade que poderiam ser contados, com ambientações ou apontamento de pessoas da região que poderiam ser entrevistadas, além de outros aspectos de pré e pós-produção como roteiro, captação de imagens e áudio, narração e edição dos vídeos. Houve casos em que os jovens produziram letras de músicas, tocaram instrumentos musicais, elaboraram textos e até mesmo cantaram. A música tema do curso, presente na abertura de todos os curtas, foi produzida por um jovem MC da comunidade Morro da Kibon, amigo dos jovens alunos do curso, que escreveu, gravou e produziu, sem custo e com grande solidariedade.



A respeito dos assuntos debatidos ao longo dos encontros, cabe destacar uma colocação de Soares (2011) citada por Lostada e Souza (2016) em que afirma que um ambiente educacional preza pela qualidade dos relacionamentos entre as pessoas. E no projeto isso não foi diferente. Diversos conflitos de relacionamento interpessoais e especialmente conflitos domésticos/familiares foram desafiadores para as equipes de educadores. Ouvir os jovens e acolhê-los sem julgamentos foi um exercício. Houve casos em que partes dos encontros foram dedicadas para mediar conflitos, em algumas situações com auxílio de dinâmicas de grupo.

Não foi um processo fácil. Ao longo dessa jornada muitos desafios se colocaram. Começando pela baixa adesão dos jovens para determinadas turmas do projeto. Em algumas regiões, não houve um número mínimo e as turmas não foram abertas. A desistência de participantes ao longo da formação. A dificuldade dos jovens em construir suas próprias ideias e exporem-nas. A dificuldade em ler, pesquisar, interpretar, elaborar e planejar. É mais fácil seguir um roteiro pré-determinado do que elaborar algo desde o início. Mas no projeto havia o incentivo para que eles fossem os donos da narrativa. A desatenção e o desânimo. O desafio de conquistar os jovens com assuntos que não são prioridades em seu cotidiano, como as questões ambientais e em especial os recursos hídricos.

Por um outro lado, tantas histórias positivas foram vivenciadas e podem ser destacadas. Alguns grupos envolveram suas famílias, os pais dos jovens compartilharam suas próprias experiências e o registro de áudio e vídeo foi realizado por seus próprios filhos, algo que diante da realidade social enfrentada em uma comunidade trouxe um sentimento de orgulho e admiração para ambas as partes. Em uma turma, havia um participante que não conhecia a região onde estava, pois ele se mudou há pouco tempo, convivendo com o bullying e a dificuldade de socialização. Ele encontrou no projeto amigos com habilidades em comum: por meio do desenho, destacou-se e a equipe de educadores pôde perceber seu desenvolvimento no convívio com o grupo. Houve jovens que se sentiram estimulados a voltar a estudar e outros que descobriram uma vocação e, após o término do projeto, decidiram investir em um curso universitário na área de audiovisual.



Estudante João, da Turma do Pedroso, se caracterizando como o Curupira - Guardião da Mata Atlântica



Processo de criação durante a produção do curta metragem Rios Voadores pelos estudantes da E.E Padre Agnaldo Sebastião Vieira



De maneira similar à conclusão de Moreno (2020), percebeu-se no Água, Câmera e Ação que a integração entre os espaços formais e não formais de ensino, a oportunidade de vivências de experiências reais sendo contadas na linguagem dos jovens, as reflexões sobre as questões socioambientais sob uma ótica holística e os encontros permeados pelo debate e escuta, encorajando os participantes para o exercício da cidadania, incentivaram o protagonismo juvenil no encontro da educomunicação com a educação ambiental.

Espera-se que de alguma forma todo esse processo tenha contribuído para os sensibilizar sobre as questões ambientais locais, regionais e globais. Que tenha auxiliado para os fortalecer enquanto cidadãos que sabem seus deveres, mas também que sabem e exercem os seus direitos. Esperamos que se sintam encorajados a serem participativos em suas comunidades, que saibam o poder de suas vozes. Que sejam protagonistas de suas histórias!





O Projeto Água, Câmera e Ação - do planejamento à prática no território andreense

AUTORA:

Elaine Cristina da Silva Colin



Estudando o território por meio de biomapas - Água, Câmera e Ação

O Projeto Água, Câmera e Ação - do planejamento à prática no território andreense

***“A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir humanamente é pronunciar o mundo e modificá-lo”
(FREIRE, 2019).***

Na citação acima, Freire destaca o diálogo como existencial e essencial para mudança e a importância da comunicação, mas acima de tudo que este diálogo permite criar e recriar o mundo. Sem dúvida, este é um dos grandes objetivos da educação ambiental. E, ao mesmo tempo em que indica foco da ação educativa voltada à pauta ambiental, é motivação, é desafio!

Um desafio que depende de uma visão integrada do ambiente, de intersectorialidade, de políticas públicas estruturantes, de pessoas que olhem seus territórios de forma atenta, que fortaleçam seus vínculos de pertencimento, que revejam suas atitudes e que, acima de tudo, dialoguem, intervenham, comuniquem e se mobilizem para a mudança desejada.

Estas foram algumas das premissas do Projeto Água, Câmera e Ação - vídeo comunidade. Uma iniciativa realizada pelo Serviço Municipal de Saneamento Ambiental de Santo André, por meio da Coordenadoria de Comunicação Social e da Gerência de Educação e Mobilização Ambiental do Departamento de Gestão Ambiental do Semasa e pelo Instituto Social Cultural Brasil. Foi financiado com recursos do Fundo Estadual de Recursos Hídricos do Estado de São Paulo (FEHIDRO) e pelo Semasa.

O Projeto Água, Câmera e Ação aconteceu a partir de uma metodologia essencialmente prática e participativa, baseada nas diferentes realidades de áreas em situação de vulnerabilidade social do município de Santo André, criando condições para que jovens de 15 a 29 anos pudessem vivenciar experiências de aprendizagem sobre as questões socioambientais na cidade, de acordo com as suas percepções e, ao mesmo tempo, valorizando as especificidades de cada território. O recurso pedagógico central foi a educomunicação socioambiental com foco na linguagem audiovisual. A partir de conceitos e práticas sobre roteiro, produção, fotografia, som, montagem e edição, os participantes puderam criar seus próprios vídeos abordando questões relativas ao valor da água na vida de cada um e de suas comunidades. A câmera foi uma ferramenta de criação para uma nova atitude criativa, crítica e envolvida com as questões socioambientais, valorizando a linguagem e cultura popular, além dos vínculos territoriais.

O projeto teve como objetivos principais:

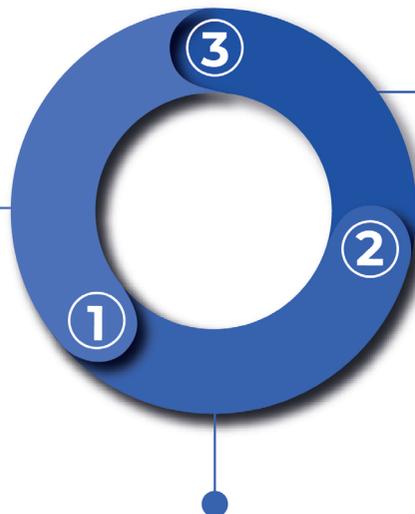
- Ⓛ Realizar formações para jovens residentes em áreas vulneráveis no município, envolvendo educomunicação socioambiental, com foco em recursos hídricos.
- Ⓛ Possibilitar aos jovens participantes a produção de curtas-metragens abordando a diversidade socioambiental de seus territórios e seu papel como cidadãos, constituindo acervo para subsidiar as ações de educação ambiental em todo o município.
- Ⓛ Estimular o senso de comunidade e o protagonismo juvenil nas questões ambientais e sensibilizar para as possibilidades da economia criativa pela temática ‘audiovisual e meio ambiente’.



Para concretizar tais objetivos, o Água, Câmera e Ação foi realizado em três etapas:

1. Planejamento Integrado

Articulações intersetoriais e elaboração dos planos pedagógico, de comunicação e logística do projeto.



2. Formação Cidadã

Realização das formações sobre meio ambiente, audiovisual e empreendedorismo digital.

3. Engajamento Socioambiental

Realização de cinedebates a partir dos curtas metragens produzidos pelos jovens no território andreense e compartilhamento da experiência por meio de um evento aberto ao público.

Antes de apresentar as principais ações das respectivas etapas é relevante contextualizar a importância do projeto, tendo em vista as características do território andreense.

O município de Santo André possui 748.919 habitantes (IBGE, 2022), está localizado na porção sudeste da Região Metropolitana de São Paulo e integra a região industrial paulista mais conhecida como Grande ABC, inserido na Bacia Hidrográfica do Reservatório Billings. Cerca de 55% de seu território está inserido em Área de Proteção e Recuperação aos Mananciais (APRM). Apesar da legislação ambiental de proteção aos mananciais de uso e ocupação do solo ser bastante restritiva e existir desde a década de 1970, não conseguiu impedir satisfatoriamente o adensamento populacional e usos inadequados destas áreas do território andreense. Estima-se que o município abriga cerca de 20% de sua população em assentamentos precários, desprovidos de infraestrutura básica, implantadas em áreas de risco de desmoronamento ou inundação e em Áreas de Proteção e Recuperação de Mananciais da Represa Billings (APRM-B).

Apesar da existência de ações de planejamento, controle e fiscalização ambiental desenvolvidas pela Prefeitura de Santo André e pelo próprio Semasa, ainda verificam-se alguns impactos nestas áreas como movimentos e remoção de terra, desmatamento e substituição da vegetação nativa, contaminação do solo e de águas superficiais e subterrâneas pelo despejo de esgoto doméstico, disposição inadequada de resíduos sólidos, dentre outros.

Sob esta ótica, a proposta de implementação do Projeto Água, Câmera e Ação - vídeo comunidade foi pautada não apenas na situação atual da bacia e das áreas de mananciais de Santo André, mas também na necessidade de sensibilizar e mobilizar a população jovem e indiretamente os demais moradores locais em relação aos recursos hídricos, visando promover novas formas e estratégias de difusão e construção de conhecimentos, para a implementação de ações sustentáveis de melhoria da qualidade do meio.

Para isso, o projeto adotou como pressupostos pedagógicos:



Tais pressupostos se congregaram ao lema do projeto “O futuro da água é agora!”, permitindo uma maior percepção de seus participantes, dos impactos diretos e indiretos que as ações humanas causam ao meio, especialmente aos recursos hídricos.

Além dos aspectos mencionados, o delineamento do projeto se baseou no Plano Estadual de Recursos Hídricos, no Plano da Bacia do Alto Tietê, na Política e no Programa Nacional de Educação Ambiental, na Política Municipal de Educação Ambiental e na Política Municipal de Gestão e Saneamento Ambiental de Santo André.

É importante destacar que a implementação do Água, Câmera e Ação contou com mais de 40 colaboradores, envolvendo, além do Semasa, a empresa contratada para execução e apoio técnico do projeto (Instituto Social Cultural Brasil - ISCB) e diversos parceiros da Prefeitura de Santo André (Secretarias de Cultura, Planejamento Estratégico e Licenciamento, de Meio Ambiente e de Educação), instituições assistenciais do município (Núcleo Assistencial e Educacional à Caminho da Luz, Instituição Beneficente Irmã Marli e Casa Lions de Adolescentes de Santo André) e a Diretoria Regional de Ensino de Santo André. Tais articulações foram essenciais para o desenvolvimento e sucesso da iniciativa.

Como mencionado no primeiro capítulo desta publicação, a educação ambiental não pode se configurar como uma prática solitária, ela depende de articulação intersetorial e participação social. Neste sentido, a intersetorialidade não se relaciona apenas à identificação dos problemas territoriais sob o olhar dos diversos setores e segmentos, mas sobretudo que as soluções também sejam fruto desta integração de olhares e esforços, incluindo também a perspectiva dos cidadãos.

Sob este aspecto, é fundamental lembrar que a educação ambiental é uma política pública estruturante, ou seja, sua proposta inclui a participação dos cidadãos, visando o fortalecimento dos mesmos e o diálogo com as diversas ações que ocorrem no território, incluindo a diversidade de pessoas, ambientes e interesses, buscando ações justas e duradouras voltadas à sustentabilidade (BIASOLI e SORRENTINO, 2018). Dessa forma, por meio de suas ações e diretrizes, o Água, Câmera e Ação materializa e projeta para o futuro desdobramentos das políticas de educação ambiental, sobretudo a do município de Santo André.



Turma Água, Câmera e Ação do Morro da Kibon e alguns dos educadores do projeto

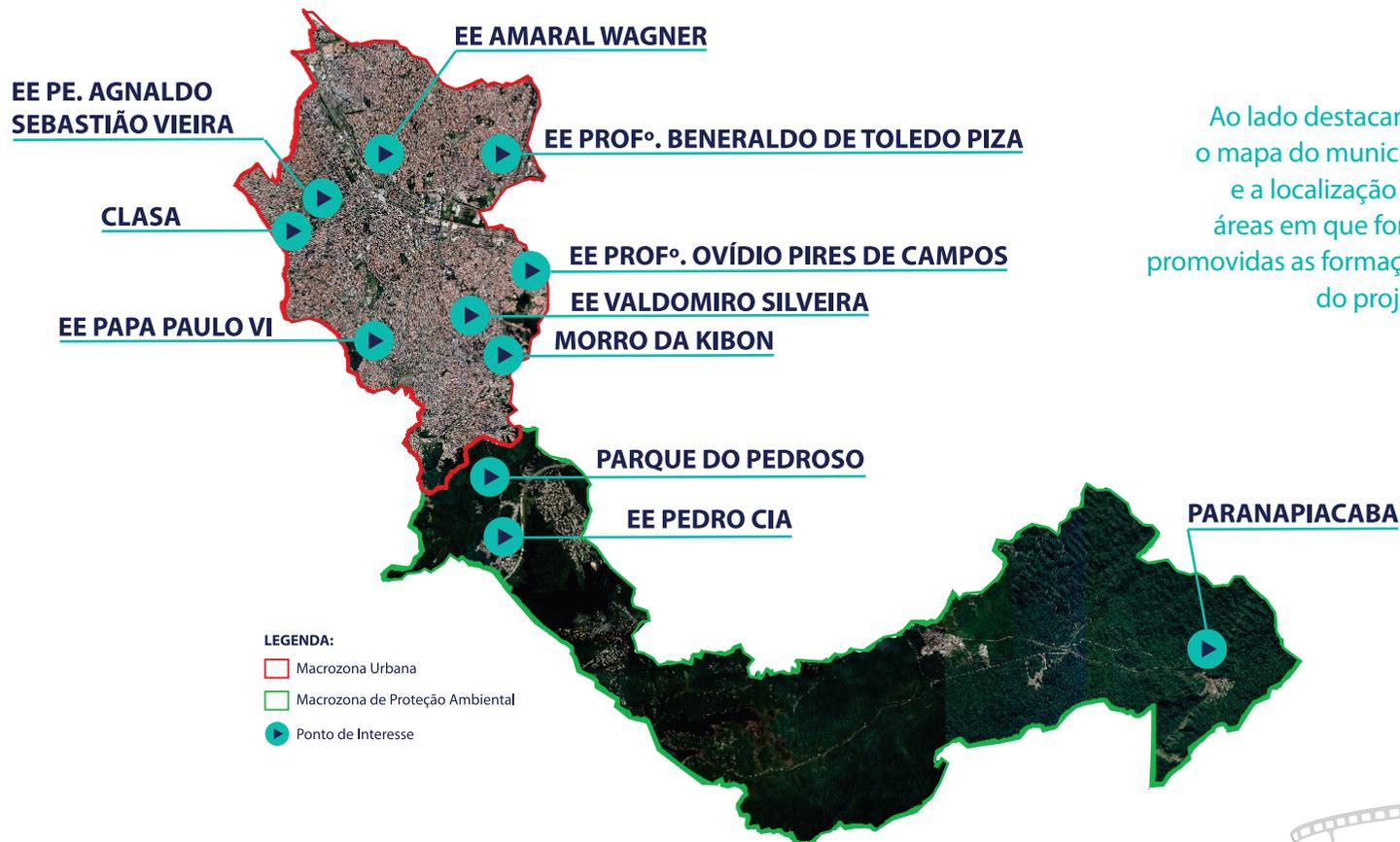


O Água, Câmera e Ação no território andreense

O Água, Câmera e Ação foi um projeto que teve como intencionalidade educativa promover experiências formativas que contribuíssem com o empoderamento de seus participantes, visando à relevância de sua cidadania para enfrentar os desafios socioambientais no âmbito local e planetário.

A ênfase na escala da localidade foi uma característica marcante do projeto, baseando-se na compreensão de que a participação comunitária é facilitada na escala local, onde os laços territoriais, econômicos e culturais são fortemente ligados às noções de identidade e pertencimento, mas que se conectam também com outras escalas territoriais. A proximidade da realidade a qual se quer transformar, assim como dos fatores que afetam diretamente a qualidade de vida da comunidade, é um grande estímulo para a atuação cidadã. Neste processo, o território e a história de vida e cotidiana dos jovens assumiram um importante potencial educativo. O território foi a base para construção de conhecimentos, valores, senso de responsabilidade e empatia e também de desenvolvimento de habilidades para intervenção e transformação socioambiental.

Santos (2003, p. 96) nos ensina que o território é o “chão mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence... é a base do trabalho, das trocas materiais, espirituais e da vida”. Ou seja, o território não é o espaço geográfico em si, mas são objetos e ações, o espaço humano, habitado e, neste entendimento, o território permite uma visão mais ampla das causas e efeitos do processo socioterritorial. Ele é, portanto, um campo privilegiado de análise e intervenção educativa.





No município de Santo André, o Projeto Água, Câmera e Ação atendeu jovens de bairros em situação de vulnerabilidade social ao longo de todo território, incluindo ações dentro dos limites da Macrozona Urbana e da Macrozona de Proteção Ambiental. De acordo com o Plano Diretor, que definiu o macrozoneamento municipal, a Macrozona Urbana representa 38% do território municipal e concentra 90% da população andreense, com alto grau de adensamento populacional e construtivo. A Macrozona de Proteção Ambiental, que representa mais de 60% do território, possui baixo adensamento populacional e construtivo e sua principal vocação é a produção de água para abastecimento da população e preservação dos recursos naturais. Três dos bairros atendidos estão localizados próximos de duas Unidades de Conservação de Proteção Integral: o Parque Natural Municipal Nascentes de Paranapiacaba e o Parque Natural Municipal do Pedroso, importantes áreas para preservação da Mata Atlântica e dos recursos hídricos. Em geral, os bairros atendidos pelo projeto possuíam alto índice de vulnerabilidade socioeconômica.

Conforme quadros a seguir, o projeto adotou como unidade geográfica para as intervenções educativas as bacias e sub-bacias hidrográficas municipais:

Formações do Módulo I: 10 turmas

Bacia/Sub-bacia	Local
Billings/Rio Grande	Vila de Paranapiacaba
Tamanduateí/Córrego Guaraciaba	Morro da Kibon – Condomínio Maracanã
Billings/Ribeirão do Pedroso	Parque do Pedroso (Pq. Miami, Jd. Riviera e Vila Rica)
Tamanduateí/Córrego Cassaquera	Vila Guaraciaba (EE. Valdomiro Silveira)
Ribeirão dos Meninos/Córrego Beraldo	Vila Guiomar (Casa Lions de Adolescentes de Santo André)
Tamanduateí/Córrego Comprido	Parque Capuava (EE Bernaldo de Toledo Piza)
Ribeirão dos Meninos/ Córregos Beraldo e Cemitério)	Vila Guiomar (EE Pe. Agnaldo Sebastião Vieira)
Billings/Ribeirão do Pedroso	Parque Miami (EE Pedro Cia)
Billings/Ribeirão do Pedroso	Parque Miami (EE Pedro Cia)
Tamanduateí/Córrego Itrapoã	Cidade São Jorge (EE Ovídio Pires de Campos)



Formações do Módulo II: 2 turmas (sendo 1 turma dividida em 2 de 50 horas)

Bacia/Sub-bacia	Local
Billings/Ribeirão do Pedroso	Parque do Pedroso (Pq. Miami, Jd. Riviera e Vila Rica)
Ribeirão dos Meninos/Córrego Taióca	Jd. Progresso (EE Papa Paulo VI)
Tamanduateí/Córrego Comprido	Vila São Pedro (EE Amaral Wagner)

Formações do Módulo III: 1 turma

Bacia/Sub-bacia	Local
Tamanduateí/Córrego Cassaquera	VI. Guaraciaba (EE. Valdomiro Silveira)

O Projeto Água, Câmera e Ação foi uma experiência inovadora na cidade de Santo André, tanto por utilizar os recursos audiovisuais como parte dos processos educativos de forma colaborativa e protagonizada pelos jovens participantes, mas sobretudo por estimular novos olhares sobre o território, novos vínculos de pertencimento e formação cidadã voltada à proteção ambiental, em especial à conservação dos recursos hídricos. A iniciativa de fazer vídeos documentários, a partir do olhar dos próprios moradores, possibilitou o registro histórico que estimula a reflexão e ação sobre as diversas questões do meio em que os jovens vivem, corroborando com a participação social e as diretrizes do trabalho e o planejamento socioambiental do município. Houve o diálogo entre tecnologia e conhecimento comunitário e também integração de programas, projetos e ações intersetoriais fortalecendo as políticas públicas municipais relacionadas.

O Água, Câmera e Ação e suas etapas

Para o melhor entendimento deste projeto, a seguir são relatadas as principais ações de cada uma de suas etapas, destacando os aspectos metodológicos e processuais vinculados ao seu tempo cronológico.

2020: Etapa 1 - Planejamento integrado

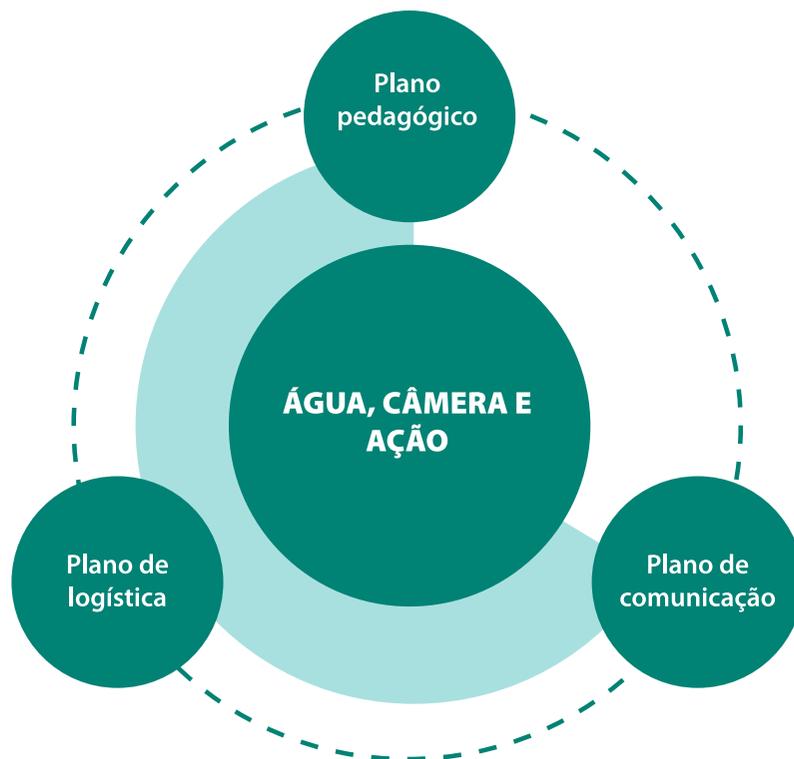
O projeto foi elaborado em 2016, mas em virtude de uma série de questões relativas à obtenção do financiamento, administrativas e de logística, foi iniciado de fato apenas em 2020. Ainda que houvesse um delineamento metodológico para sua execução, foram desenvolvidos três planos que se integravam:

Plano pedagógico

Com base no princípio de que a educomunicação socioambiental deve formar para uma postura crítica, questionadora e participativa, em que os participantes do projeto pudessem atuar como protagonistas das questões ambientais



em seu meio, o plano pedagógico foi centrado em uma diversidade de abordagens de modo que contribuíssem para ampliar a participação dos jovens e o controle social no que diz respeito ao cuidado e à gestão da água, utilizando câmeras como ferramentas de expressão e incentivando uma nova postura, ao mesmo tempo criativa e crítica em relação às formas de linguagem e comunicação audiovisual.



O plano pedagógico foi desenvolvido tendo em vista os diferentes módulos de formação do projeto, a saber:



Cada módulo de formação contemplou a produção de um acervo de curtas-metragens para exibição ao público das comunidades atendidas e da cidade, por meio de mostras e cinedebates.



Para isso, os encontros de cada módulo de formação foram detalhados, destacando, além dos temas, as abordagens educativas que estrategicamente integraram a temática ambiental ao audiovisual.

Os temas dos planos de aula visaram à sensibilização audiovisual para produção de curtas-metragens produzidos pelos participantes para a compreensão da questão da água como o principal elo de trocas entre o ambiente e os seres vivos, abrindo o olhar para aspectos como: a história contada pelos mananciais e por aqueles corpos d'água presentes também na Macrozona Urbana; pegada hídrica e como nossas escolhas, hábitos individuais e coletivos estão envolvidos com a proteção ambiental; ciclo da água (de onde vem, para onde vai, rios voadores); e água como fonte de vida, mobilização e intervenção no meio. Foram propostas dinâmicas e atividades que se configuraram como espaços de participação coletiva, a partir do lúdico e da criação audiovisual, com troca de saberes e impressões, ampliando repertórios para criação artística e percepção do mundo.

Além dos planos de aula, o plano pedagógico contemplou alguns instrumentais como o termo de uso de imagem e voz, essencial ao projeto, uma vez que seus produtos finais incluíram produções audiovisuais e também as fichas de entrada e saída, que se constituíram como questionários que nos auxiliaram na avaliação da iniciativa, por meio do levantamento de percepções no início e ao final do curso, bem como identificação das características (preferências pessoais cotidianas como tipo de música, estilo de filmes que gostavam de ver, entre outras informações) dos grupos em formação.

Plano de comunicação

- ▶ O plano de comunicação do Água, Câmera e Ação teve como objetivos:
- ▶ Criar a identidade visual para o projeto.
- ▶ Criar materiais de comunicação que auxiliassem na mobilização social tanto para as formações como para as mostras e cinedebates.
- ▶ Criar material de apoio para as formações.
- ▶ Dar visibilidade às ações desenvolvidas.

Os materiais de comunicação utilizados para divulgação e mobilização social foram banners, cartazes e folders.

Tais materiais foram utilizados nas ações de divulgação em escolas, postos de saúde, comércios e redes sociais.

Como material de apoio às formações, foi produzido um livreto/cartilha, com informações sobre o território de Santo André, suas áreas de proteção ambiental, temas relacionados aos recursos hídricos, mudanças climáticas, ODSs (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável), educomunicação e etapas da produção audiovisual.

Para dar visibilidade ao Água, Câmera e Ação, além das articulações realizadas em cada território com lideranças, agentes de saúde, instituições assistenciais e equipes gestoras das escolas estaduais locais, foi criado um site para realização de inscrições on-line e divulgação das ações que aconteceram durante o projeto.

**CURSO DE AUDIOVISUAL,
PERCEÇÃO AMBIENTAL
E EMPREENDEDORISMO**

VAGAS LIMITADAS!
GRATUITO!

**ÁGUA
CÂMERA
AÇÃO**

ÁGUA, SEU FUTURO É AGORA!

ROTEIRO CAPTAÇÃO DIREÇÃO EDIÇÃO PRODUÇÃO EXIBIÇÃO

APONTE A CÂMERA DO SEU SMARTPHONE

INSCRIÇÕES ON-LINE www.semasa.sp.gov.br/aca
97446-1878 | 4433-9846

ALTO ALTO TIE TIE TIE TIE

SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO ESCOLA DO CARIÓTIPO semasa SANTO ANDRÉ

Banner

**ÁGUA
CÂMERA
AÇÃO** GRATUITO!

CINE-DEBATES
ÁGUA, SEU FUTURO É AGORA!

FILMES PRODUZIDOS PELOS JOVENS ANDREENSES.
VENHA PRESTIGIAR E PARTICIPAR DO BATE PAPO SOBRE MEIO AMBIENTE E ARTES DIGITAIS.

VENHA ASSISTIR, REFLETIR, CURTIR E REPENSAR A SUA RELAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE.

APONTE A CÂMERA DO SEU SMARTPHONE

ALTO ALTO TIE TIE TIE TIE TIE TIE

SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO ESCOLA DO CARIÓTIPO semasa SANTO ANDRÉ

Cartaz

Sobre os módulos:

Envolverá a utilização de novas tecnologias, elementos específicos da linguagem audiovisual e sensibilização socioambiental, abordando, entre outros temas, os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e suas dimensões social, econômica, ambiental e institucional.

MÓDULO 1

Aprofundamento dos temas socioambientais e da linguagem audiovisual.
Roteiro, direção, produção, gravação, edição, exibição e muito mais!

MÓDULO 2

Tem como base de estudo o empreendedorismo digital, com foco na economia criativa e circular. Prevê ainda a elaboração de um plano de negócios do projeto "Água, Câmera e Ação" e seus produtos culturais.

MÓDULO 3

Durante o projeto "Água, Câmera e Ação" serão realizadas, em vários locais da cidade, mostras dos filmes produzidos pelos jovens.

Também vão ser promovidos diálogos sobre temas que permitem entender a água como elo de troca fundamental entre as pessoas e o meio ambiente.

Quem pode participar: Jovens de 15 a 29 anos residentes em Santo André.

SE LIGANESTA OPORTUNIDADE!

INSCRIÇÕES ON-LINE

APONTE A CÂMERA DO SEU SMARTPHONE

CURSO GRATUITO COM CERTIFICADO

SAIBA MAIS:
www.semasa.sp.gov.br/aca

INSCRIÇÕES ABERTAS! GRATUITO!
VENHA FAZER VÍDEO PROFISSIONAL!

**CURSO DE AUDIOVISUAL,
PERCEÇÃO AMBIENTAL
E EMPREENDEDORISMO**

**ÁGUA
CÂMERA
AÇÃO**

VAGAS LIMITADAS

ROTEIRO CAPTAÇÃO DIREÇÃO EDIÇÃO PRODUÇÃO EXIBIÇÃO

SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO ESCOLA DO CARIÓTIPO semasa SANTO ANDRÉ

Folder - frente

"ÁGUA, CÂMERA E AÇÃO" - Venha fazer cinema sobre água e meio ambiente.

"Água, Câmera e Ação" é um projeto de educação do Semasa que visa a sensibilização e formação socioambiental, por meio do audiovisual.

Para isso, serão realizados cursos para a produção de curtas-metragens, que serão exibidos à população pelos participantes.

Utilizando a água como tema gerador, a linguagem cinematográfica se constituirá como ferramenta de ação para uma nova atitude criativa, crítica e envolvida com as questões da sociedade e do meio ambiente.

Se a água é essencial para a vida, por que muitos não se preocupam com a escassez hídrica, com o alto consumo e a poluição da água?

Não existe vida que não esteja marcada pela presença da água, seja no cotidiano ou na paisagem. Já parou para pensar que histórias podem ser contadas sobre os cursos d'água de Santo André? São muitas as possibilidades. Que tal descobriremos juntos?

O projeto Água, Câmera e Ação será desenvolvido a partir de uma metodologia essencialmente prática e participativa, baseada nas diferentes realidades do município de Santo André (macrozona urbana e macrozona de proteção ambiental).

Os jovens participarão ativamente das experiências de aprendizagem, trazendo suas percepções e vivências e, ao mesmo tempo, valorizando as especificidades de cada local.

Percepção ambiental, educação e audiovisual. **MÓDULO 1**

Recursos hídricos, sensibilização ambiental e linguagem cinematográfica. **MÓDULO 2**

Empreendedorismo digital. **MÓDULO 3**

Folder - verso



Cartilha - capa

Nosso território e nossos cursos d'água 2

Para instigar sua imaginação, vamos contar um breve histórico da região. O município de Santo André é **dividido em Macrozona Urbana e Macrozona de Proteção Ambiental**. Cerca de 55% do seu território está localizado em **APRM - Área de Proteção e Recuperação aos Mananciais**. Isso significa que nestes locais há uma série de **cursos d'água imprescindíveis para o abastecimento da população em toda a região.**

SE LIGA!

Bacia hidrográfica: é uma região delimitada por pontos altos do relevo (divisores de água) que fazem com que toda a água (cursos d'água e até mesmo a água da chuva) escorra em uma determinada direção. O nome vem exatamente pela semelhança com uma bacia.

Como vimos no mapa, **Santo André possui uma extensa área de proteção ambiental**, onde é comum vermos grandes áreas de **remanescentes da Mata Atlântica, além da represa Billings**. Mas, na Macrozona Urbana também podemos observar diversas áreas verdes, rios e outros corpos d'água. Próximo à sua casa ou nos caminhos que percorre em Santo André, **você já observou algum rio?**

Cartilha - página 2



Água, Câmera e Ação!

12

Entre as diversas possibilidades da educomunicação, neste curso **trabalharemos com a produção audiovisual**, criando nossos próprios **curtas-metragens sobre os recursos hídricos**. O audiovisual integra três linguagens que, apesar de diferentes, são complementares: **verbal, sonora e visual**.



CURIOSIDADE

Nem sempre os **curtas-metragens** foram produzidos com **elementos sonoros, verbais e visuais**. O **cinema surgiu em 1895**, por meio da criação de um cinematógrafo desenvolvido pelos **irmãos Lumière, na França**. A primeira exibição trazia um curta com imagens em movimento da chegada de um trem à estação de Paris. **Apesar de ser em preto e branco e sem áudio**, à época foi considerado algo **mágico e encantador**. Quer ter uma ideia de como foi a reação das pessoas? **Assista ao filme** A Invenção de Hugo Cabret.

Mas afinal, o que é um curta-metragem?

Conforme a **Agência Nacional de Cinema (ANCINE)**, refere-se a filmes de curta duração - **até 15 minutos**, que podem ter finalidades diversas, como entretenimento, educação, informação, venda de algum produto, entre outras possibilidades.

Cartilha - página 12

Quais as principais etapas de produção de um curta?

13



Que histórias sobre os recursos hídricos de Santo André queremos contar?

Esta é uma das **primeiras questões** que devemos pensar para **desenvolver o roteiro dos nossos curtas-metragens**.



O roteiro é a base do seu curta.

É o momento de **pesquisar, de refletir, de construir a ideia** do filme em conjunto, colocando no papel o que você e seu grupo de trabalho querem elaborar no filme para **compartilhar com o público**.



Cartilha - página 13



A seguir, são apresentadas imagens do site:



Site: www.semasa.sp.gov.br/aca
 acesse pelo QR Code



NOSSOS GRUPOS

Grupo Morro da Kibon
 Aulas realizadas na
 Instituição Beneficente Irmã Mari.

Módulo 1

Percepção ambiental, educomunicação e
 o audiovisual.

CURTAS PRODUZIDOS PELA TURMA



Site: www.semasa.sp.gov.br/aca
 página Nossos Grupos



Site: www.semasa.sp.gov.br/aca
 página Nossos Curtas

Cada turma de formação e mostra realizada, bem como cada curta-metragem produzido teve seu registro fotográfico e making of incluídos no site do projeto.

Plano de logística

Para que as ações previstas no plano pedagógico e plano de comunicação fossem realizadas de forma eficiente, foi elaborado o plano de logística, prevendo todos os materiais e equipamentos necessários à realização do projeto. Ainda que para produção de vídeos em alguns momentos tenha sido utilizada a captação de imagens com a câmera do celular, os jovens tiveram a oportunidade de manusear equipamentos de som, áudio e vídeo profissionais.



Alguns registros dos jovens manuseando os equipamentos.



Além dos planos mencionados, em 2020 também foram realizadas as primeiras articulações intersetoriais envolvendo a Secretaria Municipal de Cultura e a Diretoria Regional de Ensino de Santo André. Em virtude da pandemia de Covid-19, as ações práticas do projeto junto ao público jovem só foram iniciadas em 2021.

2021 a 2022: Etapa 2 - Formação cidadã

Quando pensamos nas diferentes vertentes/correntes que a educação ambiental pode assumir dependendo de sua prática (SAUVÉ, 2005), a formação para cidadania é um objetivo comum.

Mas que cidadania é esta? No âmbito do Água, Câmera e Ação buscamos uma aprendizagem para além dos conteúdos, ou seja, capaz de promover processos de formação que possibilitassem “novos modos de ser, de compreender, de posicionar-se no mundo, perante aos outros e a si mesmo, enfrentando os desafios e as crises do tempo em que vivemos” (CARVALHO, 2005, p.90), sobretudo as relacionadas à temática socioambiental.

Para isso, entre o segundo semestre de 2021 e todo o ano de 2022, como parte do projeto, foram realizadas 13 turmas de formação compreendendo três módulos educativos que tiveram como tema gerador ‘a água’.

Módulo I: “Percepção ambiental, educomunicação e o audiovisual” contemplou 35 horas de formação, buscando compreender a percepção dos jovens sobre a água em seus territórios e estimular o protagonismo juvenil na conservação dos recursos hídricos, abordando diversos temas ambientais, como resíduos sólidos, segurança hídrica, água virtual, unidades de conservação, água na periferia, poluição, entre outros. O olhar sobre o território quanto aos problemas socioambientais foi a base para elaboração dos roteiros e produção de curtas- metragens de cinco minutos pelos próprios jovens.

Neste módulo, cada turma participou de cerca de 10 a 11 encontros de formação. Um dos desafios do projeto foi realizar a mobilização social e garantir o alcance de suas metas de participação, já que queríamos envolver de 30 a 40 jovens em cada turma. As primeiras se iniciaram no contexto da pandemia e, ainda que as escolas estaduais locais tivessem nos auxiliado na divulgação, as formações ocorriam no contraturno escolar, o que poderia afetar a participação pretendida e a manutenção do grupo ao longo dos encontros, pois cada formação ocorreu em cerca de dois meses e meio.



Registro de ação de divulgação do projeto em uma das escolas estaduais atendidas



Ainda que o número de inscrições do Água, Câmera e Ação tenha superado nossas expectativas, já nas primeiras turmas, como relatado no capítulo sobre o protagonismo juvenil, a participação efetiva das mesmas foi baixa, uma vez que foram realizadas desvinculadas das unidades de ensino estaduais. Nas turmas iniciais, muitos jovens tiveram que deixar de participar do projeto para trabalhar e ajudar suas famílias.

Dessa forma, como estratégia para continuidade do projeto, a parceria com as escolas estaduais foi além da abertura das unidades escolares apenas para divulgação dos cursos, mas também para realização das formações nas escolas que possuíam o Programa de Educação Integral. Embora tenhamos percebido muitos casos de evasão escolar, a parceria com a Diretoria Regional de Ensino foi fundamental para a implementação do projeto.

Para garantir uma variedade de turmas tanto na Macrozona Urbana como na Macrozona de Proteção Ambiental de Santo André, mesmo após a parceria com algumas escolas estaduais, tentamos promover outras turmas abertas às comunidades e no contraturno escolar, como no Parque Andreense, localizado na área de manancial do município. Mas, mesmo investindo em divulgação e ampliação de prazos para inscrições, o interesse foi baixo, impossibilitando a abertura desta turma.

Sobre a formação promovida no módulo I, a programação de encontros considerou os seguintes temas e percursos pedagógicos:

Encontro de formação	Percurso pedagógico e principais temas
1	Apresentação do grupo e educadores; Atividade de integração; Dinâmicas para estabelecimento das regras de convivência; Meio de comunicação e educomunicação; Tipos de equipamentos; Enquadramentos; Atividade prática de filmagem e apresentação pessoal; Aplicação da ficha de entrada.
2	Saída com os participantes para leitura ambiental nos bairros em que residem com uso dos equipamentos audiovisuais; Discussões sobre meio ambiente e ações antrópicas, por meio das imagens captadas e curtas-metragens já existentes sobre o tema, abordando também aspectos quanto à produção audiovisual.
3	Exposição dialógica sobre os temas: água como fonte de vida; água e seus usos; água virtual; pegada hídrica; bacias hidrográficas; saneamento ambiental - abastecimento, tratamento da água e efluentes; resíduos sólidos; mananciais; qualidade de vida e legislação; Exibições formativas e dinâmicas incluindo a água como personagem.
4	Exposição dialógica e com uso de vídeos abordando os seguintes temas: recursos hídricos; Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e suas dimensões (social, econômica, ambiental e institucional); controle social e protagonismo.



5	Discussões em grupo para escolha dos temas dos curtas-metragens; Exposição dialógica sobre os caminhos da pré-produção: tema, argumento, roteiro, personagens, locação de captação: espaços, figuras, objetos, cenografia, dentre outros; Exercício prático - escrevendo o pré-roteiro.
6	Continuação da elaboração dos roteiros; Pesquisas; Gravações .
7	Exibição das primeiras gravações (uso de celular e equipamentos profissionais); Discussão formativa (o que pode melhorar, análise sobre a mensagem e público, sentimentos quanto ao processo); Amadurecimento dos roteiros.
8	Aula prática de edição e novas filmagens.
9	Aula prática de edição e novas filmagens; Reflexões sobre o potencial educativo dos materiais já elaborados.
10	Exibição e discussão dos vídeos finalizados; Avaliação da formação; Aplicação da ficha de saída.

Ainda que o objetivo do projeto estivesse alinhado à temática ambiental, o primeiro encontro foi voltado à educomunicação e ao audiovisual, como uma forma de despertar a curiosidade e interesse dos jovens. Esta estratégia foi muito pertinente, pois apesar de estarmos conhecendo a todos naquele momento, os exercícios proporcionaram descontração e maior proximidade com os grupos.



Primeiro encontro com a turma de Paranapiacaba - exercício de captação de imagem e áudio

A possibilidade de conhecer um pouco mais sobre os recursos de filmagem do celular e também dos equipamentos profissionais foi um diferencial para que os jovens se mantivessem motivados durante todo o curso.

Os curtas puderam ser gravados dentro e fora das escolas, o que envolveu a autorização dos pais ou responsáveis para que os jovens com idade abaixo dos 18 anos pudessem realizar as gravações. As produções externas foram importantes exercícios de convívio e abordagem social. Os participantes contextualizaram o que estavam fazendo a partir de toda orientação dos educadores quanto aos aspectos éticos para realização das filmagens, incluindo o Termo de Uso de Voz e Imagem dos entrevistados.

Para as gravações externas os participantes utilizavam um colete com a escrita “educação ambiental”. É interessante pontuar o comportamento dos jovens naqueles momentos: eles assumiam outra postura, sentindo-se valorizados e importantes.



Saída a campo para as filmagens e uso do colete de identificação do grupo - turma do Morro da Kibon

Além do diálogo entre eles, durante as filmagens havia o diálogo com outras pessoas das comunidades onde estavam inseridos. O Água, Câmera e Ação foi também um processo de resignificação do cotidiano. Quanto a isso, Freire (1977, p.68) nos ensina que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores, que buscam a significação dos significados”.

Buscar “a significação dos significados” foi algo que permeou todo o projeto Água, Câmera e Ação, pois ao longo dos cursos buscou-se não apenas compreender as percepções e visões de mundo dos participantes, mas também entender como os jovens davam significado ao local onde moram e às suas experiências na e com a cidade de Santo André.

Módulo II: “Recursos hídricos, sensibilização ambiental e linguagem cinema-documentário” foi um aprofundamento dos temas sobre meio ambiente relacionados à realidade e cultura territorial, ampliando as discussões para temas mais complexos como as mudanças climáticas e questões de saneamento, bem como aprofundando as técnicas de produção audiovisual. Nesta etapa, foram produzidos curtas-metragens de dez minutos, também protagonizados pelos jovens em sua concepção e produção.

Este módulo contou com uma turma que cursou 100 horas de formação e duas turmas com 50 horas. Estas últimas foram realizadas no segundo semestre de 2022, período em que aconteceram as eleições nacionais e a Copa do Mundo. Por isso, houve a necessidade de adequar o cronograma.

Neste módulo tínhamos participantes mais desinibidos e roteiros de produção mais elaborados.

Para este momento, como houve uma turma com 32 encontros e outra com cerca de 15 encontros, a programação de temas e percursos pedagógicos serão mencionados a seguir de maneira mais sucinta:

Encontro de formação	Percurso pedagógico e principais temas
Encontros iniciais	<p>Apresentação do projeto.</p> <p>Integração.</p> <p>Discussões dialogadas sobre educomunicação ambiental; Documentário e seus subgêneros;</p> <p>Problemas ambientais;</p> <p>Diagnóstico socioambiental;</p> <p>Leitura ambiental;</p> <p>Conhecendo os equipamentos e acessórios;</p> <p>Registro fotográfico e audiovisual entre participantes;</p> <p>Elaboração de biomapas;</p> <p>Diagnóstico socioambiental;</p> <p>Definição de linguagem audiovisual;</p> <p>Discussões dialogadas sobre bacia hidrográfica;</p> <p>Impactos das ações antrópicas na conservação dos recursos hídricos (desastres ambientais relacionados aos recursos hídricos, desmatamento, descarte incorreto de resíduos; Mudanças climáticas;</p> <p>Uso dos equipamentos audiovisuais.</p>



<p>Encontros intermediários</p>	<p>Exposição dialogada e dinâmicas sobre os temas: Bacia Hidrográfica do Alto Tietê; florestas e água; ações mitigadoras; qualidade ambiental, história e rios; Mata Atlântica; Mananciais; sistema Billings; água no território andreense e abastecimento; relação entre a Macrozona Urbana e a Macrozona de Proteção Ambiental de Santo André; biodiversidade, Unidades de Conservação e suas funções para proteção dos recursos hídricos; desafios à gestão sustentável da água, participação social; saneamento ambiental e saúde;</p> <p>Definição de temas;</p> <p>Elaboração de roteiros (construção dos personagens, tipos de personagem, pesquisa e caracterização de personagem, personagem e conflito, conflito e situação, “flashback”, voz “over”, ruptura segmentações, as unidades do drama);</p> <p>Roteiros para documentários: quais são os subgêneros?;</p> <p>Linguagem audiovisual, desenvolvimento dos roteiros;</p> <p>Definição de argumentos;</p> <p>Saídas de campo para filmagens;</p> <p>Captação de som.</p>
<p>Encontros finais</p>	<p>Saídas de campo para filmagens;</p> <p>Tipos de iluminação. Contraste, luz dura, luz suave e contra-luz;</p> <p>Luz principal e luz de preenchimento;</p> <p>Manuseio detalhado das funções da câmera;</p> <p>Aprofundamento da discussão sobre a relação entre a temática socioambiental e o audiovisual;</p> <p>Produção e pré-produção;</p> <p>Decupagem: a transformação do roteiro em planos com descrição das opções de linguagem audiovisual;</p> <p>Edição preliminar;</p> <p>Finalização dos curtas-metragens;</p> <p>Avaliação.</p>



Neste módulo, que foi mais extenso, se destaca como metodologia e uma das estratégias de leitura do território o biomapa, que é uma referência em Santo André no campo da educação ambiental.

O biomapa é um método de cartografia social que promove o conhecimento popular por meio da compreensão das diversas dimensões (ética, social, econômica, cultural, ambiental, educativa, etc) que compõem a realidade das comunidades estudadas. É um instrumento de diagnóstico e planejamento, cuja metodologia envolve os cidadãos na identificação das informações locais e/ou regionais, contribuindo para promoção de processos de aprendizagem social e para a tomada de decisões consensuais entre a comunidade e outras organizações públicas ou privadas (SANTO ANDRÉ, 2005).



Atividades com o uso do biomapa



Como este mapeamento está baseado nas inter-relações do ambiente com as atividades humanas, a comunidade passa a se identificar cada vez mais com seu entorno, permitindo uma maior percepção dos impactos diretos e indiretos que suas ações causam no meio.

No Água, Câmera e Ação, por meio da utilização do biomapa, os jovens puderam refletir sobre a água do território, seus caminhos, a influência humana em sua quantidade e qualidade, bem como suas relações com a Mata Atlântica e sua biodiversidade.

Estas reflexões foram a base para que os jovens da turma do Parque do Pedroso, por exemplo, pudessem escolher os temas dos seus roteiros que se relacionaram ao saneamento básico e o desafio do abastecimento hídrico; à importância da preservação de áreas verdes para a produção de água e a mitigação das mudanças climáticas; qualidade da água e saúde e aspectos relacionados à fragilidade e à relevância da Represa Billings.

Mais uma vez, destacamos o processo formativo voltado à cidadania e, principalmente, o envolvimento dos participantes na criação de seus próprios ecossistemas educacionais, ou seja, espaços de convivência e colaboração que apresentam novas formas de produção e propagação do conhecimento a partir de leituras próprias da realidade vivida (MARTÍN BARBERO, 2002, SOARES, 2011 e OROZCO GÓMEZ, 2014).

Este processo de educação permite: a valorização do conhecimento popular, a reflexão crítica sobre os meios de comunicação na leitura e produção de conhecimento, a mobilização social, o aprendizado no trabalho em grupo, o desenvolvimento das habilidades comunicativas dos participantes e novas formas de exercício da cidadania.

De acordo com Volpi e Palazzo (2010), é importante trabalhar a comunicação como direito e possibilidade de intervenção na realidade mostrando sua intencionalidade, seus objetivos, seu público, seu potencial de mobilização e transformação social, pois apenas dessa forma os jovens podem se apropriar desse direito produzindo informações em âmbito local, mas também considerando o contexto global.

Sob esta perspectiva, a comunicação não se configura apenas como meio ou fim dos processos educativos, mas como uma forma de mediação e relação entre educandos e educadores e suas comunidades buscando novos sentidos, percepções e formas de intervenção e mudança social.

Para além desta narrativa, o próximo capítulo desta publicação traz o olhar sobre os dois primeiros módulos no contexto da pandemia de Covid-19.

Módulo III: “Empreendedorismo Digital”, com 40 horas de formação, foi voltado ao empreendedorismo digital. Os participantes puderam utilizar o conhecimento construído nos demais módulos para aprender como empreender por meio das plataformas de mídias digitais, elaborando um plano de negócios. Por seu diferencial em relação aos demais módulos, um dos próximos capítulos se dedica ao detalhamento do percurso pedagógico deste módulo.

Sobre a relação entre os três módulos de formação, é relevante destacar que pela prática em educação ambiental no município de Santo André, considerando a diminuição da participação do público jovem ao longo de formações similares, foram



previstos números diferentes de formação para cada módulo. A ideia era que, na prática, fossem formadas dez turmas de módulo I, de forma descentralizada, ou seja, nos diferentes bairros da cidade. Destas turmas, seriam selecionados 80 jovens para as duas turmas do módulo II e, destes, 40 participantes para a turma do módulo III, o que implicaria na prática em custos para o deslocamento dos jovens dos diferentes bairros atendidos até os locais de formação.

Considerando o tempo de realização do projeto e a dificuldade em promover este transporte para deslocamento dos jovens, esta estratégia se mostrou inviável. Sendo assim, as turmas que apresentaram maior engajamento no módulo I seguiram para os demais módulos previstos. Por isso, foi muito comum os jovens participantes do módulo I, que não continuaram nas formações seguintes, mencionarem que queriam ter tido maior tempo de formação, sobretudo para as etapas de edição dos curtas-metragens. Este aspecto se configurou como uma das lições aprendidas do projeto, de modo que futuras iniciativas similares possam contemplar maior tempo de formação e/ou transporte para os participantes, especialmente em ações que possam acontecer fora das comunidades atendidas.

2022 a 2023: Etapa 3 - Engajamento socioambiental

O Água, Câmera e Ação, entre seus objetivos, considerou a integração e o protagonismo da juventude em questões socioambientais que impactam a vida de todos e que, ao mesmo tempo, vivenciam em seu cotidiano.

No projeto, além da interação social inerente ao seu percurso pedagógico, esta etapa da iniciativa envolveu o compartilhamento do que foi construído ao longo do processo, ou seja, os curtas-metragens e experiências vividas como forma também de engajar outras pessoas das comunidades atendidas e da cidade.

Para todas as turmas de formação foram realizadas mostras de cinema abertas em cada comunidade em que os jovens estavam inseridos, além de mostras abertas para toda a população em áreas centrais do município, com exibição dos curtas-metragens produzidos pelos participantes. Durante essas atividades, eram realizados debates sobre as questões socioambientais abordadas e ações necessárias para minimizar os problemas relatados. As exibições foram divididas em locais: as que eram realizadas nas escolas ou comunidades atendidas e centrais, que aconteceram na área central da cidade, para o público em geral.

No início, muitos dos participantes se mostravam tímidos, mas aos poucos e por serem trazidas questões cotidianas os cinedebates trouxeram discussões relevantes do ponto de vista ambiental. Muitos deles foram realizados, inclusive, com jovens de escolas técnicas, sobretudo os que participavam do curso de meio ambiente. O roteiro base para a realização das mostras pode ser conferido nos anexos desta publicação.



Grupo da EE Bernaldo de Toledo Piza e educadores do projeto em um dos cinedebates locais.



Cinedebate central

As mostras locais, por compartilharem os resultados da produção dos jovens junto de suas comunidades, foram momentos em que encerrávamos de fato as formações, com a entrega dos certificados aos participantes.

Entrega de certificado para a turma da Casa Lions de Adolescentes de Santo André





Entrega de certificado para jovens da Escola Estadual Amaral Wagner



Encerramento do seminário, com alguns dos participantes do projeto

Este momento de partilha do projeto, em especial, nas edições dos cindebates locais foram muito significativas tanto para os jovens quanto para os educadores envolvidos. Era interessante vê-los sorrindo ao se verem na tela, ao visualizarem o resultado final de todo trabalho realizado e, nos momentos em que houve a participação dos pais e familiares, as sessões, além de reflexivas, causavam comoção, especialmente pela trajetória de cada grupo, envolvimento e engajamento dos participantes.

Além dos cindebates, como parte da etapa de engajamento socioambiental do projeto, no final de 2022, houve um seminário com o tema “O futuro da água é agora!” em que os jovens puderam conversar com especialistas sobre os temas abordados durante o Água, Câmera e Ação e também apresentar suas produções. O evento contou com a participação de 150 pessoas.

Atualmente, os curtas-metragens produzidos têm sido utilizados para realização de novas mostras dos vídeos em todo o município para promover educação ambiental.



O Projeto Água, Câmera e Ação e seus resultados

O processo educomunicativo do Água, Câmera e Ação foi uma tentativa de promover o engajamento e protagonismo socioambiental deste público, mas será que conseguimos?

Em certa medida, pelos resultados das produções audiovisuais, pelo que vivenciamos junto a cada grupo, podemos dizer que sim. Mas, assim como a participação é uma habilidade que se aprende e se aperfeiçoa com a prática, o mesmo se aplica ao engajamento. Serão os caminhos, interesses e vivências dos jovens ao longo da vida que fortalecerão ou não o interesse, a preocupação e sua atuação na busca de uma sociedade mais sustentável. Portanto, não é um percurso apenas individual, depende de interação social.

Projetos de educação ambiental como este têm fundamental importância neste processo de engajamento, desde que agreguem novas formas de aprendizagem social (dentro e fora das escolas), de interpretação do cotidiano, de espaços de escuta, de diálogo, de negociação e a construção coletiva de projetos de intervenção na realidade, envolvendo diversos atores para que possam desenvolver relações de confiança mais solidárias e horizontalizadas (JACOBI, TRISTÃO e FRANCO, 2009).

O projeto envolveu dois anos intensos de atividades e aprendizados, não só para os participantes, mas também para toda a equipe de educadores envolvida. E é isso o que cada um que esteve envolvido na iniciativa leva consigo e o que nos inspira como educadores.

“O Água, Câmera e Ação (para os íntimos, ACA), foi um DESAFIO GIGANTE, em um cenário totalmente desfavorável, saindo de uma pandemia, com jovens desmotivados, perdidos, sem perspectiva, convivendo com máscaras, álcool em gel, e muitas dúvidas. Acompanhei a primeira turma no Morro da Kibon, a turma de Paranapiacaba, a turma do Parque do Pedroso (e algumas outras posteriores, cada turma com suas particularidades e cada aluno com sua própria história, geralmente muito carente). O tema água era ensinado com sinônimo de vida, de preservação, de cuidado, de saúde, de renovação, mas também fazia parte da vida daqueles moradores, significando um problema (pela falta de saneamento adequado), um medo (pela próxima chuva que poderia invadir a própria casa dos alunos) ou até um custo (que poderia ser muito caro para quem não tinha condições). Mesmo diante de todas as dificuldades no caminho, tenho orgulho imenso de ter feito parte deste projeto e de ter contribuído de alguma forma. Hoje eu levo comigo cada lição aprendida e cada desafio superado. O ACA me ensinou que não há problema que não exista uma solução...”

Karoline Ferreira dos Santos - educadora ambiental do Semasa

Compartilhar a experiência por meio desta publicação também é uma oportunidade de dar capilaridade ao projeto e destacar os seus resultados. A seguir, são apresentados os dados de atendimento do Água, Câmera e Ação por módulo de formação, mostras e cine debates.



Atendimentos das turmas de formação módulo I, II e III – Água, Câmera e Ação entre os anos de 2021 e 2022

	Turmas	Módulo	Inscritos	Participantes	Quantidade de vídeos produzidos
1	Paranapiacaba	1	30	10	2
2	Morro da Kibon	1	27	11	2
3	Pedroso	1	48	38	6
4	EE Valdomiro	1	27	24	5
5	Clasa	1	23	12	4
6	EE Bernaldo	1	43	36	4
7	EE Pe. Agnaldo	1	40	28	4
8	EE Pedro Cia - T1	1	30	29	4
9	EE Pedro Cia - T2	1	32	21	4
10	EE Ovídio	1	41	31	5
11	Pedroso	2	38	32	4
12	EE Papa Paulo VI	2	34	22	2
	EE Amaral Wagner	2	16	7	2
13	EE Valdomiro	3	25	24	0
	Totais		454	325	48

Conforme dados do quadro apresentado, a quantidade de participantes foi relativamente menor do que o número de inscritos e isso ocorreu, como já mencionado, em virtude da desistência dos jovens participantes ao longo do projeto, seja por evasão escolar ou outras questões pessoais, como aquelas relacionadas à entrada dos jovens no mercado de trabalho em apoio às famílias.

Quanto aos cinedebates, tivemos mais de 925 pessoas nas mostras locais e centrais dos vídeos e 150 pessoas no seminário “O futuro da água é agora!”. Ao todo, foram atendidas, diretamente, cerca de 1.400 pessoas.

Por meio da divulgação dos vídeos pelos próprios jovens, parceiros, escolas envolvidas e demais ações do projeto, certamente o alcance dos curtas-metragens foi ampliado.



Também é importante destacar como resultados:

- ▶ Produção de 48 curtas-metragens protagonizados pelos jovens participantes em sua concepção e produção e considerando as diferentes realidades e características dos territórios atendidos.
- ▶ Inserção de todos os curtas-metragens produzidos e os making of das formações em mídias digitais, permitindo o acesso livre, ampliando-se a sua utilização como subsídio para outras ações de educomunicação socioambiental por toda a cidade.
- ▶ Maior engajamento juvenil nas questões ambientais.

Avaliação geral do projeto

A mudança de percepção sobre o meio ambiente, a cidadania e o maior engajamento dos jovens nas questões ambientais locais foram identificadas por meio de entrevistas realizadas antes e ao final das formações e, principalmente, pelo envolvimento dos participantes ao longo dos encontros. Uma das jovens formadas participou como representante da sociedade civil no conselho participativo de meio ambiente da cidade, o Comugesan (Conselho Municipal de Gestão e Saneamento Ambiental de Santo André) e muitos deles se mostraram mais engajados em outros projetos ambientais realizados pelas escolas locais. Além disso, desde 2020, o site do projeto já foi acessado em mais de 66 cidades, 23 estados do Brasil e 6 países, incluindo Estados Unidos, Itália, Nigéria e Angola, o que demonstra também o potencial do projeto como proposta educativa para além das dimensões físicas dos bairros atendidos e da cidade.

A seguir destacamos os pontos fortes da experiência:

- ▶ Utilização da educomunicação por meio do audiovisual como metodologia colaborativa, pois possibilitou maior interesse e engajamento dos jovens sobre a temática ambiental. Eles puderam aprender a manusear equipamentos profissionais e também a utilizar o celular em todo o processo de produção dos curtas-metragens com aulas de fotografia, produção de roteiro, filmagem e edição.
- ▶ Estímulo ao protagonismo juvenil em todas as etapas de formação ambiental e produção audiovisual, sendo estimulados para que fossem os protagonistas tanto das histórias como de suas próprias produções.
- ▶ Abordagem territorial que considerava as relações dos integrantes com os territórios em que estavam inseridos. Todo processo educativo das formações contemplou exercícios de leitura territorial, destacando aspectos socioambientais positivos e negativos e ações cidadãs possíveis para que os aspectos negativos fossem superados.
- ▶ Possibilidade de replicação a diversos contextos territoriais.

Dificuldades:

Dificuldade inicial de mobilização e engajamento juvenil, já que o Projeto Água, Câmera e Ação ocorreu, em parte, durante a pandemia de Covid-19, o que trouxe dificuldades não só de mobilização social, em virtude do medo quanto ao convívio com outras pessoas, mas principalmente por questões socioemocionais, como crises de ansiedade e dificuldade de concentração dos interessados. Os obstáculos foram superados por meio do trabalho conjunto de uma equipe de educadores multidisciplinar e por meio da rede de parceiros, especialmente com as instituições de ensino e entidades assistenciais.

O Água, Câmera e Ação e o Prêmio Cidades Educadoras

Em fevereiro de 2024, o Água, Câmera e Ação foi contemplado com o Prêmio Internacional Cidades Educadoras, promovido pela Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE). A premiação existe desde 2016 para fomentar e reconhecer projetos inovadores, que tenham viés democrático, participativo, de respeito ao próximo e compromisso pelo bem comum.

A Associação Internacional de Cidades Educadoras é uma organização sem fins lucrativos, constituída como uma estrutura permanente para a colaboração entre os governos locais, comprometidos com a Carta das Cidades Educadoras, que é o roteiro utilizado pelos municípios que integram o grupo.

A sede em Barcelona é responsável pelo suporte e monitoramento das cidades educadoras, faz a adesão de novos municípios, divulga experiências, além de apoiar e acompanhar as cidades que sediam os Congressos Internacionais de Cidades Educadoras.

Santo André é cidade-membro da AICE desde 2006, conforme Lei Nº 8.870/2006, sob responsabilidade da Secretaria de Educação.

O Água, Câmera e Ação concorreu com outras 66 candidaturas de 11 países e 55 cidades e, entre as três premiadas, Santo André se destacou conjuntamente a projetos da Cidade do México (México) e Odivelas (Portugal).



Imagem do site do prêmio destacando as experiências vencedoras de 2024: Subsistema de Educação Comunitária PILARES, Cidade do México (México); Água, Câmera e Ação - educação socioambiental, Santo André (Brasil) e Diálogo interreligioso, Odivelas (Portugal).



O Projeto foi inscrito no Prêmio Cidades Educadoras 2024, atendendo ao tema de convocatória Cocriação e Participação em valores comunitários, principalmente pelo envolvimento direto do público do projeto nas diversas etapas da iniciativa e dos aspectos relacionados à territorialidade, identidade, pertencimento e cidadania democrática. De acordo com a devolutiva do júri que avaliou a ação, os fatores principais que contribuíram para a premiação foram: atendimento de áreas em situação de vulnerabilidade do município, mobilização da juventude para questões socioambientais por meio do audiovisual, utilização dos curtas-metragens produzidos para sensibilização das comunidades e promoção de outros processos de educação e sensibilização ambiental desenvolvidos em Santo André, bem como a intersetorialidade e possibilidade de replicação da experiência.

Por fim, os resultados alcançados são fruto do trabalho destes profissionais e das parcerias firmadas, que foram essenciais para o seu sucesso. Os resultados apresentados foram possíveis porque todo o processo se deu de maneira dialógica e participativa, considerando as percepções, conhecimentos e vivências dos envolvidos.

A partir das ações realizadas durante a iniciativa, destacamos as seguintes lições aprendidas:

O que foi importante?

- Ⓣ Relação dialógica e participação: quanto maior for o diálogo com o público jovem e a abertura de canais de escuta maior será a sua participação e envolvimento. Todos os temas trabalhados durante os cursos tiveram como ponto de partida o conhecimento prévio dos participantes, o que favoreceu a produção dos vídeos protagonizados, pois todo o planejamento de atividades e ações foram feitos a partir das percepções dos envolvidos e os conhecimentos construídos durante as formações.
- Ⓣ Ação focada no território e protagonismo juvenil: o incentivo ao protagonismo juvenil, a ampliação dos conhecimentos dos participantes sobre o tema recursos hídricos e as possibilidades de ação individual e coletiva no ambiente em que viviam favoreceram o desenvolvimento de novas habilidades e percepções sobre o território.
- Ⓣ Integrar a proposta do projeto ao itinerário formativo das Escolas do Programa de Educação Integral participantes, conferindo complementaridade de ações para além do escopo da experiência.

O que poderia ter sido melhor?

- Ⓣ Maior tempo de formação para as turmas que cursaram o módulo I e não puderam fazer as demais formações.
- Ⓣ Ter à disposição do projeto veículos de grande porte para facilitar o traslado dos participantes em visitas, intercâmbio entre turmas ou viabilização da participação de outros grupos nos módulos II e III de formação.
- Ⓣ Ter maior tempo em aulas de edição de modo que os jovens pudessem ter participado mais da finalização da produção dos curtas-metragens.
- Ⓣ Ter realizado turmas de formação para além das áreas em vulnerabilidade social do município.

Tais lições vêm reafirmando a importância da promoção de processos educativos dialógicos, participativos e voltados à aprendizagem social e ao empoderamento das populações para intervenção e transformação de suas realidades.



Porém, não há fórmulas que possam determinar o sucesso dos processos de educação ambiental, pois cada realidade exigirá uma intervenção diferente. Mas, um aspecto fundamental se refere a real possibilidade de co-gestão e autonomia dos sujeitos para que possam se apropriar dos locais onde moram e aprendam a participar, exigir e agir em prol de seu bem-estar, de sua saúde e do ambiente que os rodeia.

Os dados apresentados denotam a relevância do projeto no município de Santo André. Dessa forma, a avaliação qualitativa da experiência conta com um capítulo específico nesta publicação: Água, Câmera e Ação - transformando olhares para além das telas.

Espera-se que os dados deste projeto possam contribuir de alguma forma para motivar novas práticas em educação ambiental pautadas no diálogo, na solidariedade, na participação e na educomunicação socioambiental.

Para saber mais sobre o Água, Câmera e Ação

Todo o histórico da ação, além dos módulos trabalhados, estão disponíveis no site www.semasa.sp.gov.br/aca. A playlist com os vídeos produzidos está no canal do YouTube da autarquia, no endereço <http://bit.ly/youtubesemasa>.

Do cotidiano às telas - o processo educacional do Água, Câmera e Ação

AUTORES:

Soraia Oliveira Costa, Fábio Fétter e Adriano Gonçalves



Estudantes da EE Pedro Cia durante as gravações - Água, Câmera e Ação

Do cotidiano às telas - o processo educacional do Água, Câmera e Ação

No fim de 2019 e início de 2020, um novo vírus foi identificado em seres humanos, a Covid-19 começou a se espalhar pelo mundo e a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou sua disseminação como uma pandemia. Foi considerada uma emergência de saúde pública de importância internacional e, por isso, foram adotadas algumas medidas restritivas para a educação.

Com isso, o plano educativo do Projeto Água, Câmera e Ação foi reestruturado para a forma híbrida. Remotamente, no aprofundamento reflexivo que exige a fase da pré-produção e quando presencial, seguindo os protocolos sanitários. Mas, notamos que não seria o cenário ideal para ter a qualidade e aprofundamento reflexivo esperado.

O cinema é coletivo. Não basta uma câmera na mão e uma ideia na cabeça. Para construir o audiovisual é preciso saber manusear o equipamento para obter qualidade na captação. Quanto mais uma ideia for discutida e as funções distribuídas, os resultados serão mais aprofundados.

Em áreas de vulnerabilidade social e de manancial, que muitas vezes sofrem com falta de acesso à internet ou de recursos para ter qualidade para estudar remotamente, replanejamos e optamos por fazer o curso de maneira 100% presencial com orientações dos guias, normas e protocolos de produção audiovisual no contexto da pandemia.

A educação faz com que a produção audiovisual traga um caminho de compromisso com o conteúdo, além da forma. Traz em seu bojo a perspectiva de levar ao público mensagens qualificadas quanto ao uso do cinema para se expressar.

Com os cuidados necessários a partir dos protocolos sanitários, iniciamos as oficinas com duas turmas: uma no Centro de Visitantes na Vila de Paranapiacaba e outra na Instituição Beneficente Irmã Marli, no Núcleo Vista Alegre, mais conhecido como Morro da Kibon. Ambos locais de complexidade, com variados temas possíveis por serem áreas de manancial e também de vulnerabilidade social. Apresentaram dificuldades e, ao mesmo tempo, possibilidades para podermos desenvolver nosso trabalho com os jovens e adultos da melhor forma possível.

Como instrumento de avaliação das oficinas, foi aplicado em todas as turmas um formulário de entrada e saída, com algumas questões que serviram de apoio para análise mais apurada da equipe.

Com base nas análises das fichas e nas avaliações cotidianas nas aulas, foi possível verificar que a pandemia agravou algumas dificuldades no processo de ensino-aprendizado. Os jovens apresentaram dificuldade de concentração, timidez e baixa autoestima para se expressar. É importante refletir sobre o analfabetismo digital que atinge a população das áreas mais vulneráveis. Muitas famílias atendidas também pelo projeto dividem um celular, o que limita o uso com frequência. Aquelas que possuem celular, fazem o uso para se comunicar de forma simples.



Turma Vila de Paranapiacaba

Por outro lado, o projeto possibilitou ampliar a socialização das turmas, por meio da produção em equipe e do dinamismo que envolve o fazer audiovisual. Os jovens escolheram seus grupos, com apoio da equipe de educadores e de técnicos, desenvolveram coletivamente o processo desde a sua concepção. Cada integrante do grupo pôde colocar suas preferências e se desafiar para aprender o novo. Todas as turmas tiveram oportunidade de experienciar as etapas da produção do audiovisual e, por meio do tema gerador recursos hídricos e o contexto de cada local, foram selecionados os subtemas e recortes de relevância educativa, com cuidado na linguagem desenvolvida em cada filme.

Além das turmas mencionadas, o processo educacional do Água, Câmera e Ação também contemplou mais 11 turmas, cada uma com sua peculiaridade e desafios socioambientais que foram, em certa medida, retratados nos 48 vídeos produzidos no projeto.

A água como personagem das obras trouxe em si uma gama de ideias educativas, mesmo quando atreladas ao contexto de cada local. Assim, tivemos o desafio de escolher junto às turmas, respeitando o protagonismo dos jovens participantes. Ao mesmo tempo, quando falta repertório da turma, é preciso ter muito cuidado para trocar ideias sobre o cotidiano e o território, a fim de promover identificação dos temas, não repetir histórias e nem ser superficial na abordagem. A equipe envolvida no projeto buscou ter o cuidado em instruir as turmas de forma respeitosa e organizada, com plano de trabalho, sequência didática e equipamentos necessários para a realização das oficinas de modo dinâmico e ao mesmo tempo reflexivo para a produção de conhecimento.



Estudantes da turma da EE Pedro Cia elaborando roteiro e utilizando a cartilha do projeto como apoio.



A cartilha do curso contribuiu para que as turmas de participantes pudessem estudar e discutir sobre os temas abordados, bem como para a produção de conhecimento.

Nos encontros, as turmas passaram por todas etapas da produção audiovisual: 1 - Pré-produção: estudo, pesquisa, roteiro, planejamento; 2 - Produção: mãos à obra!; 3 - Pós-produção: seleção, montagem, tratamento; 4 - Difusão: divulgações, mostras, seminário.

Na pré-produção, as turmas tiveram aula sobre meio ambiente e audiovisual, com foco nos recursos hídricos e em produções educacionais. Os grupos e os temas foram divididos. Nesta etapa também foram criados meios de comunicação entre os grupos, para além da sala de aula. Cada grupo buscou aperfeiçoar os estudos do território andreense, da natureza como um todo e, principalmente, da importância dos recursos hídricos para a vida.



Bastidores da Turma na Escola Estadual Papa Paulo VI.

As turmas contaram com o apoio da equipe de técnicos ambientais e de audiovisual, sendo pelo menos dez em cada turma, motivados a trazerem o melhor do grupo para as telas.

Buscamos uma equipe técnica qualificada, dando prioridade para contratação de mulheres, sobretudo negras, periféricas e LGBTQIAP+, na perspectiva de melhorar as oportunidades para quem sofre com desigualdades de acesso e emprego. Formamos uma equipe sensibilizada, colaborativa e com discernimento para atuar com destreza independentemente do território e das pessoas a serem atendidas.



Gravação do curta, turma Escola Estadual Ovídio Pires dos Campos.

Como estratégias no processo de ensino-aprendizagem, não dissociamos o método de aprender ao ensinar e vice-versa, com as evidências e resultados que apontam que conseguimos alcançar um resultado expressivo de sensibilização ambiental, pautado no trabalho em equipe e em princípios como o respeito mútuo.

Com criatividade para elaboração do roteiro e para confecção da trilha sonora, alguns alunos se arriscaram até em escrever poesia e fazer desenhos. Apesar do pouco tempo disponível para fazer preparação vocal e para melhorar a argumentação, tivemos a maioria dos filmes com a narração feita pela própria turma e, em alguns casos, os jovens também atuaram nas produções. No geral, as turmas demonstraram responsabilidade ao tratar dos variados temas.



Bastidores da turma da Vila de Paranapiacaba



Estudantes Jamile e Sara, turma do Parque do Pedroso e Morro da Kibon



O projeto também promoveu o autoconhecimento dos participantes, ao trazer reflexões sobre o cotidiano, território e a água. O município de Santo André tem 55% do seu território em área de manancial e faz parte da sub-bacia do Reservatório Billings, integrante do Sistema de Abastecimento Alto Tietê. Para a Macrozona de Proteção Ambiental, existem regras para os tipos de ocupação, com definições de parâmetros do lote e da construção conforme as características do Setor de Ocupação Dirigida, a fim de promover a recuperação destas áreas de forma mais assistida.

Outro desafio foi lidar com turmas heterogêneas. Assim, as metodologias ativas contribuíram para trazer mais dinamismo e motivação para a turma. Um exemplo foi começar pela apresentação do grupo fazendo o uso dos equipamentos de gravação de áudio e vídeo. A pesquisa de campo para a leitura ambiental e pesquisas bibliográficas sobre os temas também possibilitaram uma troca mais efetiva com os jovens, como aqueles que possuíam mais dificuldade de concentração em sala para as aulas mais expositivas e dialógicas.

Utilizamos também painéis interativos on-line, com discussão de textos e reflexões para evitar que ocorra o fim da natureza. Fizemos atividade de criação de memes com críticas socioambientais e foi interessante ver a assimilação dos jovens para construção de crítica de mundo de uma forma criativa. Ao final das aulas, buscamos estimular a apresentação oral sobre o andamento de cada produção e, assim, possibilitar também a interação entre os grupos. Muitos deles acabaram sendo colaborativos.



Aterro Sanitário, turma da Escola Estadual Ovídio Pires de Campos.



Turma do Parque do Pedroso.



Leitura ambiental, turma Morro da Kibon.

Tivemos o retorno de que alguns jovens ingressaram no ensino superior em cursos de audiovisual e também percebemos que o conhecimento acerca do meio ambiente foi ampliado. Entender o território gerou um pertencimento na turma, além de contribuir com uma mudança de hábito dos participantes que, em sua maioria, não se importava com os resíduos produzidos, quicã com seu destino. O incentivo de leitura crítica do meio ambiente também foi uma prática constante da equipe, buscando estimular novas atitudes dos grupos tanto em seu cotidiano como em suas comunidades.

Os cinedebates dos materiais produzidos trouxeram novas reflexões sobre as obras, com a participação dos produtores, pesquisadores e outros estudantes interessados. Os curtas-metragens disponibilizados nas redes sociais do projeto e do Semasa também propiciaram um maior alcance e, agora, o município tem registros que discutem educativamente os recursos hídricos, feitos com equipamentos profissionais de audiovisual e com protagonismo juvenil.



Turma da Escola Estadual Valdomiro Silveira.

Compartilhamos aqui os títulos e uma pequena descrição para conhecer um pouco das obras e os respectivos territórios em que foram produzidas:

Módulo 1 I - Centro de Visitantes, Vila de Paranapiacaba

1. Namoradeira de Paranapiacaba (6'25'')

Filme poético e educativo, mistura memórias da infância ou do trabalho, como monitorias ambientais de moradores da Vila de Paranapiacaba. Encenação baseada em fatos reais e pesquisas relacionadas à natureza e história da vila ferroviária, demarcada também pelo aproveitamento dos recursos hídricos disponíveis no território.



2. Olho D'Água - Nascentes (7'08")

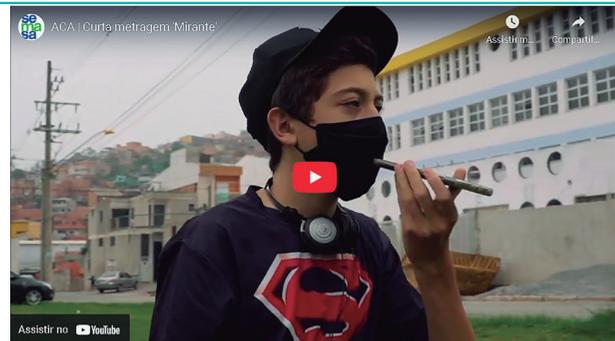
Documentário com narrativas sobre curiosidades a respeito do local de distribuição de água, o Núcleo Olho d'água, as vivências e o lazer na natureza exuberante presente na Vila de Paranapiacaba.



Módulo 1 II - Instituição Beneficente Irmã Marli, Morro da Kibon

3. Mirante (5'04")

O curta-metragem faz um recorte geracional, destacando a troca de mensagens entre um adolescente e sua avó, que conta suas memórias da nascente do Córrego Cassaquera. O neto conta o que vê no presente. Sua avó fala do passado. Ambos se preocupam com o futuro e estudantes apresentam o morador Donisete que investe na energia solar para contribuir com um mundo mais sustentável.



4. Trabalho de Campo: Água na Periferia (5'48")

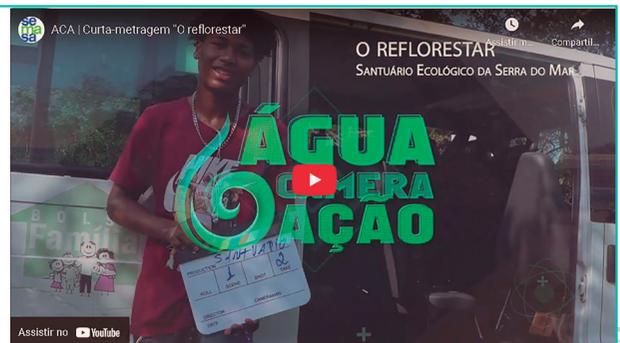
Duas jovens, Sara e Evelyn, atuaram na produção de um curta com viés jornalístico (vídeo-reportagem). Traziam informações sobre a ocupação territorial e circularam pela região indagando aos moradores sobre a qualidade da água - e acesso a mesma. Também identificaram problemas ambientais e buscaram provocar reflexões no vídeo para gerar uma possível consciência ambiental.



Módulo 1 III - Parque do Pedroso

5. O reflorestar: Santuário Ecológico da Serra do Mar (6'16")

O filme foi desenhado a partir de indagações do grupo, que decidiu fazer um vídeo-reportagem com o foco em entender o reflorestamento e seus desdobramentos na melhoria dos recursos hídricos localizado em espaço que estava desmatado e degradado.



6. Saberes do Lago (5'26'')

De forma poética, a explanação é feita por meio de um diálogo entre a lagarta e o lago. O curta retrata os lagos do Parque Natural Municipal do Pedroso e outras questões relacionadas ao seu espaço, sugere o cuidado para que haja união das pessoas e que sejamos multiplicadores para reverter o atual cenário.



7. Vozes da Floresta (5'19'')

Com elementos da natureza para retratar a necessidade de melhorar o cuidado com o meio ambiente, o curta estabelece uma relação da água com elementos da natureza, como o vento, o solo e a fauna.



8. Qual é a cor da água? (5'01'')

O vídeo traz a reflexão acerca da necessidade da água para a sobrevivência com diálogos a respeito da cor da água. Discute-se também a falta de saneamento básico e do tratamento da água, o que pode comprometer a saúde da população que utiliza o espaço como lazer e moradia.



9. Visita ao Parque do Pedroso (6'08'')

A ideia do filme é mostrar informações sobre o Parque do Pedroso e sua importância para os recursos hídricos, convidando as pessoas para que o conheçam e o conservem.



10. Ações de reflorestamento (5'06")

O curta tem a proposta de contar como o espaço natural pode ser restabelecido a depender da relação que se tem, ao apresentar o projeto Desafio Jovem, para o reflorestamento de um espaço localizado no Parque do Pedroso que era utilizado para fins terapêuticos.



Módulo 1 IV - Escola Estadual Valdomiro Silveira, Jardim Silvana

11. Água: Vida e Morte no tancão (9'18")

É um curta-metragem que conta a história de um local, que apesar de revitalizado na atualidade, foi marcado por tragédias em um antigo porto de areia na década de 1960, tornando-se um lago artificial que vitimou 38 vidas. Com 70 mil metros quadrados de floresta da Mata Atlântica e 300 mil metros quadrados de espelho d'água, recurso hídrico que se esbarra com memórias de medo e tristeza, o vídeo visa sensibilizar as pessoas e as convida para conhecerem o Parque Guaraciaba, cercado de nascentes. À época, o local estava passando por um grande processo de revitalização, trazendo nova vida e memórias ao parque.



12. Mancha urbana de Santo André (5'20")

O vídeo traz informações sobre a formação da cidade de Santo André e sua área urbana com desenhos ilustrando a narração que será o fio condutor.



13. Jornal Expresso de Pesquisa Valdoka (6')

O vídeo-reportagem fala sobre a variação do volume de chuvas que ocorrem durante o ano, como isso tem sido alterado e de que forma contribui para a erosão do terreno na região.

Propõe questionamentos, testemunhos e apresenta soluções de emergência, preventivas e de sensibilização fornecidos pelo Semasa e pela Defesa Civil de Santo André.



14. Som das águas do Guarará (6'58'')

O curta busca propor sensibilização por meio do conflito entre personagens sobre o descarte de resíduos no Córrego Guarará. Um jovem em seu trajeto à escola joga uma garrafa de plástico no rio. Uma colega questiona seu ato inconsequente e o leva para aprender sobre a história do córrego e a importância de contribuir com a conservação ambiental.



15. Horta na escola (4'40'')

Este vídeo comunidade aborda a iniciativa de criar e cultivar uma horta comunitária na Escola Estadual Valdomiro Silveira, mostrando o início do processo e seu desenvolvimento. Ressalta ainda a importância de cuidar da água e do plantio para contribuir com a qualidade ambiental.



Módulo 1 V - Casa Lions de Adolescentes de Santo André, Vila Guiomar

16. Escassez de água (5'14'')

Este filme, com locução e ilustrações feitas por desenhos e imagens que o apoiam e complementam, traz informações sobre a distribuição e escassez de água, abordando sobre o racismo ambiental.



17. Rio Tamanduateí (5'24'')

O vídeo foi desenvolvido no estilo de um documentário com encenação, por meio de personagens que trazem reflexões sobre o Rio Tamanduateí. Há diálogo entre uma professora, que teve contato com o curso d'água antigamente, e uma aluna, que, curiosa, busca entender o contraste do rio ontem e hoje, tendo como base a sua importância e uma breve história dentro do aspecto do sistema hídrico, promovendo sensibilização ambiental do público.



18. Água nasce como vida (4'20")

O filme passa pelas quatro fases de um rio em regiões urbanizadas e faz analogia às etapas da vida humana: nascimento, criança, adolescência, adulto, idoso. Com narração e imagens de material de arquivo, possibilita a reflexão sobre a importância de termos uma relação sustentável, para que, em trechos urbanos, os rios tenham uma melhor qualidade e promovam a saúde.



19. Programa Clasa Lions TV: água virtual (5'45")

Este curta é uma reportagem jornalística sobre o tema água virtual e consumo consciente, na qual foram abordadas pessoas da região do núcleo habitacional Tamarutaca e adjacências. Foram realizadas entrevistas com moradores, comerciantes, prestadores de serviços e especialistas do Semasa.



Módulo 1 VI - Escola Estadual Bernaldo de Toledo Piza, Parque Capuava

20. Reúso de Água na Horta Urbana (6'30")

O vídeo mostra jovens fazendo redação na sala de aula quando são convocados para uma missão chamada "água, câmera e ação". Nesta missão, vão até uma horta no bairro e verificam que a água da chuva é captada e reutilizada para irrigação. Ao voltarem para a sala de aula, têm novas ideias para a construção da redação.



21. Falta de Chuva (4'33")

O filme explica o que é pluviômetro e o monitoramento de desastres naturais, com entrevistas de moradores do bairro e de estudantes, inclusive de um aluno surdo, criando acessibilidade e inclusão nestas reflexões.



22. Áreas Verdes (4'17'')

O curta discute a importância das áreas verdes em regiões urbanizadas para sensibilizar a população. Traz entrevistas com um catador de recicláveis, um estudante do projeto e uma especialista em meio ambiente.



23. Água e Gênero (6'34'')

Com a participação das estudiosas no tema Marta Marcondes e Veridiana Godoy, é apresentada a relação entre água e gênero, a atuação das mulheres na gestão de recursos hídricos, segurança hídrica e como tudo isso afeta a sociedade.



Módulo 1 VII - Escola Estadual Padre Agnaldo, Vila Guiomar

24. Rios Voadores (4'54'')

O curta-metragem explica o fenômeno conhecido como Rios Voadores e também provoca o espectador a refletir sobre a finitude da água e como é importante o cuidado com as florestas.



25. Práticas Sustentáveis (6'16'')

O vídeo mostra como as práticas sustentáveis são importantes para o equilíbrio do meio ambiente. Provoca o espectador a pensar o quanto suas ações definem o futuro da água no mundo.



26. Impermeabilização do Solo (6'07")

O enredo do filme é construído a partir da pergunta "você sabe o que significa impermeabilização do solo?". Destaca enquadramentos em primeiro plano, com variadas texturas e formas, solos que retêm a água em sua superfície e outros que a absorvem. O filme é também um convite à valorização dos espaços verdes nas áreas urbanas.



27. Do esgoto às residências: Caminhos das águas (6'50")

O curta aborda de forma participativa e expositiva o trajeto da água, da torneira ao esgoto, sensibilizando para promover mais conhecimento sobre o meio ambiente e evitar o desperdício de água.



Módulo 1 VIII e IX - Escola Estadual Pedro Cia, Jardim Riviera

28. Reúso Sistema de captação de água pluvial (5'35")

O filme busca sensibilizar as pessoas trazendo informações e influenciando o consumo de água de forma mais sustentável. Utiliza o recurso de entrevistas, além da narração que traz o fio condutor para despertar a sensibilização ambiental.



29. Da terra viemos: a olaria e a água (6'09")

De forma poética, o filme faz o uso de poesia, narração e entrevistas buscando mostrar como é o uso da água no processo de produção nas olarias e destaca que a água é fundamental para a vida no planeta Terra.



30. Pod Cria: Nuvens artificiais (7'24"")

O vídeo mostra o conceito de Nuvens Artificiais por meio de um programa em formato de podcast, apontando alguns exemplos utilizados, como semeadura de nuvens e bloqueio de raios solares. Também são indicadas algumas orientações de cuidados com o meio ambiente para que não seja necessário o uso da tecnologia no futuro.



31. Desenvolvimento e Saúde: Olhares sobre a Billings (8'15"")

O curta traz o histórico da Represa Billings, destaca a poluição da água, seus efeitos no meio ambiente e na sociedade, com entrevista de especialistas em educação ambiental e um breve texto de reflexão elaborado pelos alunos.



32. Descarte irregular (5'19"")

Filme voltado para jovens e adultos ampliam o conhecimento sobre áreas de mananciais e o que o descarte irregular de resíduos pode acarretar.



33. Boas práticas na represa (6'36"")

O curta buscou fazer uma narração circular com uma linguagem mais divertida e descontraída, com atuação e entrevista para sensibilizar a população sobre a importância da coleta seletiva.



34. Estação de Tratamento de Esgoto (5'29")

Este vídeo traz conhecimentos gerais para que as pessoas possam entender melhor como funciona e a importância das estações de tratamento de esgoto.



35. Água e óleo (8'21")

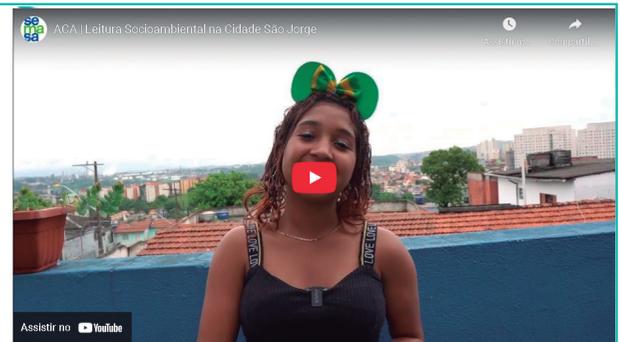
Sugere a redução do consumo de óleo para a saúde humana e o reúso ou descarte correto de óleo usado, a partir do personagem com máscara de cavalo. Ele questiona as pessoas sobre sua conduta de vida em relação ao óleo e aos recursos hídricos.



Módulo 1 X - Escola Estadual Ovídio Pires de Campos, Cidade São Jorge

36. Leitura Socioambiental na Cidade São Jorge (5'54")

Neste vídeo, contamos um pouco da história deste bairro a partir de pesquisas realizadas, utilizando recursos como materiais de arquivos e relatos de moradores que trazem um pouco do passado recheado de lazer nos córregos, alguns deles hoje canalizados.



37. Lençol Freático (5'13")

Explica o que é o lençol freático e traz outras informações sobre esta temática de forma didática com narração e imagens de arquivos.



38. Corredor Ecológico em Santo André (5'06")

O material busca, por meio de entrevistas e narrações, explicar o tema corredor ecológico presente na região da divisa entre os municípios de Santo André e Mauá, onde se situam o Aterro Sanitário Municipal, o Parque Guaraciaba e as proximidades com o Parque do Pedroso. Durante a entrevista com o morador da região, são feitas perguntas sobre seu conhecimento do assunto, com comentários da professora de ciências da escola.



39. Jornal Racional (6'13")

No estilo vídeo-reportagem, os jovens trazem informações sobre o uso da água, ampliando mais a sensibilização sobre o uso adequado da água e a preservação do meio ambiente.



40. Visita ao Aterro Municipal de Santo André (6'25")

O foco do vídeo-comunidade é fazer a intersecção do aterro com os recursos hídricos, indicando aspectos que elucidam a importância de cuidarmos dos nossos resíduos.



Módulo 2 I - Turma do Parque do Pedroso

41. Abastecimento hídrico: é igual para todos? (10'24")

De onde vem sua água? O que é uma área de manancial? Essas perguntas são como um guia para o desfecho deste filme, construído em uma oficina de biomapa, que buscou investigar como funciona o abastecimento hídrico na Macrozona de Proteção Ambiental de Santo André.



42. Curupira: o guardião da Mata Atlântica (10'43'')

O filme se apresenta como uma ficção, que prioriza a linguagem não verbal, valorizando som e imagem como formas de incitar reflexões. Tanto as poesias e encenações como as entrevistas buscam trazer os aspectos de proteção dos recursos hídricos, das florestas e alertar a população sobre as mudanças climáticas e como ela afeta a sociedade.



43. Água e Saúde (10'12'')

Tecendo questionamentos sobre a qualidade da água, os jovens do projeto decidiram ir até o laboratório de uma universidade fazer o teste da água do Parque Natural Municipal do Pedroso e entender quais as suas propriedades. Traz a reflexão sobre a qualidade da água, discute sobre a poluição dos corpos d'água, quais as possibilidades para seu uso e como isso afetaria a saúde daqueles que consomem aquela água.



44. Billings, ontem, hoje e amanhã (11'58'')

O filme reflete sobre a importância de se preservar a Represa Billings hoje, dar valor aos mananciais, lutar contra a poluição de suas águas e manter uma relação sustentável com a natureza. Caso contrário, o futuro será muito difícil.



Módulo 2 II - Escola Estadual Papa Paulo VI, Vila Linda

45. Água e esporte (9'27'')

Por meio de encenações e entrevista com o biólogo especialista Rodrigo Barbassa, os jovens trazem a reflexão sobre o funcionamento do corpo humano, a perda de água e de sais minerais pela atividade física, além dos perigos da desidratação. Busca valorizar o hábito de repor os sais minerais pela ingestão da água e pelo consumo de alimentos.



46. Desperdício de água (9'37'')

Curta realizado de forma ficcional e documental, tem encenação da turma e também entrevista com a faxineira Valquíria. O filme é um convite a reflexão sobre nossos hábitos cotidianos de desperdício.



Módulo 2 III - Escola Estadual Amaral Wagner, Vila São Pedro

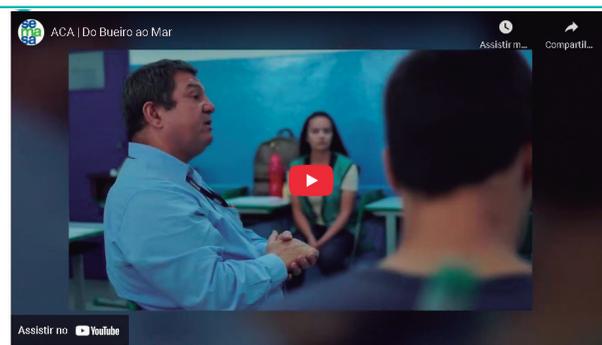
47. Energias renováveis (11'16'')

O filme utiliza uma mistura de elementos da linguagem jornalística e documental para expor ao espectador informações sobre energias renováveis e seu funcionamento com ênfase nas que utilizam a água como fonte energética.



48. Do bueiro ao mar (9'41'')

Com ajuda de especialista, o vídeo mostra o caminho que a água faz, do bueiro até o mar, mostrando as diferenças entre os sistemas de drenagem urbana e de coleta de esgoto.



É possível assistir a todos os filmes do Projeto Água, Câmera e Ação no canal do Youtube do Semasa e no site do projeto. Essas obras trazem atenção significativa para o território, mesmo que no formato de curta-metragem. Além dos participantes, os filmes passaram por uma avaliação da equipe técnica em audiovisual e meio ambiente na sua fase de finalização, buscando qualidade estética e relevância científica, para que possamos construir um futuro da natureza mais sustentável e socialmente equilibrado.





Interfaces entre meio ambiente e empreendedorismo digital: relato deste percurso pedagógico no Água, Câmera e Ação

AUTORES:

Soraia Oliveira Costa, Fábio Fétter e Adriano Gonçalves

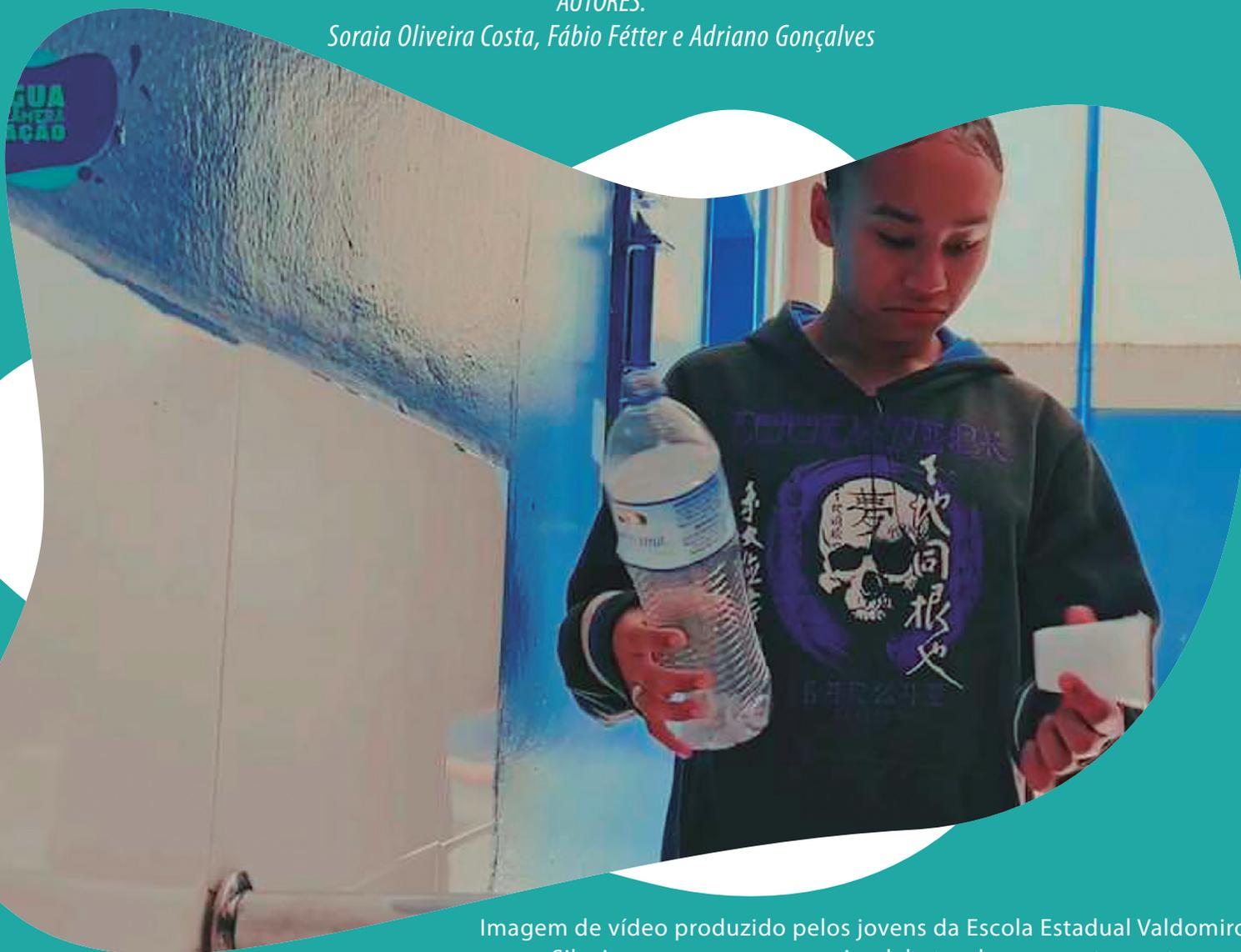


Imagem de vídeo produzido pelos jovens da Escola Estadual Valdomiro Silveira para promover os cindebates de seus curtas-metragens

Relato do percurso pedagógico no Água, Câmera e Ação

*“Eu não tenho uma carreira.
Eu tenho uma causa”.*
Emicida

O comportamento humano está cada vez mais influenciado pelo ambiente digital. Em face do avanço da tecnologia e do acesso à informação, as mudanças nas relações de trabalho e crescimento da economia informal provocaram o surgimento da necessidade de empreender e definir novos rumos para o empreendedorismo.

Como mencionado nos capítulos anteriores, o Projeto Água, Câmera e Ação contou com três módulos de formação. Os dois primeiros módulos foram focados na percepção ambiental, educomunicação e audiovisual e o terceiro módulo, intitulado Empreendedorismo Digital, é o tema central deste capítulo. Vamos discorrer sobre as oficinas, a participação e percepção do estudantes, avaliações quantitativas e qualitativas do processo dos alunos e da equipe dedicada, além de informações relativas ao conteúdo do curso e sua metodologia ativa, trechos do conteúdo teórico-prático e, de maneira mais densa e aprofundada, trazer relatos da trajetória do rapper Emicida, seu empreendedorismo social, frente aos desafios e potencialidades às juventudes.

O módulo III do Projeto Água, Câmera e Ação ofertou a jovens de Santo André um curso de empreendedorismo digital, com foco principalmente em modelos de negócios por meio do audiovisual. A formação trouxe um processo de aprendizagem entre metodologias ativas que favoreceram o despertar para as possibilidades diante das formas de expressão popular no ambiente on-line e físico por meio de textos, gráficos, vídeos, imagens, em diferentes e criativas formas de comunicação visual, multimídia, publicitária, propaganda, além de recursos técnicos, capacitação na gestão midiática, conceitos e práticas de marketing e, ao mesmo tempo, a premissa do desenvolvimento local sustentável.

De acordo com o Sebrae (2023):

Empreendedorismo é a capacidade que uma pessoa tem de identificar problemas e oportunidades, desenvolver soluções e investir recursos na criação de algo positivo para a sociedade. Pode ser um negócio, um projeto ou mesmo um movimento que gere mudanças reais e impacto no cotidiano das pessoas.

Em uma época de grande transformação digital, o setor audiovisual tornou-se uma das principais ferramentas para a comunicação eficaz de pessoas e organizações, já que está diretamente ligado ao modo em como a sociedade cria e consome conteúdo. Em 2020, durante o isolamento social em decorrência da pandemia, os vídeos se tornaram tanto escapatória de entretenimento, quanto uma forma de interlocução e conexão entre empresas, seus colaboradores e método de educação.

Dentre outras linguagens integrantes do processo de economia criativa, o módulo III trouxe à tona a trajetória artística e o plano de negócios voltado à disseminação de conteúdo audiovisual em plataformas de mídias digitais e físicas, tendo como estudo de caso a construção midiática do celebrado rapper e empreendedor Emicida. Ou seja, mostrando a construção de sua incubadora independente, o Laboratório Fantasma, e como suas ações permearam o desenvolvimento sustentável e a defesa de tantos outros objetivos socialmente relevantes, seja a gestão da criatividade e de negócios do projeto, à sustentabilidade e o empreendedorismo social como elementos indissociáveis na produção ou na difusão. A cultura organizacional é capaz de modelar as formas de gestão e os comportamentos, efetivando a prática de valores essenciais à instituição, estimulando o comprometimento de seus colaboradores, criando um clima propício ao trabalho e ao mesmo tempo harmonioso, consolidando uma base cultural interna. Nesse contexto, Emicida potencializa a cultura organizacional com artistas de um mesmo nicho, ou adjacentes, com discurso e prática, condizentes com as bandeiras defendidas por ele nos materiais analisados.

A avaliação do Projeto Água, Câmera e Ação demonstra que a equipe profissional envolvida buscou uma relação dialógica e de aproximação com os participantes, de forma a horizontalizar o processo de ensino-aprendizagem e o saber-fazer.

Os resultados mostram que os jovens sentiram-se engajados nos temas e nas oficinas como um todo. Foi possível perceber que alguns queriam ter produzido mais, contudo a maioria sentiu-se contemplada com a oferta da oficina e as produções realizadas. A turma reconheceu o planejamento das aulas como algo que possibilitou a reflexão de assuntos ambientais e que promoveu a cidadania cultural.



Encerramento do Módulo III com alunos da Escola Estadual Valdomiro Silveira.



Sobre o percurso pedagógico do módulo III

O módulo III de formação foi realizado na Escola Estadual Valdomiro Silveira, área urbana e descentralizada, situada na região do Parque Guaraciaba.

A oficina de empreendedorismo ocorreu no segundo semestre de 2022, às sextas-feiras, período da manhã. Foram dez encontros com quatro horas de duração cada (totalizando 40 horas). A oficina foi destinada especialmente aos jovens participantes dos módulos I e II do projeto e a turma foi formada por 25 estudantes da comunidade escolar, com idades entre 15 e 18 anos, com presença equilibrada de meninas e meninos.

As atividades de educação complementar aconteceram no laboratório de ciências, com duas mesas grandes e bancos que permitiram um maior entrosamento entre os participantes. Houve um momento de integração e apresentação e foram entregues as fichas de entrada, preenchidas pelos participantes sobre suas expectativas em relação ao curso e questões para definir os perfis sociais e culturais dos mesmos. Na sala, havia uma estudante refugiada da Síria que utilizava um aplicativo no celular para traduzir o que era falado em aula. Com o intuito de tornar a oficina um espaço confortável e acolhedor para ela e, principalmente, de respeitar a cultura de seu povo - distinta do Ocidente - alguns cuidados foram tomados para lidar com a jovem como, por exemplo, a orientação de somente mulheres se aproximarem dela. Dois estudantes estavam em outra sala, demonstrando certa hostilidade ao curso, mas foram sensibilizados e decidiram participar do encontro.

As oficinas contaram com apoio de funcionários da escola que, prontamente, contribuíram com as demandas do curso e facilitaram para a boa fruição do processo formativo. No geral, além da visita em um centro de audiovisual da região, o curso utilizou slides com trechos de vídeos, imagens e tópicos que contribuíram para o estímulo nas discussões com a turma em grupos menores, para depois socializar com todos os participantes.

Os primeiros encontros da turma

Além do estudo do processo de construção midiática do rapper e empreendedor Leandro Roque de Oliveira, o Emicida, o conteúdo do módulo introduziu as áreas de comunicação visual, multimídia, publicidade e propaganda por meio de uma oficina expositiva-dialógica, que buscou sondar o conhecimento da turma e despertar mais interesse no tema de forma integral. Nesse diálogo, levantou-se hipóteses e exemplos vivenciados pelos participantes: videocliques que conheciam, músicas que se relacionavam com o tema e histórias do cotidiano que envolviam o empreendedorismo no seu bairro e no audiovisual.

Os encontros teórico-práticos também trouxeram à tona o aspecto do empreendedorismo social. Para os economistas, o empreendedorismo é uma revolução silenciosa que será, para o século XXI, mais do que a Revolução Industrial foi para o século XVIII, pois o processo de empreender não inclui somente a criação de novas empresas, tratando com capitais e empregos, mas consiste, também, em desenvolver o espírito engenhoso do ser humano e o seu empenho em melhorar a humanidade.

Além de informações pessoais registradas em cartelas, os participantes refletiram sobre as expectativas para o Módulo III, sobre produtos audiovisuais marcantes em suas histórias e, principalmente, sobre os motivos para se tornarem empreendedores digitais e seus conhecimentos acerca de economia circular e criativa.



Os tópicos relacionados neste encontro foram: Empreendedorismo nas áreas de comunicação visual, multimídia, publicidade e propaganda, trazendo uma breve introdução aos conceitos acima. Utilizou-se das seguintes definições destes conceitos:

-  **Empreendedorismo**, a capacidade que uma pessoa tem de identificar problemas e oportunidades, desenvolver soluções e investir recursos na criação de algo positivo para a sociedade. Pode ser um negócio, um projeto ou mesmo um movimento que gere mudanças reais e impacto no cotidiano das pessoas (SEBRAE, 2023). “O empreendedor é a pessoa que inicia e/ou opera um negócio para realizar uma ideia ou projeto pessoal assumindo riscos e responsabilidades e inovando continuamente” (CHIAVENATO, 2012, p.3).
-  **Comunicação Visual** é qualquer comunicação ou atividade humana mediante a transmissão de um sinal, entendido por intermédio dos receptores visuais, onde o principal efeito é observado pela primeira vez através do olho. “Um meio visual pode desempenhar muitos papéis ao mesmo tempo. Por exemplo, um pôster que se destina basicamente a anunciar um concerto de piano pode acabar servindo para decorar a parede de um estúdio, superando, assim, a finalidade comunicativa que motivou sua criação” (DONDIS, 2019).
-  **Multimídia** significa que “uma informação digital pode ser representada através de áudio, vídeo e animação em conjunto com mídias tradicionais (texto, gráficos e imagens) simultaneamente” (MACHADO, 2019).
-  **Publicidade** é uma atividade profissional dedicada à difusão pública de empresas, produtos ou serviços. Pode ser qualificada como uma “propaganda comercial”. É a divulgação de produtos, serviços e ideias junto ao público, tendo, em vista, induzi-lo a uma atitude dinâmica favorável (WIKIPEDIA, 2024).
-  **Propaganda** é um modo específico sistemático de persuadir visando influenciar as emoções, atitudes, opiniões ou ações do público alvo. Seu uso primário advém de contexto político, referindo-se geralmente aos esforços de persuasão patrocinados por governos e partidos políticos (WIKIPEDIA, 2024).

Em seguida, fez-se uma introdução ao estudo de caso: “Emicida: o Laboratório fantasma como objeto de estudo de empreendedorismo social”. Foram exibidos comerciais, propagandas, músicas e até um desfile de moda no qual o protagonista Emicida estava trabalhando direta ou indiretamente. Após exibição dos vídeos, os participantes compartilharam sobre quais seriam as características representativas do cantor, a fim de exemplificar a identidade, luta, compromisso e propósito traduzidos e carregados por ele nas produções.

Os alunos dividiram suas opiniões sobre os vídeos e os educadores suplementaram com argumentos os conceitos de representatividade e propósito. Muitos estudantes falaram sobre suas vivências, como por exemplo o uso pessoal dos celulares e outros tipos de consumo por entretenimento em plataformas streaming de vídeo como Youtube e Twitch. Destacou-se a história de atuação de uma das mães dos participantes como empreendedora, com a venda de doces e bolos. No grupo havia, ainda, um jovem gamer e youtuber, que trabalhava também realizando locução de jogos.

Outro tema abordado na oficina foi a comunicação visual, procurando indicar a importância fundamental da identidade visual: paleta de cor, logo, tipografia, entre outros, utilizando como exemplos marcas famosas. Foi solicitado aos estudantes fazerem um exercício comparativo de imagens com e sem identidade visual das marcas para ver o significado e ressaltar a importância deste cuidado.



A equipe de educadores explicou também sobre as diversas mídias e plataformas de comunicação, entre elas multimídia, streaming, televisão, animações e redes sociais. Em seguida, tratou-se mais especificamente da publicidade e propaganda, trazendo, como exemplo, mais uma vez, o artista Emicida. Além de cantor de rap, o artista faz anúncios em comerciais infantis, de bancos, universidades, empresas de chocolate e até mesmo campanhas institucionais sobre vacinas - tema fundamental no período da oficina, devido à pandemia. Após a exibição dos vídeos, o grupo refletiu sobre os tipos de empreendedorismo com exemplos de alguns negócios, destacando novamente o artista para exemplificá-los.

Como conclusão da atividade, foi exibido mais uma música do artista, por meio do videoclipe da canção "Triunfo", que compõe o álbum "Pra quem já mordeu um cachorro por comida, eu até que cheguei longe", que vendeu mais de 10 mil cópias (vendidas a R\$ 2,00 para possibilitar o acesso à arte e à cultura a quem é negligenciado). Alguns trechos da canção serviram de inspiração para a discussão, pois ilustraram o artista-cidadão que busca atuar de forma direta para a consciência social e ambiental.

*"Sou porta-voz de quem nunca ouvido,
os esquecidos lembram de mim porque eu lembro dos esquecidos"*
*"Na pista pela vitória, pelo triunfo
Conquista se é pela glória, uso meu trunfo"*
*"Eu nasci junto à pobreza que enriquece o enredo
Eu cresci onde os moleque vira homem mais cedo"*
*"Não vim pra traír minhas convicções em nome das ambições
E arrebatat multidões ao diluir meus refrões, não
Eu podia, e se eu quisesse vendia
Mas sou tudo aquilo que pensaram que ninguém seria"*
(Triunfo - Emicida, 2009)

Os encontros três e quatro marcaram o empreendedorismo no audiovisual por meio de plataformas em meios digitais, recursos técnicos e capacitação na gestão midiática de audiovisuais.



Terceiro encontro do Módulo III



O curso trouxe dados e indicadores sobre o mercado audiovisual brasileiro divulgados nos últimos anos e sinalizou órgãos reguladores, leis de incentivo à cultura, editais de fomento, associações e sindicatos da categoria e demais programas competentes como a Ancine (Agência Nacional de Cinema), o FSA (Fundo Setorial do Audiovisual), ABPA (Associação Brasileira de Preservação Audiovisual), Sindicine (Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Cinematográfica e do Audiovisual), dentre outros. Trouxe, ainda, uma abordagem acerca de marketing cultural e marketing digital, demonstrando, fundamentalmente, que uma plataforma digital nada mais é do que um modelo de negócios que utiliza a tecnologia com o intuito de conectar pessoas e promover interações. Ou, em linguagem comercial, as plataformas visam otimizar ao máximo o encontro da demanda com a oferta.

Os cursos on-line crescem exponencialmente no Brasil e no mundo. Nesse sentido, brasileiros se interessaram mais por cursos de marketing no Instagram (aumento de 130%), edição de vídeos (aumento de 102%) e desenho (avanço de 84%). As transformações sociais, econômicas e culturais em um mundo potencialmente digital tornam o audiovisual um produto essencial para o empreendedorismo.

O projeto evidenciou empresas e canais especializados em audiovisual, como videomakers que empreendem, por meio de formação audiovisual, seu negócio e potencializam sua abrangência e alcance produzindo conteúdos em vídeo pelo Youtube. Como exemplo, apresentou-se a empresa Brainstorm Tutoriais, criada em 2011 como canal de educação digital voltado para o audiovisual, com técnicas de produção e edição de vídeos usando softwares como Sony Vegas, Adobe Premiere e After Effects. O site comercializa os cursos de vídeo a preços populares, e, como estratégia de vendas, produz muito conteúdo audiovisual, tutoriais, dicas para iniciantes, disponibilização gratuita de imagens, templates, artes gráficas, efeitos sonoros semi concluídos, dentre outros. O empreendedorismo digital é relevante por diversas razões, pois permite que novos negócios sejam criados e desenvolvidos de forma mais rápida e eficiente. Além disso, tem um grande potencial para gerar empregos e renda, e contribui para o desenvolvimento econômico do país.

A equipe técnica do projeto deu continuidade aos trabalhos e organizou os participantes em grupos de trabalho assistidos para incentivar a criatividade dos jovens na elaboração de materiais de divulgação para o cinedebate do Água, Câmera e Ação.

No grupo um, voltado à música, os alunos realizaram a produção da letra da música reunindo as palavras-chaves relacionadas com o cinedebate. Com auxílio dos educadores, fizeram um esboço e depois aperfeiçoaram a letra. Utilizando um gravador de voz e um microfone de lapela, os participantes gravaram 3 versões da letra para ser compatibilizada com o beat a ser desenvolvido por outro grupo.

No grupo dois, foi desenvolvida uma coreografia de dança no “estilo TikTok” para a divulgação do cinedebate entre os outros alunos da escola. O grupo montou, com a orientação dos monitores e da equipe técnica do projeto, uma sequência de vídeos transformada em um vídeo para o formato TikTok.

Também com o intuito de divulgar o cinedebate, o grupo três elaborou uma letra com rimas para a produção de um vídeo, que foi gravado e editado pelos alunos sob orientação dos educadores sociais. Um aspecto interessante na gravação foi a dificuldade de sincronizar as vozes, evidenciando aspectos importantes da produção artística. Já o grupo quatro ficou com a incumbência de elaborar o roteiro do evento e a produção geral.



Vale ressaltar que todos os produtos dos alunos destacaram a água como protagonista e utilizaram, em sua maioria, os ambientes da escola, como as áreas de bebedouros, banheiros, torneiras, etc. Ao final do quarto encontro, os grupos haviam, portanto, elaborado os materiais de produção e divulgação do cinedebate, que aconteceu nos encontros seguintes. O resultado dos vídeos podem ser conferidos no site do projeto: www.semasa.sp.gov.br/aca.

Assim como previsto no plano de aulas do curso, houve uma visita ao Centro de Audiovisual de São Bernardo do Campo, que foi guiada por João Miguel e Pedro Serra, ambos coordenadores do espaço, que expuseram sobre o projeto audiovisual, assim como sobre esse mercado, plano de negócios voltado à disseminação de conteúdo de audiovisual em plataformas em mídias digitais, administração cultural organizacional, emissoras de TV, de rádio, inserção na produção e distribuição em mídias digitais, marketing cultural, direitos autorais de imagem e som e patentes. No momento de troca de experiências e vivências, os alunos demonstraram curiosidade em compreender os formatos de monetização das plataformas, em especial do Youtube e do TikTok.

Na sequência dos encontros, foi proposta uma dinâmica aos alunos para o preenchimento do Business Model Canvas, um método de organização de novos negócios. No primeiro momento foi exibido um vídeo do Sebrae que explicava um passo a passo de como fazer e preencher esse documento essencial para estruturação do negócio. Após exibido o vídeo, a sala foi dividida em duas equipes com a tarefa de idealizar um negócio e estruturar o modelo Canvas, com apoio dos educadores sociais. Ao final, inspirados por um episódio do programa de televisão Shark Tank Brasil, os alunos realizaram um pitch - uma apresentação - dos negócios estruturados no modelo Canvas.



Trabalhos dos grupos para organização da mostra do Cinedebate



Visita ao Centro de Audiovisual de São Bernardo do Campo.



Ainda nesses encontros, os diálogos aconteceram em torno do objeto de estudo de caso, em destaque o álbum musical “Sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa”, lançado em 2015 sob o selo do Laboratório Fantasma. A conversa também discorreu a partir da exibição de outros cliques do rapper Emicida, com ênfase aos trechos da letra: “Então Toma” e outras canções.

*“Eu já quis ser Pablo Escobar, Fernando Beiramar
 Hoje eu quero ser eu só que num melhor lugar
 Invés de reclamar que eu não toco no “Espaço Rap”
 Eu fui trabalhar e arrumei espaço pro meu rap”
 “Coisas que afetam
 Sintonia
 Como sonhei em tá aqui um dia
 Crise, trampa, ideologia, pause,
 E é aqui, onde nós entende a Amy Winehouse”
 (Emicida - Trecho/Letra: Hoje cedo)*

Os módulos I e II do Projeto Água, Câmera e Ação possibilitaram a produção de 48 curta-metragens sobre o meio ambiente. Dessa forma, os alunos participantes do módulo III foram convidados também a pensar num programa para divulgação com base nos produtos audiovisuais produzidos. Quais seriam os potenciais para empreender? Quais as dificuldades, os riscos e investimento necessário (tempo, recursos humanos e materiais)?

Os vídeos ganharam uma identidade visual com extensão para o videografismo, ou seja, vinheta em vídeo com a identidade visual do projeto, no uso de efeitos e elementos sonoros. O projeto ganhou vinhetas de entrada e saída que padronizaram o material em formato de série de vídeos de curta-metragem, além da série de 13 episódios em vídeo dos bastidores das oficinas, chamado no meio audiovisual de making of. Os participantes foram estimulados também a pensarem em um programa de podcast que, assim como o audiovisual, é um produto cada vez mais coletivo.

A exemplo do objeto de estudo, o projeto artístico musical do rapper Emicida, AmarElo, lançado em outubro de 2019, um disco novo com várias participações de grandes nomes da música brasileira como Gilberto Gil, Pablo Vittar, dentre outros, o álbum AmarElo previu também uma série de extensões de produtos culturais como o documentário premiado AmarElo na Netflix, um programa com o mesmo nome no canal a cabo GNT, vídeo cliques diversos e no formato podcast no Youtube foram potencializados de modo ramificado e geraram visibilidade ainda maior ao trabalho do artista.

O projeto audiovisual de Emicida, transmitido no canal GNT, conforme descrição do próprio canal no Youtube:

“No episódio, Emicida reflete com diversos pontos de vista sobre comunidade, união e compaixão. Estamos cada vez mais conectados, mas ao mesmo tempo mais distantes, falando uns com os outros, mas nunca pensando realmente nas outras pessoas. Padre Julio Lancellotti também fala sobre a importância da compaixão: ‘Muitas vezes é vista como uma virtude religiosa. Não é uma virtude religiosa, é uma dimensão humana que significa se colocar no lugar do outro



sem ser o outro, perceber o outro e sofrer com ele, estar junto.' O projeto é um desdobramento do último trabalho de estúdio do Emicida, AmarElo. A iniciativa busca promover, por meio da empatia, uma mudança de comportamento que permita maior respeito à pluralidade do Brasil. É por meio de narrativas pessoais e de muito bate-papo que o artista joga luz sobre soluções coletivas, trazendo ideias de como as pessoas podem viver melhor em sociedade."

Também foram discutidos trechos da monografia de Carolina Fernanda Coelho Soares, "A rua ainda 'é nóiz'? A construção midiática do Emicida como rapper e empresário".

Os encontros sete, oito e nove trouxeram à tona os temas: plano de atuação e inclusão no mercado da economia circular e da cultura criativa, gestão e negócios do projeto, sustentabilidade, especificidades técnicas como definição de produto, equipe técnica, cronograma de produção, orçamento e plano de difusão.

O encontro sete, em formato de aula expositiva, buscou o desenvolvimento dos projetos de empreendedorismo realizados pelos próprios participantes, que separados em grupos se reuniram para os ajustes finais do plano de negócio dos produtos digitais: audiovisual, podcast e outros.

A turma pensou em ações para evitar e prevenir-se frente às adversidades ou então para potencializar situações favoráveis, fazendo quantas simulações julgaram necessárias, com vistas a buscar alternativas de ações, o famoso plano B.

Foi apresentado a Matriz F.O.F.A. que é um instrumento de análise simples e valioso. Segundo o Sebrae (2015), seu objetivo é detectar pontos fortes e fracos, com a finalidade de tornar a empresa mais eficiente e competitiva, corrigindo assim as deficiências encontradas. F.O.F.A. é um acróstico para: Força, Oportunidade, Fraqueza e Ameaça. A análise F.O.F.A. nos levou a pensarmos nos aspectos favoráveis e desfavoráveis do negócio e do mercado. Em seguida foi feita uma análise de empresas sustentáveis e que apostam na economia circular, como a Algramo do Chile, o projeto Hepi Circle da Indonésia, o projeto Keko Box dos Estados Unidos, o aplicativo Cataki e as iniciativas da Begreen, ambas no Brasil.

O setor audiovisual, um dos grandes integrantes da indústria criativa, firma-se com destaque na economia brasileira. Segundo estudo da Agência Nacional do Cinema, o valor adicionado pelo setor audiovisual à economia brasileira cresceu, em termos nominais, 192% entre 2007 e 2014, chegando a R\$ 24,5 bilhões em renda gerada nesse último ano. Em termos reais, o crescimento médio anual foi de 8,8% entre 2007 e 2013, quando a participação do setor no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro foi de 0,54% (ANCINE, 2016).

O Mapeamento e Impacto Econômico do Setor Audiovisual no Brasil (2016), realizado pela Associação Brasileira de Produção de Obras Audiovisuais (APRO), Sebrae e Fundação Dom Cabral, mostrou que para uma equipe fixa de um a cinco profissionais, uma produtora audiovisual independente tem entre cinco e vinte freelancers. Outro aspecto que aproxima o mercado audiovisual da economia circular é a relação com os equipamentos. Já é costume do mercado alugar, em vez de comprar, o material para a realização dos trabalhos. Com a digitalização dos processos e a rápida adoção da tecnologia de ponta pelo setor, a produção de resíduos com filmes, rolos, arquivos, também foi superada e o audiovisual assumiu de vez a condição de indústria limpa. Mas ainda funciona com alguns entraves e pontos que precisam ser repensados para que esse modelo, que à primeira vista parece tão orgânico para o nosso setor, flua melhor e traga uma relação realmente ganha-ganha e sustentável, características indissociáveis da economia circular.



Convidamos a turma a pensar novamente em seus produtos:

- Ⓢ Diálogo franco e direto: a partir da análise de cada vídeo, o projeto e seus participantes conseguiram produzir materiais criativos, impactantes, com qualidade técnica profissional, a ponto de defender a viabilidade empreendedora do mesmo?
- Ⓢ Buscando desenvolver mais o projeto e sua justificativa, elencando as especificidades técnicas e considerando um projeto de cunho social, questionou-se: quais canais, fundações e outros podem contribuir para uma maior exposição do projeto?

O encontro oito retomou a discussão sobre o projeto e justificativa, considerando que a seleção do material é uma oportunidade de negócio, uma etapa muito importante que mereceu bastante atenção, onde foram listados alguns pontos necessários para se atentar nesse cauteloso processo:

- Ⓢ Análise, reflexão e discussão dos produtos.
- Ⓢ Afinidade, motivação. Foi importante pensar no que a turma tem mais afinidade e motivação para trabalhar, tendo em vista os 48 vídeos produzidos nas oficinas.
- Ⓢ Competências e habilidades. A turma foi questionada acerca das aptidões que cada participante possuía, seja em nível básico, intermediário e avançado. Na prática, esse aspecto deve ser a base da escolha, pois pressupõe que você já possui “diferencial competitivo”.
- Ⓢ Necessidades de mercado.

Foi fundamental salientar o momento de crise ambiental, em que os recursos naturais se esgotam e cada vez mais estão sendo explorados de forma inconsequente.

Depois da dinâmica, pensando nas redes sociais como TikTok, Instagram, Twitter, Netflix, Youtube, Vimeo, Portal Curtas, Tamanduá TV, canais locais como a TVT, entre outros, cada participante foi orientado a fazer para TikTok ou Instagram: reels (vídeos curtos) com elementos para difusão dos produtos.

Ainda durante os encontros sete e oito, os jovens deram continuidade aos exercícios do modelo de negócio Canvas, com a sala sendo mantida em dois grupos. A ideia proposta foi a criação de um modelo de negócios que contribuísse de alguma forma com a comunidade.

O grupo um, baseando-se nas necessidades da aluna que era refugiada e ainda tinha dificuldades com a língua portuguesa, criou um modelo de negócio que oferecia serviços e cursos de tradução e intérprete para ser oferecido, sobretudo, nas escolas.

Já o grupo dois escolheu um modelo para revenda de calças voltado para os jovens. Ao final da aula, cada grupo apresentou suas ideias para a sala bem como o plano de divulgação de cada negócio, com aplausos ao final de cada apresentação.



No tema criação de negócios com base na metodologia Canva, os jovens puderam entender o quanto detalhada se faz necessária a criação de negócios para que seja viabilizada a ideia por meio do planejamento.

Buscando se aprofundar em discutir formas de financiamento, regulamentação e incentivo para confecção do produto audiovisual, bem como para entender o papel da Ancine, os estudantes puderam ter contato com os fundos e leis de incentivo federais, estaduais e emergenciais, como o caso da Lei Paulo Gustavo. Ficando como lição de casa a busca por conhecer mais sobre essas portas dentro do município de Santo André e do Estado de São Paulo.

O último tema do encontro foi analisar as tendências do mercado de audiovisual. Os jovens demonstraram interesse nos temas, e fizeram contribuições com suas experiências ou suas perspectivas. A turma realizou a aula no laboratório de informática da escola. Com isso, os alunos conseguiram utilizar os notebooks para realizar um cadastro na plataforma Cultura AZ de Santo André. Realizaram todo o procedimento inicial de cadastro no site para acompanhar as novidades, cursos, encontros culturais e oportunidades de editais de fomento que a plataforma disponibiliza aos moradores andreenses.

Posteriormente foi realizada uma atividade em conjunto com os alunos, que foi a montagem de um plano de negócio no modelo Canvas.

O objetivo era desenvolver colaborativamente uma produtora de audiovisual com um nicho de mercado voltado para a economia da água. A cada etapa do processo os alunos eram consultados para o preenchimento do plano de negócios utilizando o Business Model Canvas.



Aula no laboratório de informática

CANVAS: Água, Câmera, Ação

PRINCIPAIS PARCERIAS 8	ATIVIDADES PRINCIPAIS 7	PROPOSTA DE VALOR 2	RELACIONAMENTO C/ CLIENTES 4	SEGMENTAÇÃO DE CLIENTES 1
<ul style="list-style-type: none"> - Equipe - COLEGAS AUDIOVISUAL - COLEGAS - ESCOLAS - TRAMPOLITE - ALIMENTAÇÃO - Empresas de edição 	<ul style="list-style-type: none"> - Edição - CAPTAÇÃO - ADMINISTRAÇÃO - ARQUIVAMENTO - PLANEJAMENTO 	<ul style="list-style-type: none"> - FOCO ECONÔMICO DE ÁGUA - ODS (DADOS) - Sustentável - MARKETING SUSTENTÁVEL - Apoiar gestão DA ÁGUA - Guia DE DICAS DE economia DE ÁGUA 	<ul style="list-style-type: none"> Representantes CRM 	<ul style="list-style-type: none"> Empresas em foco Economia água - SABESP - SGMASA - COCA-COLA - LAVA RÁPIDO - LAVA ROUPAS
	RECURSOS PRINCIPAIS 6		CANAIS 3	
	<ul style="list-style-type: none"> - CÂMERA - PRIMEIRO COMPUTADOR - Notebooks - PROJETORES DE vídeo - LÁPIS - ARQUIVOS - ARQUIVOS - tripé - Funcionário 		<ul style="list-style-type: none"> - TV - SITE - INDICAÇÃO - JORNAL - Youtube - Revista - outbox - Instagram - Facebook - LinkedIn 	
ESTRUTURA DE CUSTOS 9		RECEITAS 5		
		<ul style="list-style-type: none"> - CAPTAÇÃO - edição - PLANEJAMENTO - Fotografia 	<ul style="list-style-type: none"> - INFO PRODUTOS - PALESTRAS - EVENTOS 	

Parte do plano de negócios preenchido pelos estudantes

Os encontros nove e dez - conclusão e avaliação do módulo

A atividade foi voltada para que houvesse uma análise cuidadosa, por isso evitamos conteúdos e ouvimos mais a turma, para verificar os possíveis ajustes no que tange o processo de edição e finalização dos materiais de vídeo, fotos e áudios produzidos no módulo III, que serviram para divulgação dos produtos gerados nos módulos I e II do Projeto Água, Câmera e Ação.

As aulas tiveram como finalidade a continuidade e finalização do plano de negócios já criado com cada grupo anteriormente. Orientamos os grupos para que pensassem em uma estrutura de custos de acordo com cada segmento de negócio, explicando a definição de custos fixos - custos comuns a todo negócio e que ocorrem independente de sua continuidade, bem como custos variáveis adequados a cada segmento.

Os alunos se sentiram motivados a pensar como empreendedores e a refletir, de forma coletiva, com ideias de negócios que pudessem agregar à comunidade e dialogassem com seu território. Ao final do exercício cada grupo apresentou seu resultado, onde inserimos na lousa cada informação, respeitando a divisão de grupos.

Finalizando o exercício, houve a entrega dos certificados e, após, registramos uma foto com alunos, educadores e equipe do projeto. No processo final, cada participante preencheu uma ficha de saída do projeto na qual responderam a informações como:

- ⓪ Esta oficina atendeu suas expectativas? Cite os motivos.
- ⓪ De 0 a 10, qual nota você daria à oficina? Justifique.
- ⓪ Pensando em sua participação, qual nota (de 0 a 10) você se daria?
- ⓪ Destaque pontos positivos e negativos vivenciados na oficina.
- ⓪ Comente algo sobre as possibilidades de atuação no campo do empreendedorismo digital.
- ⓪ Quais são suas sugestões para o nosso projeto?
- ⓪ De que forma você acredita que a oficina contribuirá para melhorias na sociedade e no seu futuro?
- ⓪ Autoavaliação - pontue de 1 a 10 se a oficina atendeu suas expectativas em relação aos seguintes aspectos: relação horizontal entre equipe técnica e participante, participação, engajamento, produção, nível aprendizagem em audiovisual, nível aprendizagem em educação ambiental e cidadã.



Estudantes preenchendo a ficha de saída

Sobre a avaliação do módulo, inicialmente a equipe do projeto ficou receosa pelo fato de ter sido uma experiência mais expositiva do que os demais módulos e a turma já ter apresentado certa hostilidade para aulas menos práticas. Com este desafio em mente, buscamos aperfeiçoar as aulas expositivas, formando grupos produtivos para aproximar ainda mais os jovens da equipe.

Percebemos que os participantes estavam interessados nos temas e que se dedicaram para as oficinas e também sentimos que o resultado desta turma foi satisfatório. A visita de campo no Centro de Audiovisual foi muito proveitosa e os jovens puderam ter uma noção ainda maior do mercado do audiovisual, bem como nossas aulas projetadas para ampliar a atuação cidadã dos jovens em prol da natureza e sociedade.

Água, Câmera e Ação

- transformando olhares para além das telas

AUTORAS:

*Paula Regina Padial Hirata, Elaine Cristina da Silva Colin,
Susi Elena dos Santos, Paloma Alvarez Alonso*



Leitura ambiental na Represa Billings, aluna da Escola Estadual Pedro Cia.

Água, Câmera e Ação - transformando olhares para além das telas

Como já mencionado nesta publicação, o Projeto Água, Câmera e Ação foi pautado, entre outros aspectos: no diálogo, em participação ativa, em interatividade e solidariedade. Dessa forma, sua avaliação foi processual, acolhendo as diferentes percepções tanto dos estudantes quanto dos educadores ao longo de todo processo. A avaliação não foi somente sobre o que os jovens participantes puderam aprender ou conhecer, mas também sobre como se sentiram fazendo parte do projeto, como víamos o engajamento deles aumentando durante cada encontro das turmas de formação, como víamos suas habilidades se desenvolvendo, pois, como bem explicou Thaís Brianezi nos capítulos iniciais desta publicação, a educação ambiental não é prescritiva, é transformadora.

Sob este prisma, a avaliação do Projeto Água, Câmera e Ação foi essencialmente qualitativa, e é isso o que realmente importa quando falamos de projetos de educação ambiental. Neste campo de conhecimento e prática, devemos ir além da verificação da competência técnica dos saberes e é preciso considerar a “dimensão do saber-ser, ou seja, das capacidades de construir o conhecimento e nas atitudes que imprimem um comportamento ético à ação” (DEPRESBITERIS, 2006, p.538). Portanto, vai além do conhecimento, se traduz, sobretudo, em prática e participação.

Ainda que saibamos a natureza da avaliação em projetos de educação ambiental, a mesma não se configura como uma tarefa fácil, visto que os resultados efetivos alcançados, na maioria das vezes, fazem parte de um processo mais amplo, complexo e de longo prazo. De toda forma, é de suma importância estabelecer metodologias para propor uma avaliação qualitativa dos projetos, visando destacar os resultados alcançados e ampliar a participação dos envolvidos no processo.

Para avaliação do Projeto Água, Câmera e Ação foi proposta aos participantes a aplicação de fichas de entrada e fichas de saída, no intuito de conhecer as percepções dos jovens antes de iniciar o curso sobre os problemas ambientais dos bairros onde moravam, como o audiovisual estava presente em seu cotidiano, o que gostavam de ouvir e ver, tanto para conhecê-los quanto para identificar, após a realização do processo formativo, se houve alguma mudança de percepção sobre si mesmos e sobre o território.

A avaliação por meio de observação e levantamento de percepções é significativa, pois estão alinhadas ao cotidiano, ao vivido e, dessa forma, “a aprendizagem humana não se limita à intelectualidade, mas compreende a totalidade do ser. A percepção, a imaginação e as intuições são consideradas no processo de aprendizagem. Aprendemos observando a nós mesmos e aos outros” (ZANINI, et al., 2021, p.6).

Considerando o exposto, as fichas de entrada como parte do processo de avaliação do Projeto Água, Câmera e Ação foram aplicadas logo nos primeiros dias da iniciativa, constituindo-se, dessa forma, um diagnóstico prévio acerca das impressões e percepções dos alunos sobre os temas que seriam tratados durante a formação e sobre suas comunidades. As fichas de saída, por sua vez, foram aplicadas ao final do projeto para cada turma, possibilitando captar as mudanças de perspectivas ao longo do período.

É importante ressaltar que os relatos a seguir são percepções durante dois anos de projeto o que, de certa forma, é limitante, pois as transformações posteriores e cotidianas em suas casas e comunidades seriam indicadores complementares de avaliação, mas os mais difíceis de monitoramento.

A percepção ambiental dos jovens sobre o território

O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações de sua existência (SANTOS, 2011).

Realizar um trabalho de educomunicação socioambiental como o Água, Câmera e Ação implicou em termos um olhar mais atento ao território e às comunidades onde os jovens estavam inseridos. Neste intuito, a percepção ambiental foi uma das bases metodológicas do projeto. Além de todo conteúdo abordado, com ênfase nos recursos hídricos, outra atividade que contribuiu para a avaliação da iniciativa foi a “Leitura Ambiental” realizada pelos participantes. Nesta atividade de percepção ambiental, os alunos realizaram caminhadas guiadas pelos educadores, no entorno dos locais dos cursos, que, muitas vezes, também era o entorno de seus locais de moradia. O objetivo desta atividade foi propiciar um olhar mais atento, uma leitura das condições ambientais da região, que muitas vezes passam despercebidas quando acostumamos o nosso olhar com determinadas condições, em locais que fazem parte de nossa rotina diária.



Leitura Ambiental no Morro da Kibon



A atividade de percepção ambiental foi realizada nos primeiros encontros do projeto, e, além de propiciar aos alunos momentos de reflexão e de interpretação do meio onde convivem e se relacionam, também permitiu a escolha de temas e locais para a gravação de alguns dos curtas-metragens produzidos.

É importante destacar que a leitura do território foi realizada após os jovens responderem as fichas de entrada. Neste diagnóstico inicial, grande parte dos jovens respondeu que não sabia quais eram os problemas ambientais dos bairros onde residem, percepção que foi se alterando ao longo das formações. Durante este processo, o olhar sobre o território foi estimulado não só quanto aos aspectos negativos, mas também no que havia de positivo em cada local. Para a equipe de educadores foi muito gratificante observar estas mudanças, que em alguns momentos eram carregadas de encantamento, como, por exemplo, um dos jovens que ficou surpreso por perceber que o parque urbano que frequentava há mais de 10 anos tinha árvores frutíferas.

Avaliação das fichas de entrada e fichas de saída

As principais perguntas contidas nas fichas iniciais e finais, relacionadas à avaliação do projeto pelos participantes, bem como à importância da realização do mesmo para ampliar a sensibilização do público em relação às questões ambientais foram:

Ficha de entrada

- ▶ Quais são suas expectativas para o Projeto Água, Câmera e Ação?
- ▶ Que relação pode ser estabelecida entre o audiovisual e a educação ambiental?
- ▶ No que o audiovisual pode contribuir com a conservação ambiental?

Ficha de saída

- ▶ O Projeto Água, Câmera e Ação atendeu às suas expectativas?
- ▶ Escreva suas considerações sobre a relação entre o audiovisual e a educação ambiental.
- ▶ Reflita no que o audiovisual pode contribuir com a conservação ambiental.
- ▶ Como a experiência no projeto afetou as suas percepções sobre a água e o meio ambiente?
- ▶ Qual a sua avaliação sobre o Projeto Água, Câmera e Ação? Destaque pontos positivos, negativos e sugestões.

Em análise comparativa entre as fichas de entrada e saída, das turmas atendidas pelo projeto, podemos destacar:

Sobre as expectativas em relação ao projeto

Nas fichas de entrada, muitos participantes mencionaram que esperavam aprender sobre a linguagem audiovisual, como: manusear câmeras profissionais, fotografar, editar, melhorar o uso do celular. Também relataram suas expectativas sobre aprender e aprofundar conhecimentos acerca das questões ambientais. Alguns alunos citaram a expectativa de iniciar uma carreira profissional, enriquecer o currículo e abrir portas no mercado de trabalho com os conhecimentos adquiridos no curso.

Segue relato da aluna Natália do Amor Divino Silva, de 16 anos, da Escola Estadual Prof. Ovídio Pires de Campos, sobre suas expectativas em relação ao curso.

"Hoje estou aqui cursando o Água, Câmera e Ação que vai me ajudar bastante no meu projeto de vida de ser jornalista."

Natália do Amor Divino Silva





Porém, o que chamou a atenção foi o fato de que muitos participantes deixaram esta pergunta inicial em branco, ou seja, não tinham expectativas em relação ao curso.

Já nas fichas de saída, grande parte dos jovens declarou que o curso não só atendeu como superou suas expectativas, indicando que o projeto conseguiu atender ao esperado, multiplicando conhecimentos a respeito do meio ambiente e estimulando a autonomia dos jovens quanto ao uso dos equipamentos em todo o processo de construção de um filme. Algumas ressalvas foram feitas em relação ao conteúdo abordado, sendo que o processo de edição foi apontado como algo que os jovens gostariam de ter aprendido um pouco mais. Outro destaque foi dado aos educadores, visto que muitos jovens enfatizaram a empatia da equipe e até mesmo a ajuda na construção da autoestima dos jovens, uma vez que os educadores estavam sempre dispostos a compartilhar o conhecimento e depositaram total confiança nos jovens no manuseio dos equipamentos audiovisuais. As boas experiências ao aprender mais sobre o meio ambiente e a possibilidade de mudar o olhar para este tipo de conteúdo também foram destaques para vários estudantes.

Estes resultados mostram a importância da abertura ao diálogo e escuta do público jovem, e sobretudo da realização de projetos que contribuam com a ampliação da participação da juventude em questões cotidianas, como as ambientais e que ao mesmo tempo têm relação direta com as políticas públicas.

A educação socioambiental por suas características metodológicas possibilita que ocorra um processo de aprendizagem social, que de acordo com Jacobi e Franco (2011, p. 15):

Enfatiza a colaboração entre os diferentes atores sociais, estimula o diálogo, motiva a formar um pensamento crítico, criativo e sintonizado com a necessidade de propor respostas para o futuro, capaz de analisar as complexas relações entre os processos naturais e sociais e de atuar no ambiente em uma perspectiva global, respeitando as diversidades socioculturais.

Sob este aspecto, o projeto também contribuiu com o desenvolvimento da autonomia dos jovens, possibilitando uma leitura crítica de seus territórios voltada também à ação e à possibilidade de mudança dos problemas ambientais refletidos e estudados durante as formações.

Relação entre audiovisual e educação ambiental

Apesar de alguns alunos não responderem à questão proposta, na análise das fichas de entrada foi possível perceber que grande parte deles já estabelecia uma relação entre o audiovisual e a educação ambiental, pois muitos usaram termos como comunicação, conscientização, transmissão de informações, ideias e pensamentos, uso das tecnologias para mostrar o meio ambiente e informar por meio de documentários e filmes.

Nas fichas de saída, reafirmando a importância da relação entre o audiovisual e a educação ambiental, os participantes foram mais assertivos em suas respostas, destacando que o audiovisual facilita a propagação da educação ambiental, podendo retratar boas ações, dicas e os problemas ambientais que acontecem no território e no mundo. Os estudantes indicaram que é por meio da ferramenta do audiovisual que se pode informar, sensibilizar e amplificar as questões relativas ao meio ambiente, sendo uma ferramenta eficiente, especialmente nos dias atuais, seja na produção de filmes, documentários, curta-metragens e também pelas redes sociais, pois é um meio de comunicação que alcança



muitas pessoas. De acordo com um dos jovens: “o audiovisual potencializa a educação ambiental, sendo usada como ferramenta de propagação.”

Outro fato importante relatado nas fichas de saída foi o aumento da conexão dos jovens com as questões ambientais por meio das pesquisas para construção dos roteiros e produção dos vídeos, visto que todo o processo permitiu “ver além das câmeras”. Um dos jovens destacou: “o audiovisual torna possível termos essa conexão com o meio ambiente, onde toda a produção, desde o roteiro, pesquisa, filmagem, tudo nos aproxima e nos torna mais conscientes”.

Os registros mencionados ratificam o potencial do audiovisual como meio de partilha e colaboração entre os jovens, sobretudo para construção de conhecimento e desenvolvimento de novos valores e atitudes em relação ao meio ambiente.

Desde a concepção do projeto, a equipe envolvida considerou o audiovisual como uma “ferramenta” que vai além da simples difusão ou transmissão de informações. Neste sentido, o processo educativo se deu na perspectiva defendida por Kaplun (2011, p.184), uma vez que o audiovisual não foi apenas um dos “meios que falam, mas sim meios para falar”. Ou seja, para dar voz aos jovens.

Sobre como o audiovisual pode contribuir com a conservação ambiental

Em uma linha de pensamento muito semelhante à questão anterior, a maioria dos jovens respondeu, nas fichas de entrada, que o audiovisual pode contribuir com a conservação ambiental: com a produção de vídeos educativos e difusão dos vídeos nas escolas; transmitindo informação sobre o meio ambiente; mostrando a beleza da natureza; contribuindo para disseminar o conhecimento sobre a preservação ambiental; com registros da fauna e da flora; propiciando maior visibilidade à natureza; alertando e orientando o público; mostrando os problemas atuais e possíveis soluções. Além disso, citaram a facilidade com que a informação produzida por meio do audiovisual pode ser compartilhada e compreendida. Alguns alunos, no entanto, deixaram a questão em branco.

Nas fichas de saída, além do que já foi exposto acima, os alunos também mencionaram o uso da ferramenta audiovisual enquanto um meio de denúncia. Também ressaltaram o poder do audiovisual como uma forma de inspiração e de causar emoção no seu público-alvo, em prol do meio ambiente e sua conservação.

De maneira geral, não houve muita diferença entre as respostas iniciais e finais dos jovens, que demonstraram entender como o audiovisual pode contribuir com as questões ambientais e sua conservação e preservação, visto que mencionaram que é possível difundir informações, alertar as pessoas, mostrar a situação atual, transmitir mensagens, ajudar o meio ambiente, destacar os problemas e trazer reflexões pertinentes sobre os temas, indicando que os participantes entenderam como essa contribuição se dá e como ela pode ser realizada.

Sobre como a experiência no projeto afetou as percepções dos jovens sobre a água e o meio ambiente

Analisando as respostas obtidas nas fichas de saída, ficou evidente que a percepção sobre o meio ambiente melhorou consideravelmente, pois os jovens relataram mudanças de postura quanto à conservação dos recursos hídricos, como: a de refletir e agir nos cuidados quanto a economia de água, o aprendizado sobre conceito de água virtual e seus impactos na sociedade, a multiplicação das informações recebidas para familiares e amigos, a noção dos caminhos percorridos pela água em seus diversos usos, e, principalmente, o reconhecimento da importância da água para todas as formas de vida no planeta e sua atual situação de poluição e

escassez. Além disso, mencionaram outras atitudes como evitar jogar resíduos nas ruas, iniciar a realização da separação dos materiais para a coleta seletiva, repensar seus hábitos de consumo, refletir sobre a preservação do meio ambiente.

Muitos alunos declararam que já conheciam ou se interessavam pelas questões ambientais, porém, com o projeto, tiveram a oportunidade de se aprofundar no assunto. A fala de dois estudantes de uma das turmas chamou a atenção ao dizerem que já sabiam da importância dos temas, por isso o curso não afetou suas percepções, mas certamente fortaleceu os seus argumentos.

Muitos jovens relataram que antes do curso não pensavam sobre estas questões e a realização do projeto “mudou a forma de pensar”, “abriu os olhos”, “abriu a mente”. E mais uma vez ressaltaram como o fato de “olhar o mundo de uma forma diferente, através da lente de uma câmera” ampliou seus horizontes, aumentando o engajamento acerca da temática ambiental, ressaltando que a experiência direta nas gravações dos curtas permitiu a consolidação dos assuntos e temas que foram tratados durante as oficinas teóricas.

A maioria dos jovens respondeu que o projeto trouxe um novo olhar e mais preocupação sobre o que acontece à sua volta, demonstrando que se apropriaram de assuntos pertinentes aos seus próprios territórios. As afirmações sobre repensar seus atos, tomar novas atitudes e economizar os recursos naturais se mostraram presentes em grande parte das respostas, de forma que podemos inferir que o processo foi significativo também quanto à discussão da temática ambiental.

Destacamos a seguir um relato de um dos jovens participantes da EE Prof. Beneraldo de Toledo Piza:

*“Aprendi muita coisa ...
aliás, eu tenho um sonho de salvar o planeta,
só preciso de muita gente que acredite neste plano!”*
Ruan Carlos Alves Batista



Estudantes da turma do Parque do Pedroso, durante as gravações do curta-metragem: “Qual a cor da água?”



Este, sem dúvida, foi um relato muito especial do jovem Ruan de 18 anos que participou do Projeto Água, Câmera e Ação em 2022. Este depoimento traz duas peculiaridades: o sonho de salvar o planeta e a convicção de que é preciso que “muita gente acredite nisso”. E podemos ir além, esta é uma ação coletiva e colaborativa, características fundamentais dos processos de educomunicação e educação ambiental.

O propósito do curso, de transformar olhares e conceber cidadãos com atitudes capazes de intervir no meio que habitam, foi alcançado, pois o projeto agregou diversas experiências aos jovens, com conhecimentos enriquecedores sobre as relações humanas e a natureza, mudando seus olhares e suas atitudes no dia a dia.

Avaliação dos jovens sobre o Projeto “Água, Câmera e Ação”

De maneira geral, a avaliação do projeto pelos participantes foi muito satisfatória. Em relação aos pontos positivos salientados pelos participantes podemos destacar: foco no objetivo de valorização da água e de preservação do meio ambiente, debates promovidas em sala de aula, aprendizado sobre as ferramentas do audiovisual, autonomia na utilização de equipamentos profissionais, poder fazer e aparecer nos vídeos, aulas práticas e saídas de campo, encontros divertidos, metodologia e conteúdo do curso, organização, dinamismo, aulas interativas, trabalho em equipe, mudança de perspectivas, qualidade do curso.

Em menção às oportunidades profissionais futuras, alguns jovens destacaram a possibilidade de desenvolver habilidades cinematográficas e explorar os elementos do audiovisual num contato mais direto, como um ponto muito positivo do projeto.

O trabalho desempenhado pela equipe de educadores foi enaltecido com muitos elogios à dedicação, ao profissionalismo, à atenção, à cumplicidade, à disponibilidade, à capacitação e à prestatividade dos profissionais envolvidos no projeto, sendo considerados essenciais no processo de aprendizagem. A autonomia que os jovens tiveram tanto no manuseio dos equipamentos quanto na produção dos curtas-metragens criou um elo de confiança entre os envolvidos e essa afinidade foi essencial para que os filmes pudessem ser produzidos em tão pouco tempo, com os estudantes envolvidos durante todo o processo de desenvolvimento.

Outro aspecto relevante, destacado pelos jovens como muito positivo, foi o aumento das suas percepções acerca do território onde vivem. Sobre este aspecto um dos participantes ressaltou que “com esse projeto percebemos o estado da natureza e do meio ambiente onde moramos, assim nos ajudando a ter uma visão diferente podendo ajudar a colaborar”.

Destacamos o relato do estudante Samuel Henrique de Jesus, da Escola Estadual Pedro Cia, sobre a realização do curso.

“Eu achei o curso super legal, adorei fazer as filmagens, adorei a parte da conscientização com base nas filmagens, gostei de fazer sinopse, gostei da proposta abordada no curso. Eu achei muito legal, achei divertido!”
Samuel Henrique de Jesus





Muitos alunos não apontaram pontos negativos no projeto. Para os que indicaram, o tempo reduzido do curso foi o principal motivo.

Outros pontos negativos também apontados pelos participantes foram: pouco tempo para aprender a editar, muitas aulas teóricas e que poderiam ter mais dinamismo, pouco tempo para aprender mais sobre o audiovisual e utilizar mais as câmeras.

O uso das tecnologias, a possibilidade de manusear os equipamentos e criar conteúdo certamente foi muito atrativo para o público jovem, dessa forma, alguns apontaram o conteúdo teórico como algo negativo e pouco dinâmico, porém cabe ressaltar que o desenvolvimento do conteúdo teórico foi essencial para dar embasamento à produção dos roteiros e vídeos. Por outro lado, grande parte dos alunos elogiou e enfatizou a importância do conteúdo ambiental oferecido pelo projeto e como puderam modificar seu olhar frente a estas questões.

Segue depoimento da aluna Thayssa Gomes de Oliveira, da Casa Lions de Adolescentes de Santo André, destacando a importância do conteúdo teórico ministrado.

“Foi uma experiência muito bacana porque antes de começar o processo de gravação nós vimos bastante conteúdo a respeito do meio ambiente, da água, principalmente no grande ABC. E eu espero que saiam vídeos muito bacanas, porque o processo foi demais!”

Thayssa Gomes de Oliveira



Avaliação dos vídeos produzidos e o olhar jornalístico

Importante produto do projeto, os vídeos criados pelos jovens também passaram por um processo de avaliação antes de suas edições finais. As equipes da Gerência de Educação e Mobilização Ambiental e da Coordenadoria de Comunicação Social do Semasa fizeram parte desta revisão e avaliação, cada uma composta por profissionais diversificados, propiciando diferentes olhares sobre os vídeos produzidos.

Pela questão logística do projeto, especialmente em sua fase final, em que diversas turmas aconteceram simultaneamente, nem todos os roteiros dos vídeos puderam ser cuidadosamente revisados, pelas referidas equipes do Semasa, antes de suas gravações. Por isso, o processo de edição contou com algumas etapas de revisão, a fim de evitar erros conceituais, de linguagem ou informações equivocadas acerca do município e suas características ambientais, regionais, institucionais e administrativas.

É importante ressaltar que o olhar jornalístico e a revisão dos curtas-metragens produzidos não têm caráter de censura, uma vez que a percepção do jovem participante e suas ideias colocadas no vídeo foram essenciais para que o projeto tivesse êxito. Neste sentido, utilizamos do processo de revisão interna para aparar arestas, indicar possíveis melhorias e evitar eventuais erros. A Coordenadoria de Comunicação Social também forneceu fotos e vídeos do acervo da autarquia para utilização nos materiais, além de contribuir com outras sugestões ligadas às animações utilizadas, legendagem, etc.



O olhar jornalístico sobre os materiais também desempenhou papel importante no que se refere às análises de aproveitamento de cada turma. Mais do que conteúdo e linguagem, ou repassar cada vídeo detalhadamente, foi possível perceber as diferenças de aprofundamento, compreensão e esforço direcionados aos vídeos produzidos. Guardadas as proporções de cada realidade retratada, em maior ou menor escala, foi possível notar a linguagem jovem e moderna em diversos detalhes.

A pauta ambiental, especialmente àquela voltada aos recursos hídricos, é um dos grandes assuntos de destaque nos últimos anos. Desde o ápice da crise hídrica do Estado de São Paulo, em 2014, e com o agravamento dos efeitos climáticos extremos, estes assuntos se tornaram importantes em todos os níveis. Por isso, ao levar esta temática para dentro das salas de aula e para as comunidades, permitindo que o estudante se aproprie destes assuntos e, ainda, compreenda e assimile conceitos de audiovisual, produção visual e empreendedorismo, o projeto dialogou diretamente com a questão da comunicação e identidade jornalística.

Um exemplo foi o curta-metragem “Jornal Expresso de Pesquisa Valdoka”, da turma formada na Escola Estadual Valdomiro Silveira. O vídeo explorou informações sobre a relação do volume de chuvas com as enchentes por meio de um formato de telejornal. Apesar do método ‘tradicional’ em representar o jornalismo, os adolescentes inseriram os seus vocabulários e seus jeitos de tratamento entre os pares, permitindo que o jornalismo ali representando extrapolasse a fronteira tradicional e ganhasse o gosto do jovem estudante.

Do ponto de vista jornalístico, os vídeos produzidos permitiram aos participantes extrapolar os limites da sala de aula ou de seus bairros e conhecer mais profundamente os assuntos ligados à conservação dos recursos hídricos tornando-os agentes multiplicadores destes assuntos e catalisadores das mudanças sociais.

O processo de revisão adotado pelas duas áreas ao longo do Projeto Água, Câmera e Ação foi importante para que os materiais produzidos pudessem ser reproduzidos e veiculados sem preocupação e com todas as informações corretas, tanto no âmbito ambiental quanto do ponto de vista da administração municipal.

Por fim, é relevante destacar que a educomunicação como campo de conhecimento e prática, sem dúvida alguma, vem se consolidando em diversas políticas públicas de educação e voltadas à juventude, mas cada realidade, cada público, exigirá um processo de construção coletiva único. Este foi o modo que o projeto foi realizado no município de Santo André, São Paulo, mas certamente ao ser replicado assumirá novas nuances, novos olhares e possibilidades. O Projeto Água, Câmera e Ação foi um grande desafio que motivou todos os envolvidos e reforçou nossa convicção do potencial transformador da educação ambiental para uma sociedade mais justa e sustentável.



**REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS**

ADICHIE, C. N. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.

ALBUQUERQUE, D. S. Protagonismo socioambiental: O olhar de jovens participantes de programas de educação ambiental. 2012. Dissertação (Trabalho de conclusão de curso) Universidade Federal do Amazonas. Manaus, AM, Brasil.

ALCÂNTARA, A. A Ferro e Fogo. Mídia Ninja. 21/08/2019. Disponível em: <https://midianinja.org/araquemalcantara/a-ferro-e-fogo/>. Acesso em: 19 fev. 2024.

ALVES, B.; VIANA, C. E. Interface entre Educomunicação e Educação Ambiental nas políticas públicas e em teses e dissertações brasileiras. In: COSTA et al (Orgs.). Imaginamundos: interfaces entre educação ambiental e imagens. Macaé: Editora NUPEM, 2020. p. 108-136.

ANCINE – AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA. Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual – OCA. Valor Adicionado pelo Setor Audiovisual – Estudo Anual 2016 (ano-base 2014). Rio de Janeiro, outubro de 2016.

ASSI, M. M. A. Estudo de inteligência de mercado audiovisual. Editora Saint Paul. s/d.

ASSUMPÇÃO, M. E. O.; BOCCHINI, M. O. Para escrever bem. Barueri: Manole, 2006.

BARBERO, J. M. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 5. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

BENJAMIN. W. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1994. 257 p.

BIASOLI, S.; SORRENTINO, M. Dimensões das políticas públicas de educação ambiental: a necessária inclusão da política do cotidiano. Ambiente & Sociedade, v. 21, 2018.

BING. BNDES.DIGITAL VECTOR. Global animation industry report, 2014.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 19 fev. 2024.

BRASIL. Lei nº 8.685, de 20 de julho de 1993. Cria mecanismos de fomento à atividade audiovisual e dá outras providências. Brasília - DF. 1993. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8685.htm.

BRASIL. Lei Nº 9.433, de 8 de Janeiro de 1997. Institui a Política Nacional de Recursos Hídricos, cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, regulamenta o inciso XIX do art. 21 da Constituição Federal, e altera o art. 1º da Lei nº 8.001, de 13 de março de 1990, que modificou a Lei nº 7.990, de 28 de dezembro de 1989. DOU. 09 Jan.1997.

BRASIL. Lei Nº 9.795, de 27 de Abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9795.htm. Acesso em: 01 jan. 2024.

BRIANEZI, T. Qual a relação entre a educação ambiental e o direito à comunicação? In: SORRENTINO, M. et al (orgs.). Educação Ambiental e Políticas Públicas: conceitos, ferramentas e vivências. Curitiba: Editora Appris, 2012. p. 141-150.

British Film Commission. Working Safely During COVID-19 in Film and High-end TV Drama Production. 2021.

CAOB.; GUITON P. (2018). Important Human Parasites of the Tropics. Front. Young Minds. 6:58. doi: 10.3389/frm.2018.00058.



CARVALHO, I. C. M. A invenção do sujeito ecológico: identidade e subjetividade na formação dos educadores ambientais. In: Sato, M. & Carvalho, I. C. M. (orgs) Educação Ambiental; pesquisa e desafios. Porto Alegre, Artmed, 2005.

CARVALHO, I. C. M. (Org.). Educação Ambiental: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 51-63.

CARVALHO, I. C. M. Educação Ambiental e Movimentos Sociais: elementos para uma história política do campo ambiental. Educação: Teoria e Prática, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 46, 2007. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/1597>. Acesso em: 19 fev. 2024.

CASTELFRANCHI, Y.; FAZIO, M. E. Comunicación Pública de la Ciencia. Unesco, 2021.

CECCON, S. O diálogo em Paulo Freire. In: MONTEIRO, R. A.; SORRENTINO, M.; JACOBI, P. (Orgs.). Diálogo e transição educadora para sociedades sustentáveis. São Paulo: IEE-USP : Editora Na Raiz, 2020, p. 75 - 88.

CHIAVENATO, I. Empreendedorismo: Dando Asas ao Espírito Empreendedor. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2012.

CIPÓ - Comunicação Interativa. Salvador – BA. Disponível em: <https://cipo.org.br/>.

CIPÓ. Entretanto: guia de educação pela comunicação na escola. Salvador: Cipó - Comunicação Interativa, 2011.

CONSELHO ESTADUAL DE RECURSOS HÍDRICOS (CERH). Sema - Secretaria de Estado do Meio Ambiente. Amazonas. Disponível em: <https://meioambiente.am.gov.br/conselho-estadual-de-recursos-hidricos/>. Acesso em: 01 fev. 2024.

CONSELHO ESTADUAL DE RECURSOS HÍDRICOS. SIRHESC - Sistema de Informações sobre Recursos Hídricos do Estado de Santa Catarina. Santa Catarina. Disponível em: <https://www.aguas.sc.gov.br/o-comite-conselho/inicial-conselho?view=default>.

COPICOLA. Guia 17: como formular e implementar iniciativas públicas a partir da experimentação? O caso do Programa Municipal de Linguagem Simples. São Paulo: (011).lab, 2021.

COPICOLA. Guia 24: como promover iniciativas públicas mais efetivas a partir da participação social? O caso do Governo Aberto. São Paulo: 011.lab, 2023.

COSTA, A. C. G. Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000. 344 p.

COSTA, N.B.; JÚNIOR, J.M.L.; SILVA, F. B. Recursos hídricos e educação ambiental: uma síntese bibliográfica. 2018. 92f. Artigo Acadêmico - Universidade Federal de Alagoas. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/48842>.

CRH – Conselho Estadual de Recursos Hídricos. Semil - Secretaria de Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística. São Paulo. Disponível em: <https://semil.sp.gov.br/srhsb/crh-conselho-estadual-de-recursos-hidricos/>.

DEPRESBITERIS, L. Avaliação da Aprendizagem na Educação Ambiental: uma relação muito delicada. In: SATO, M.; SANTOS, J. E. (Org.). A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora. São Carlos: RIMA, 2006. p. 531- 557.

DISCOGRAFIA de Emicida. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Discografia_de_Emicida.

DONDIS, D. A. Sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 2019. 248 p.

Emicida Instagram. Artista brasileiro. Rede social on-line instagram. Disponível em: [instagram.com/emicida](https://www.instagram.com/emicida).



Emicida Oficial. Artista brasileiro. Rede social on-line facebook. Disponível em: facebook.com/EmicidaOficial.

FALADORI, G.; TAKS, J. (2004). Um olhar antropológico sobre a questão ambiental. *Mana*, 10(2), 323–348. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132004000200004>.

FETER, Fabio. Papo Reto com Emicida. São Paulo: TV Brasil, 2011. 3 vídeos (6>31>>; 4>58>>; 6>30>>). Disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=o2lrUC5GOgs>; <https://www.youtube.com/watch?v=3LoumKXsyfE>; <https://www.youtube.com/watch?v=SepiWAJWtEs&t=1s>.

FINGERL, E. R.; GARCEZ, C. M. D. Á. Economia do conhecimento e a atuação do BNDES: considerando os intangíveis. *Trabalho e Sociedade*, Rio de Janeiro, Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade, ano 2, número especial, dez. 2002. Disponível em: http://www.iets.org.br/biblioteca/Economia_do_Conhecimento_e_a_atuacao_do_BNDES.pdf.

FISCHER, H. Clareza em textos de e-gov, uma questão de cidadania. Rio de Janeiro: Com Clareza, 2018.

FLEURY, L.C.; MIGUEL, J.C.H.; TADDEI R. Mudanças climáticas, ciência e sociedade. *Sociologias* [Internet]. 2019 May; 21(51):18–42. Available from: <https://doi.org/10.1590/15174522-021510>.

FLORIDA, R. *The rise of the creative class*. New York: Basic Books, 2002.

FLUSSER. V. *O Universo das Imagens Técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2008. 320 p.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980. 102 p.

FREIRE, P. *Educação e atualidade brasileira*. 2. ed. São Paulo, SP: Instituto Paulo Freire, 2001. 208 p.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1985.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1977.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 84. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P.; SHOR, I. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. 224 p.

GLOBO COMUNICAÇÃO. G1, 2024. Iniciativa de conteúdo jornalístico da Globo criada e pensada para o digital. Disponível em: www.g1.globo.com.

GONÇALVES, V. PDCA – conceito, como fazer, etapas e exemplo prático. *Novo Negócio*. Minas Gerais: Editorial Novo Negócio. Disponível em: <https://novonegocio.com.br/lideranca-e-gestao/pdca/>.

GUEST POST. Economia Circular: por que o audiovisual tem uma vocação natural para essa prática? Um segmento de mercado cuja mão de obra é majoritariamente formada por freelancers, alocados por job para prestar serviços extremamente qualificados por tempo determinado. Disponível em: <https://www.updateordie.com/2020/08/20/economia-circular-por-que-o-audiovisual-tem-uma-vocacao-natural-para-essa-pratica/>.



HARRY RANSOM CENTER. The Niépce Heliograph. Disponível em: <https://www.hrc.utexas.edu/niepce-heliograph/>. Acesso em: 19 fev. 2024.

HOWKINS, J. The creative economy: how people make money from ideas. London: Allen Lane, 2001.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE Cidades. Rio de Janeiro: 2022

IPCC - Intergovernmental Panel on Climate Change. Cambio Climático 2013: Base de ciência física – IPCC. 2014. Disponível em: http://www.ipcc.ch/news_and_events/docs/ar5/ar5_wg1_headlines_es.pdf. Acesso em 10 fev. 2024.

JACOBI, P. R.; FRANCO, M. I. G. C. Sustentabilidade, Participação e Aprendizagem Social. In: JACOBI, Pedro Roberto (Org.) Aprendizagem Social: diálogos e ferramentas participativas: aprender juntos para cuidar da água. São Paulo. FAPESP, 2011. p.11-20.

JACOBI, P. R.; TRISTÃO, M.; FRANCO, M. I. G. C. A função social da Educação Ambiental nas práticas colaborativas: participação e engajamento. Cad. Cedes, Campinas, v. 29, n. 77, p. 63-79, jan./2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v29n77/a05v2977.pdf>. Acesso em: fev. 2024.

KAPLÚN, M. Processos educativos e canais de comunicação. In: CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (Orgs.). Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. Anais. São Paulo: Paulinas, 2011.

KUHN, R. Generating creative and innovation in large bureaucracies. Westport; London: Quorum Books, 1993.

LAB FANTASMA. Laboratório Fantasma. Gravadora musical brasileira, 2024. Disponível em: <http://www.labfantasma.com/>.

LATOUR, B. Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia. São Paulo: Edusc, 2004.

Legislação Federal Relacionada ao Saneamento Básico. Disponível em: <https://www.gov.br/ana/pt-br/assuntos/saneamento-basico/legislacao-federal-saneamento-basico>.

LETRAS. Site de letras de músicas colaborativo, 2024. Disponível em: www.letras.com.br.

LOSTADA, L. R.; SOUZA, E. G. Educomunicação e protagonismo juvenil: um novo olhar para a educação. Interfaces da Educação, [S.L.], v. 7, n. 20, p. 140-158, 29 set. 2016. State University of Mato Grosso do Sul. <http://dx.doi.org/10.26514/inter.v7i20.1233>. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/1233>. Acesso em: 10 jan. 2024.

MACHADO, V. P. Sistemas multimídia / Vinicius Ponte Machado – Teresina: EDUFPI, 2019.

MARTÍN-BARBERO, J. La educación desde la comunicación. Buenos Aires, Grupo Editorial Norma, 2002.

MARTÍN-BARBERO, J. Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2004. 478 p.

MEC. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Proposta de parecer sobre reorganização dos calendários escolares e realização de atividades pedagógicas não presenciais durante o período de pandemia da Covid 19. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2020-pdf/144511-texto-referencia-reorganizacao-dos-calendarios-escolares-pandemia-da-covid-19/file>.

MENEZES, D. Comunicação e educação na gestão participativa de unidades de conservação: o caso da APA da Serra da Mantiqueira. Dissertação defendida no Labjor/Unicamp, 2015.



- MENTA, E. Metodologia ou tecnologia. Minas Gerais: UNIPAC - Universidade Presidente Antônio Carlos. 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xLRt0mvvpBk>.
- MORENO, D. H. H. Protagonismo Juvenil no Entrelace da Educomunicação com a Educação Ambiental. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO XLIII. 2020. Salvador. Anais. São Paulo: Intercom, 2020. p. 1-15. Disponível em: www.portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0013-1.pdf. Acesso em: 12 jan. 2024.
- NASA – National Aeronautics and Space Administration. Disponível em: <https://www.nasa.gov/images/>. Acesso em: 19 fev. 2024.
- NETFLIX. Netflix Brasil, 2024. Serviço de streaming por assinatura que permite assistir a séries e filmes em um aparelho conectado à internet. Disponível em: <https://www.netflix.com/>.
- NETO, J.N.A.; QUINTINO, A. S. S.; CORRÊA, J. B.; AMARAL, S. C. S. Educação ambiental com foco em recursos hídricos: uma análise da participação sustentável das escolas públicas e a promoção da cidadania [online]. 2021. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV150_MD1_SA114_ID1644_28072021215144.pdf.
- OROZCO GÓMEZ, G. Entre telas: novos papéis comunicativos e educativos dos cidadãos. In APARICCI, R. (org.). Educomunicação: para além do 2.0. São Paulo: Paulinas, 2014.
- PANORAMA AUDIOVISUAL. Panorama audiovisual Brasil, 2024. Produtora de conteúdo brasileira. Disponível em: <https://panoramaaudiovisual.com.br/5-tendencias-do-mercado-audiovisual-para-2021/>.
- PODCAST, Amarelo Prisma. Disponível em: <https://podcasts.apple.com/br/podcast/amarelo-prisma/id1519873084>.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ. Biomapa: metodologia e experiências – Santo André: democratizando a gestão em áreas de mananciais. Santo André: Prefeitura Municipal de Santo André, 2005.
- RAMOS, G. Conversas. Organização Ieda Lebensztayn e Thiago Mio Salla. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2014.
- RAYMUNDO, M. H. A.; BRANCO, E. A.; BIASOLI, S. A.; SORRENTINO, M. (2019). MonitoraEA: Processo Participativo para a Construção do Sistema Brasileiro de Monitoramento e Avaliação de Políticas Públicas de Educação Ambiental. 2019. DOI 10.29327/510289-1. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/510289-1>.
- RODRIGUES, J. G. N. C. Produção audiovisual em contexto de pandemia: Estratégias para estudantes universitários. 2023. Dissertação (Mestrado em Comunicação Multimídia). Universidade de Aveiro. Disponível em: https://ria.ua.pt/bitstream/10773/39743/1/Documento_Jorge_Rodrigues.pdf.
- SANTOS, M. O dinheiro e o território. In: Milton Santos et al. (Orgs.), Território, territórios: Ensaio sobre o ordenamento territorial (pp. 13-21). Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.
- SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SANTOS, T.M.M.; OLIVEIRA, J. L. S.; OLIVEIRA H. M.; SILVA, E. Recursos hídricos: problemas ambientais e a importância da educação e percepção ambiental. Revista EA. 2018. Disponível em: <https://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=3416>.
- SÃO PAULO. Lei 7663, de 30 de dezembro de 1991. Estabelece normas de orientação à Política Estadual de Recursos Hídricos bem como ao Sistema Integrado de Gerenciamento de Recursos Hídricos. In: GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. A



Educação Ambiental na Gestão de Recursos Hídricos. Portal de educação ambiental. 2019. Disponível em: <https://semil.sp.gov.br/educacaoambiental/2019/08/a-educacao-ambiental-na-gestao-de-recursos-hidricos/>.

SÃO PAULO. Lei nº 12.780, de 30 de novembro de 2007. Institui a Política Estadual de Educação Ambiental. São Paulo: Governo de São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2007/lei-12780-30.11.2007.html>. Acesso em: 01 fev. 2024.

SÃO PAULO. Lei nº 9.866, de 28 de novembro de 1997. Dispõe sobre diretrizes e normas para a proteção e recuperação das bacias hidrográficas dos mananciais de interesse regional do Estado de São Paulo e dá outras providências. Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1997/lei-9866-28.11.1997.html#:~:text=Artigo%201.%C2%BA%20%2D%20Esta%20lei,compat%C3%ADveis%2C%20os%20demais%20usos%20m%C3%BAltiplos>.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das Correntes em educação ambiental. In: M. SATO; I. C. M. CARVALHO (org.). Educação Ambiental. Porto Alegre: Artmed. p. 17-45, 2005.

SEADE - Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Banco de Dados de Informações dos Municípios Paulistas. São Paulo: 2023.

SEBRAE. Mas, afinal o que é empreendedorismo, c2023. Disponível em: <https://www.sebrae-sc.com.br/blog/o-que-e-empreendedorismo>.

SEBRAE. Use a matriz F.O.F.A. para melhorar a empresa, c2015. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/use-a-matriz-fofa-para-corriger-deficiencias-e-melhorar-a-empresa,9cd2798be83ea410VgnVCM2000003c74010aRCRD>.

SEMAS - CONSELHO ESTADUAL DE RECURSOS HÍDRICOS (CERH) - Pará. Disponível em: <https://www.semas.pa.gov.br/diretorias/recursos-hidricos/cerh/>.

SEMASA - Serviço Municipal de Saneamento Ambiental de Santo André - Prefeitura Municipal de Santo André. Disponível em: <https://www.semasa.sp.gov.br/>.

SIGRH - Sistema Integrado de Gerenciamento dos Recursos Hídricos do Estado de São Paulo - Apresentação. Disponível em: <https://sigrh.sp.gov.br/apresentacaosigrh>. Acesso em: 08 fev. 2024.

SOARES, C. F. C.. A rua ainda “é nóiz”? [manuscrito]: a construção midiática do Emicida como rapper empresário, 2018.

SOARES, I. O. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. Comunicação & Educação, v. 19, 2014, p. 15-26.

SOARES, I. O. Educomunicação: conceito, o profissional, a aplicação. Contribuições para o ensino médio. São Paulo, SP: Paulinas, 2011. 124 p.

SORRENTINO, M. et al. Em busca da sustentabilidade educadora ambientalista. Revista Ambientamente sustentável, v. 1, 2010, p. 7-35.

SPAZZIANI, M. L.; GONÇALVES, M. E. C. Construção do conhecimento. In: FERRARO JÚNIOR, L. A. (org.). Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.



VIANA, C. E. A educomunicação possível: teorias da educomunicação revisitadas por meio de sua práxis. In: SOARES, I. O.; VIANA, C. E.; XAVIER, J. B. Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural. ABPEducom. 2017, p. 925 - 942.

VIEIRA, S. R.; MORAIS, J. L.; CAMPOS, M. A. T. (2021). Indicadores para avaliação das políticas públicas de Educação Ambiental nas escolas: uma análise à luz do ciclo de políticas e da teoria da atuação. Educar Em Revista, 37, e78220. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.78220>.

VOLPI, M.; PALAZZO, L. Mudando sua Escola, Mudando sua Comunidade, Melhorando o Mundo! Sistematização da Experiência em Educomunicação. Brasília: UNICEF, 2010.

WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2017. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Loxosceles>>. Acesso em: 20 fev. 2024.

YURIE I. Educação Ambiental: como trabalhar a temática da água de forma prática e engajar os alunos [online]. Nova Escola. 2022. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21178/educacao-ambiental-como-trabalhar-a-tematica-da-agua-de-forma-pratica-e-engajar-os-alunos>.

ZANINI, A.M.; SANTOS, A. R.; MALICK, C. M.; OLIVEIRA, J. A.; ROCHA, M. B. Estudos de percepção e educação ambiental: um enfoque fenomenológico. Pesquisa em Educação e Ciências, v. 23. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epec/a/M8SfznHDFxysDyRbsyYrZJz/?lang=pt#>. Acesso em 22 fev. 2024.

ZIGLIO, L. A. L. Redes socioambientais e a cooperação internacional: GARS. 2012. Dissertação (Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas). Universidade de São Paulo - SP. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-27092012-113608/publico/2012_LucianaZiglio_VCorr1.pdf.

Bibliografia consultada

Educação ambiental e recursos hídricos - Moodle USP: e-Disciplinas. Disponível em: <https://bing.com/search?q=refer%C3%Aancias+bibliogr%C3%A1ficas+sobre+educa%C3%A7%C3%A3o+ambiental+e+recursos+h%C3%ADricos>.

Entenda a Legislação sobre Recursos Hídricos no Brasil. Disponível em: <https://bing.com/search?q=legisla%C3%A7%C3%A3o+sobre+recursos+h%C3%ADricos+no+Brasil>.

Entenda a Legislação sobre Recursos Hídricos no Brasil. Disponível em: <https://reyabogado.com/brasil/qual-a-lei-da-agua/>.

ESTÁCIO. Faculdade Estácio, 2024. Instituição educacional particular. Disponível em: <https://www.estacio.br/>.

ISTO É PUBLICAÇÕES. Isto é, 2024. Portal digital informativo independente. Disponível em: <https://istoe.com.br/>.

KIDSCREEN. Kidscreen Magazine, 2024. Plataforma digital registrada da Brunico Communications Ltd. Disponível em: <http://www.kidscreen.com>.

NATURA COSMÉTICOS. Natura. Marca de cosméticos brasileira, 2024. Disponível em: natura.com.



PORQUEEU FILMES. Atividades cinematográficas, produção de vídeos, gravação de som e edição de música. Plataforma youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCL-bSRUSA7gEfhc6zkfevqA>.

ROCK CONTENT. Empresa brasileira de marketing. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/>.

TECNOBLOG. Empresa brasileira de tecnologia. Disponível em: www.tecnoblog.net.

TV FOCO. O tv foco. Plataforma digital informativa com assuntos relacionados à TV e à atualidades. Disponível em: <https://www.otvfoco.com.br/>.

UOL. Uol Tab. Plataforma de reportagens especiais multimídia interativa. Disponível em: tab.uol.com.br.

WWF. WWF Brasil. Organização não governamental brasileira sobre meio ambiente. Disponível em: www.wwf.org.br.





The logo features the word "ANEXOS" in a bold, white, sans-serif font, centered within a dark blue, irregularly shaped graphic element. This dark blue shape is layered over a teal background and partially overlaps three white, semi-circular shapes that are arranged horizontally across the middle of the image.

ANEXOS



Nome completo: _____

Nome social (se tiver): _____

Data de nascimento: _____ Telefone: _____

E-mail: _____

RG: _____ CPF: _____

Facebook/Instagram ou outras redes sociais: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ CEP: _____

Gênero: () masculino () feminino () outro () prefiro não dizer

Atualmente você: () trabalha () estuda () nenhum

Formação: () fundamental incompleto () fundamental completo

() ensino médio incompleto () ensino médio completo () ensino superior incompleto

() ensino superior completo () pós-graduação

Por que se interessou pelo curso Água, Câmera e Ação?

Gerência de Educação e Mobilização Ambiental
 4433 - 9050 / educambiental@semasa.sp.gov.br
 R. Igarapava, 250 - Vila Valparaíso, Santo André - SP, 09060-170



FICHAS DE ENTRADA E SAÍDA UTILIZADAS NAS AVALIAÇÕES

FICHA DE ENTRADA

1- Nome /ou apelido: _____

2- Idade: _____

3- Quais são suas expectativas para o Projeto Água, Câmera e Ação?

4- Possui câmera que filma?

a) Sim b) Não

5- Se sim, que tipo de câmera?

a) Celular (marca, modelo se souber), resolução da (s) câmeras

b) Câmera Fotográfica c) Handcam d) Webcam f) Outras (especifique)

6- Como você tem acesso à internet?

() de casa () dados no celular () escola

7- Cite três estilos musicais que gosta

8- Para você, o que é o audiovisual?

9- Que relação pode ser estabelecida entre o audiovisual e a educação ambiental?

10- Complete a frase com uma palavra:

Água é _____

Com a câmera é possível _____

11- Sublinhe os gêneros de filme que gosta:

() Aventura () Ação () Comédia () Suspense () Musical () Drama () Documentário () Animação

12- Cite um ou mais filmes que marcaram sua vida.

13- O que o audiovisual pode contribuir com a conservação ambiental?

14- Indique dois locais com problemas ambientais na comunidade e os tipos de problemas que ocorrem nos locais indicados.

15 - Dois temas que gostaria que fosse gravado na oficina Água, Câmera e Ação?

FICHA DE SAÍDA

1- Endereço de e-mail: _____

2- Nome completo: _____

3- Esta oficina atendeu suas expectativas? Cite os motivos.

4- Como a experiência na oficina afetou as suas percepções sobre a água e o meio ambiente?

5- Qual a sua avaliação das oficinas Água, Câmera e Ação? Destaque pontos positivos e negativos. Quais são suas sugestões para o nosso projeto?

6- O que você achou do resultado do vídeo do qual participou?

7- Escreva suas considerações sobre a relação entre o audiovisual e a educação ambiental.

8- Reflita o que o audiovisual pode contribuir com a conservação ambiental.

9 - Teria interesse e disponibilidade para participar do Módulo 2? O tema será Recursos hídricos, sensibilização ambiental e linguagem cinema-documentário, serão 30 encontros com carga horária total de 100 horas?

SIM () NÃO ()

10 - Teria interesse e disponibilidade para participar do Módulo 3? O tema é Empreendedorismo Digital, serão 10 encontros com carga horária total de 40 horas.

SIM () NÃO ()



ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DAS MOSTRAS E CINEDEBATES

ROTEIRO GERAL

1. Boas-vindas

Contextualização do evento/ projeto; apresentação geral da equipe do Projeto e dos participantes; apresentação da programação do evento.

2. Exibição dos vídeos

Antes de assistir aos vídeos, os participantes serão instruídos a escrever (em papel ou no celular) uma palavra para representar cada vídeo, para assim estimular a reflexão acerca dos temas tratados. Ao final da exibição e fala da convidada, algumas pessoas serão convidadas para ler em voz alta as palavras escolhidas.

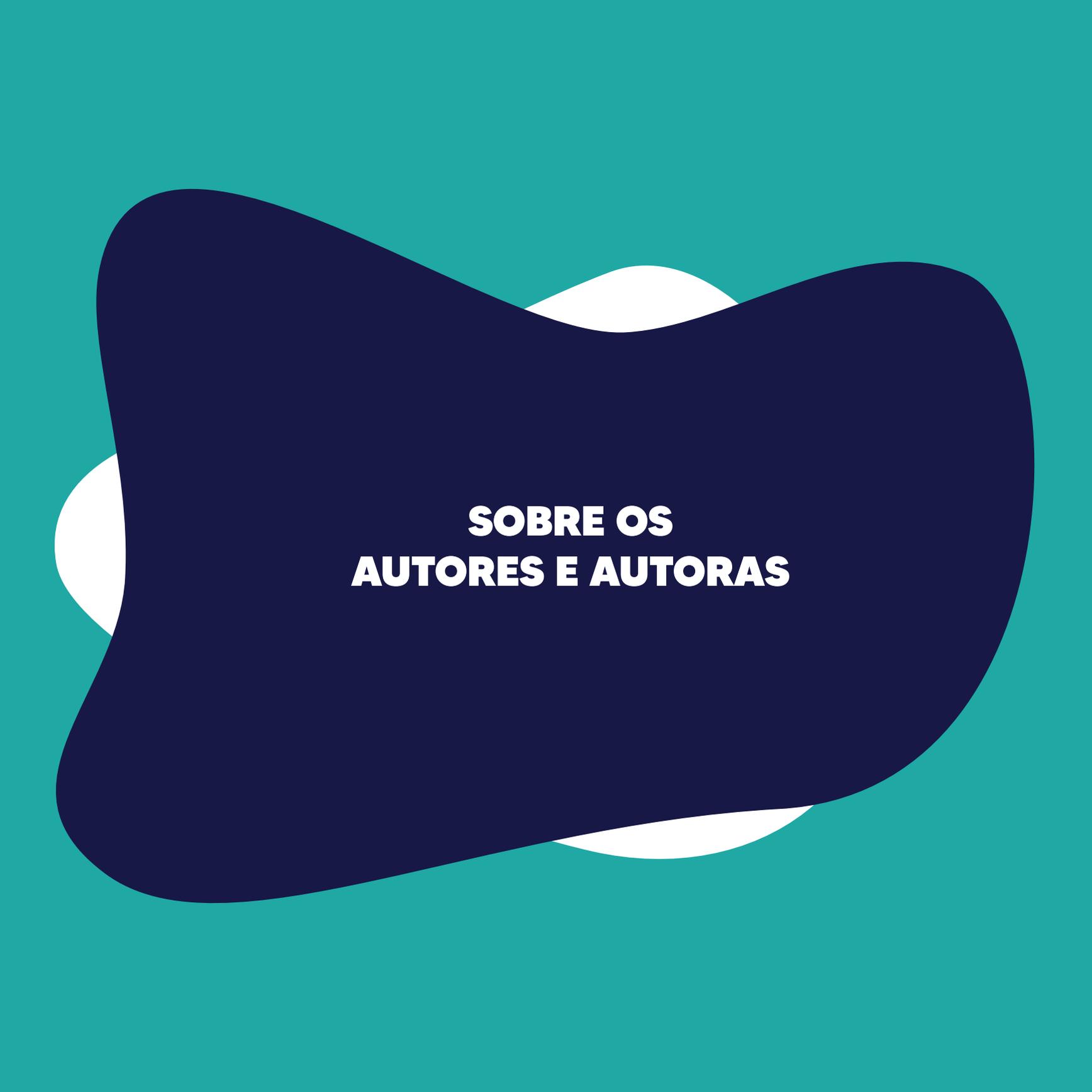
3. Abertura para questionamentos e bate papo com os participantes

Reflexões iniciais e aspectos importantes a serem levantados:

- ▶ Os temas trazidos fazem parte do dia a dia de vocês? De que forma?
- ▶ Como a presença da água se mostra nos curtas?
- ▶ O que há em comum e divergente entre os vídeos?
- ▶ O que é uma água boa para beber?
- ▶ Na relação entre passado e futuro, quais as mudanças trazidas com a urbanização?
- ▶ O que falta para as pessoas cuidarem mais dos locais em que moram? E da água?
- ▶ Vocês acham que estes filmes podem ser utilizados como um alerta para as pessoas? Por quê?
- ▶ Que ações sustentáveis podemos ter em nosso dia a dia?
- ▶ Como o audiovisual pode melhorar a sensibilização acerca da conservação da água?
- ▶ De que forma podemos contribuir com as próximas gerações?





The image features a solid teal background. A large, dark blue, irregularly shaped graphic element is centered on the page. Within this dark blue shape, there are three white, semi-circular or circular cutouts. The text "SOBRE OS AUTORES E AUTORAS" is centered within the dark blue area in a bold, white, sans-serif font.

**SOBRE OS
AUTORES E AUTORAS**

Adriano Gonçalves: Diretor presidente e coordenador de marketing do Instituto Social Cultural Brasil. Produtor audiovisual, graduado em marketing, com experiência em trade marketing/ merchandising no varejo alimentar.

Allan Santos de Oliveira: formado em Engenharia Ambiental pelas Faculdades Oswaldo Cruz, Mestre em Ciências (Saúde Pública) pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Ocupa cargo de analista ambiental na Prefeitura Municipal de Suzano desde 2017. É coordenador da Câmara Técnica de Educação Ambiental do Comitê da Bacia Hidrográfica do Alto Tietê.

Elaine Cristina da Silva Colin: bióloga, mestre e doutora em Ciências (área Serviços de Saúde Pública) pela Faculdade de Saúde Pública - USP, com especialização em Educação Ambiental (USP). Atualmente é Gerente de Educação e Mobilização Ambiental pelo Serviço Municipal de Saneamento Ambiental de Santo André.

Fábio Fetter: Jornalista e cronista urbano, diretor de projetos e relações institucionais do Instituto Social Cultural Brasil, coordenador do Pólo de Música, Cinema e TV de Suzano, (Pref.Suzano/2022/2023), e em projetos no Sesc SP, Secretaria do Estado da Cultura e Indústria Criativa, Ministério da Justiça e Segurança Pública, Min. Cultura e Pref. São Paulo.

Flávio Shimoda: Antropólogo, Fotógrafo, Professor Doutor em Teorias do Design e da Fotografia, Autor do livro 'Imagem Fotográfica', Artista pesquisador e Assessor Especial de Políticas Públicas na Secretaria de Cultura de Santo André.

Francisca Adalgisa da Silva: formada em Ciências Sociais, pela Fundação ABC, pós-graduada em Gestão Ambiental pelo Senac e em Gestão de Políticas Públicas pela Unifesp. Ocupa o cargo de Analista de Sistemas de Saneamento na Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo há 35 anos.

Karoline Ferreira dos Santos: Gestora Ambiental e Especialista em Gestão de Projetos e Programas Sociais, pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Educadora ambiental desde 2010 na região do grande ABC. Atualmente atuando na Secretaria de Mobilidade Urbana da prefeitura de Santo André, na equipe da Gerência de Educação de Trânsito.

Maria Fernanda Romanelli: formada em Ciências Biológicas e Mestre em Ciências Ambientais. Ocupa cargo de Especialista Ambiental na Secretaria de Meio Ambiente e Infraestrutura Logística do Governo do Estado de São Paulo desde 2009.

Mariana Espinossi Roza: formada em Ciências Biológicas, com especialização em Educação Ambiental e Sustentabilidade. Há 15 anos atuando como professora na área de biologia, ciências e disciplinas ambientais, em instituição pública e privada. Há 12 anos atuando como coordenadora do Curso Técnico em Meio Ambiente, na Etec Júlio de Mesquita.

Natan Melo Cazetta: formado como Técnico em Meio Ambiente pela ETEC Júlio de Mesquita, atualmente cursa Bacharelado em Ciência e Tecnologia pela Universidade Federal do ABC. Em 2022 e 2023, realizou um projeto de Iniciação Científica em parceria com a Universidade Federal do ABC focada no tratamento de água.

Paula Regina Padial Hirata: formada em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo. Mestre em Ecologia de Ecossistemas Aquáticos e Terrestres pela Universidade de São Paulo. Bióloga da Gerência de Educação e Mobilização Ambiental do Semasa desde 2009.



Paloma Alvarez Alonso: formada em jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo. Especialista em Comunicação Empresarial também pela Universidade Metodista de São Paulo, está no Semasa desde 2007, atuando diretamente na Coordenadoria de Comunicação Social da autarquia desde 2009.

Rafaela de França: Bióloga, formada pelo Centro Universitário São Camilo. Especialista em Educação Ambiental para a Sustentabilidade pelo Centro Universitário Senac. Agente Ambiental da Gerência de Educação e Mobilização Ambiental desde 2013.

Soraia Oliveira Costa: Mestra em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFABC/2015). Formada em Ciências Sociais (CUFSA/2009). Coordenadora de Gestão Pedagógica na rede pública. Coordena e também atua como educadora em projetos sociais ligados aos direitos humanos, meio ambiente e esporte. Produtora audiovisual e fotógrafa. Ativista socioambiental.

Susi Elena dos Santos: Jornalista formada pela UMESP (Universidade Metodista de São Paulo), trabalha na Coordenadoria de Comunicação Social do Semasa desde 2016, exercendo, desde 2020, o cargo de Assistente de Direção. Atua com projetos sociais, principalmente relacionados à temática ambiental, de saneamento, saúde, cultura e moradia.

Thaís Brianezi: professora da Licenciatura em Educomunicação e do Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).







AGRADECIMENTOS

À Dirigente Regional de Ensino de Santo André:

Profª Ariane Aparecida Butrico

Aos alunos, professores, coordenadores e equipe gestora das Unidades Escolares e Instituições Assistenciais:

CLASA – Casa Lions de Adolescentes de Santo André

EE Amaral Wagner

EE Educador Pedro Cia

EE Padre Agnaldo Sebastião Vieira

EE Papa Paulo VI

EE Prof.º Bernaldo Toledo Piza

EE Prof.º Ovídio Pires de Campos

EE Senador Lacerda Franco

EE Valdomiro Silveira

Instituição Beneficente Irmã Marli

Núcleo Assistencial e Educacional a Caminho da luz (NAECAL)

Às Secretarias da Prefeitura de Santo André:

Secretaria de Cultura

Secretaria de Educação

Secretaria de Meio Ambiente

Secretaria de Planejamento Estratégico e Licenciamento

Aos Colaboradores:

Adriana Toledo

Ana Cristina da Silva

Alexandre F. Oliveira

Ana Paula de Oliveira Lepori

Beatriz Prata Soares da Silva

Cleusa Caethano da Silva

Edilene Vieira Fazza

Eraldo de Paula

Fabiana Batista de Sousa

Felipe Andarillo

Fran Rocha

Ingo Grantsau



Israel Mário Lopes

Juan Martinez

Leandro Wada Simone

Lincoln Gonçalves Couto

Márcio Gaiotto

Marta Marcondes

Newton José Barros Gonçalves

Nilson Oliveira Bispo

Renê Pataro da Silva

Rogério dos Santos Silvério

Silvio Vieira

Soeli Moreira Borges

Valquíria Umbelina da Silva

Veridiana Godoy

Virgílio Alcides Farias

Vitória Allejandra Salazar Herrera







**CRÉDITOS
INSTITUCIONAIS**

Créditos Institucionais

Prefeito

Paulo Henrique Pinto Serra

Vice-prefeito

Luiz Zacarias de Araújo Filho

Superintendência do Semasa

Ajan Marques de Oliveira

Edinilson Ferreira dos Santos

Diretoria de Gestão Ambiental

Eriane Justo Luiz Savóia

Nathalia Padovanni

Gerência de Educação e Mobilização Ambiental

Elaine Cristina da Silva Colin

Rafaela de França

Coordenadoria de Comunicação Social

Waldir Luiz da Silva

Paloma Alvarez Alonso

Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos



Equipe Técnica do Projeto

Gerência de Educação e Mobilização Ambiental e Coordenadoria de Comunicação Social (Semasa)

Coordenação geral

Elaine Cristina da Silva Colin

Rafaela de França

Apoio Técnico

Karoline Ferreira dos Santos

Paula Regina Padial Hirata

Paloma Alvarez Alonso

Priscilla Martins Mendes Ciarallo

Rodrigo de Arruda Gonçalves

Sabrina Jerônimo

Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos

Colaboradores

Aldo Gomes da Costa Filho

Cleonice Almeida Pinto

Elaine Moraes de Albuquerque

Elena Maria Rezende

Idelazir Aparecida de Souza Cau

João Aparecido Mendes

Kátia Andrea Marini Marson

Maria de Lourdes Lopes Sousa

Mariangela Devienne

Nathalia Padovanni

Stella Marla Siste

Ricardo Amaral

Robson da Silva Moreno

Therezinha Zanusso

Washington de Araújo



Instituto Social Cultural Brasil (ISCB)

Coordenação

Adriano Gonçalves

Fábio Fétter

Soraia Oliveira Costa

Apoio Técnico:

Ana Beatriz de Paiva Matos

Beatriz Costa

Carlos Guerra

Catarina Mendes

Cauê Colodro

Daniela Costa

Denis Trancoso

Eduardo Araújo

Felipe Uematu

Gleice Neves

Lorena Galati

Lucas Ferreira

Marina Rosmaninho

Maurício Silva

Mayrê Oliveira

Marcio Ackermann

Marcel Carneiro

Nayana Fernandez

Rodolfo Oshoa

Rodrigo Barbassa

Ronaldo Maia



Revisão da publicação

Fernando Cruseiro

Paloma Alvarez Alonso

Paula Regina Padial Hirata

Sabrina Jerônimo

Susi Elena Gonçalves Ernesto dos Santos

Waldir Luiz da Silva

Arte da publicação

Capa: Alexandre Colin

Identidade visual: Instituto Social Cultural Brasil (ISCB)

Arte e diagramação: Renato Ferreira de Araújo

Realização

Prefeitura Municipal de Santo André

Serviço Municipal de Saneamento Ambiental de Santo André

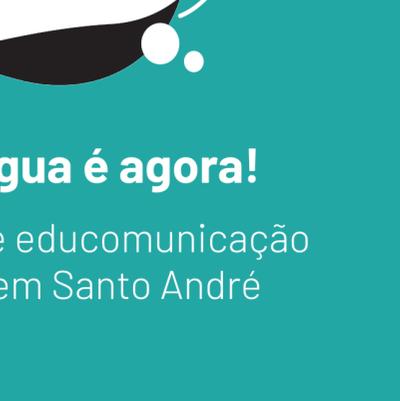
Comitê da Bacia Hidrográfica do Alto Tietê

Fundo Estadual de Recursos Hídricos do Estado de São Paulo

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.







O futuro da água é agora!

Uma experiência de educomunicação socioambiental em Santo André



Como criar condições para o engajamento da juventude em questões ambientais de forma criativa e motivadora? Como promover a leitura do território para aguçar o olhar sobre as águas para além do óbvio e, ao mesmo tempo, incorporar o cotidiano, e as vozes e ações sociais que o permeiam?

Água, Câmera e Ação, apesar do nome, não traz o roteiro de um documentário, mas sim o percurso conceitual e prático de um projeto de educação ambiental para juventude, aliás com a juventude! Mostra a potência da educomunicação socioambiental em processos educativos voltados à sustentabilidade, territorialidade e à justiça social. Com certeza, uma inspiração para ação em escolas e comunidades.

Não jogue objetos em vias públicas. Ligue 100 para denunciar abuso e exploração sexual contra crianças e adolescentes. Não use drogas.

